

Ana Margarida da Silva Neves Loureiro

## **Relatório de Prática Pedagógica**

### **Metodologias de Ensino da História e da Geografia numa Escola TEIP**

Relatório de Prática Pedagógica apresentado à Universidade Portucalense Infante D. Henrique, no Porto para a obtenção do Grau de Mestre em Ensino da História e Geografia no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

Trabalho realizado sob a orientação dos seguintes professores:

**Orientação Pedagógica:**

Professora Doutora Marta Cristina Lopes Abelha

Professora Doutora Ana Sílvia Albuquerque de Oliveira Nunes

**Orientação Científica:**

Professora Doutora Isabel Maria Marinho Vaz de Freitas

Professor Doutor Bruno Manuel dos Santos de Castro Martins



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

Universidade Portucalense Infante D. Henrique  
Departamento de Ciências da Educação e do Património  
Novembro, 2013

## **Resumo**

Este trabalho, enquanto relatório de Prática Pedagógica no Ensino da História e da Geografia no 3º Ciclo e no Ensino Secundário, é para além de uma síntese das atividades intrínsecas às práticas pedagógicas, uma reflexão sobre os métodos e instrumentos pedagógicos utilizados. Com a diversidade de recursos e instrumentos pedagógicos à disposição dos professores, é fundamental que estes saibam utilizá-los da melhor maneira.

No presente relatório estão descritas as atividades desenvolvidas durante a prática pedagógica e a importância das mesmas para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social dos alunos. Neste relatório caracterizo a instituição que me acolheu durante o processo de prática pedagógica. Sendo uma escola TEIP analiso a importância do envolvimento da comunidade para o sucesso do processo de ensino e aprendizagem dos alunos numa escola deste tipo. Para além disso, indico quais as principais dificuldades que o professor estagiário encontra numa escola TEIP e reflito sobre os métodos e estratégias mais adequadas para que os alunos tenham sucesso no seu percurso escolar.

Palavras-chave: Processo Ensino-aprendizagem, Metodologias, Escola TEIP

## **Abstract**

This work, as a report in Educational Practice in teaching History and Geography in the 3rd grade and Secondary School, is more than a summary of established activities in educational practices, a reflexion about the methods and educational instruments used. Being the resources diversity and educational instruments available to teachers, it is crucial they know the best way to use these.

In the present report it is explained how the activities were developed throughout the educational practice and its importance to cognitive, emotional and social evolution of the students. A description of the institution that received me was made in the course of the educational practice process. Being a TEIP (Educational Territories of Priority Intervention) school, the importance of the community's envelopment for the success of the teaching was analyzed, as well as the learning process of students in a school of this kind. Besides, it also contains the main difficulties that the trainee teacher find in a TEIP school and about the best methods and strategies for the students to have success during their school

Keywords: Teaching learning process; Methodologys, TEIP school

## **Agradecimentos**

Este relatório de estágio é o resultado de vários contributos. O meu agradecimento a todos os docentes do Mestrado pela disponibilidade e ajuda sempre demonstradas.

Agradeço também às professoras cooperantes e aos alunos das turmas nas quais lecionei.

Um profundo agradecimento a todos aqueles que me acompanharam neste percurso, que me apoiaram e me ajudaram a superar as vicissitudes. Por fim, um especial agradecimento aos meus pais, por me terem ajudado a ser quem sou.

## Sumário

Introdução .....	12
Capítulo 1- Descrição do contexto da prática pedagógica .....	14
1.1 - Caracterização da instituição de acolhimento .....	14
1.2 -Descrição das funções do profissional e do seu papel enquanto estudante da prática pedagógica na Instituição .....	17
Capítulo 2 - Explicitação do plano de prática pedagógica .....	19
2.1- Explicitação do plano de prática pedagógica em Geografia .....	20
2.2- Explicitação do plano de prática pedagógica em História .....	24
Capítulo 3 - Descrição e fundamentação das atividades de prática pedagógica .....	28
3.1- Organização e gestão do ensino e da aprendizagem em Geografia ..	28
3.2- Organização e gestão do ensino e da aprendizagem em História.....	36
3.3- Participação na escola e relação com a comunidade .....	45
Capítulo 4 - Reflexão crítica fundamentada sobre os resultados obtidos de aprendizagem .....	48
4.1 Os resultados obtidos na aprendizagem .....	48
4.1.1 A avaliação sumativa em Geografia .....	48
4.1.2 A avaliação sumativa em História .....	49
4.2 - Opções metodológicas em contexto de sala de aula .....	51
4.2.1 Estudo – Metodologias no Ensino da Geografia .....	53
4.2.2 Estudo – Metodologias no Ensino de História .....	70
4.3-Desenvolvimento profissional docente.....	95
Conclusão .....	97
Referências bibliográficas .....	99
Anexos .....	106

## Índice de quadros

Quadro 1- Distribuição de horas de prática pedagógica de Geografia em contexto de escola .....	22
Quadro 2 - Aulas lecionadas de Geografia .....	22
Quadro 3 - Aulas observadas de Geografia .....	23
Quadro 4 – Atividade desenvolvida pelo núcleo de estágio aplicada na turma de Geografia na qual lecionei .....	23
Quadro 5- Distribuição de horas de prática pedagógica de Geografia em contexto de escola .....	26
Quadro 6 - Aulas lecionadas de História .....	26
Quadro 7 – Aulas observadas de História .....	27
Quadro 8 – Atividade desenvolvida pelo núcleo de estágio aplicada na turma de História na qual lecionei .....	27
Quadro 9 - Reuniões de Conselho de Turma .....	45
Quadro 10 - Reuniões pré-observação das aulas a lecionar .....	45
Quadro 11 - Reuniões pós - observação das aulas lecionadas .....	45
Quadro 12 - Reunião de Departamento .....	46
Quadro 13 - Atividades desenvolvidas pelo núcleo de estágio .....	46

## Índice de gráficos

Gráfico 1 - Classificação da turma 7º ano – 2º Período .....	21
Gráfico 2 - Classificação da turma 7º ano – 3º Período .....	21
Gráfico 3 - Classificação da turma 8º ano – 1º Período .....	25
Gráfico 4 - Classificação da turma 8º ano – 2º Período .....	25
Gráfico 5 - Classificação da turma 8º ano – 3º Período .....	25
Questionário de Geografia	
Gráfico 6 - Sexo .....	53
Gráfico 7 - Ano de escolaridade .....	anexo
Gráfico 8 - Ficaste retido algum ano? .....	anexo
Gráfico 9 - Estudas Geografia todos os dias? .....	54
Gráfico 10 - Estudas habitualmente em casa? .....	anexo
Gráfico 11 - Alguém te ajuda a estudar?.....	55
Gráfico 12 - Tiveste negativas no ano anterior? .....	anexo
Gráfico 13 - Tiveste boas notas no ano anterior? .....	anexo
Gráfico 14 - Gostas de Geografia? .....	55
Gráficos 15 a 18 – Gosto de Geografia porque ... ..	anexo
Gráficos 19 a 22- .....	anexo
Gráficos 23 a 30- Que temas de Geografia te despertam mais interesse? anexo	
Gráfico 31 - Já desenhaste e analisaste mapas? .....	56
Gráfico 32 - Já desenhaste e analisaste gráficos?.....	57
Gráfico 33 - Com que frequência vês e comentas filmes/documentário .....	57
Gráfico 34 - Realizas trabalhos individuais de pesquisa? .....	anexo
Gráfico 35 - Já trabalhaste em grupo? .....	anexo
Gráfico 36 - Costumas interpretar mapas, imagens, fotografias, etc.? .....	59
Gráfico 37 - Discutes assuntos nas aulas? .....	59
Gráfico 38 - Realizas debates à volta de uma mesa? .....	60
Gráfico 39 - Já fizeste um trabalho com professores de várias disciplinas? ..	60
Gráfico 40 - Já construístes <i>dossiers</i> temáticos? .....	anexo
Gráfico 41 - É habitual fazeres resumos? .....	anexo
Gráfico 42 - Já fizeste visitas de estudo através da internet? .....	62
Gráfico 43 - Já elaboraste trabalhos usando as tecnologias? .....	62
Gráfico 44 - O professor costuma expor a matéria? .....	63
Gráfico 45 - Fazes <i>Portfolio</i> ? .....	63
Gráfico 46 - O teu professor anota as tuas ideias no quadro? .....	64

Gráfico 47 - Fazes trabalhos com um objetivo específico? .....	anexo
Gráfico 48 - Resolves situações-problema? .....	anexo
Gráfico 49 - Já fizeste saídas de campo? .....	65
Gráfico 50 - Constróis esquemas? .....	66
Gráfico 51 - Recebes convidados nas tuas aulas? .....	66
Gráfico 52 - Participas em conferências sobre temas? .....	67
Gráfico 53 - O professor usa tecnologias na sala de aula? .....	68
Gráfico 54 - Se sim, quais? .....	68

#### Questionário de História

Gráfico 55 - Sexo .....	70
Gráfico 56 - Frequentaste que ano de escolaridade? .....	anexo
Gráfico 57 - Ficaste algum ano retido? .....	71
Gráfico 58 - Estudas História todos os dias? .....	71
Gráfico 59 - Estudas habitualmente em casa? .....	72
Gráfico 60 - Alguém te ajuda a estudar? .....	72
Gráfico 61 - Tiveste negativas do ano anterior? .....	anexo
Gráfico 62 -Tiveste muito boas notas no ano anterior? .....	anexo
Gráfico 63 - Gostas de História? .....	73
Gráfico 64 - Gosto de História porque... .....	74
Gráfico 65 - Que temas de História te despertam mais interesse? .....	74
Gráfico 66 - Não gosto de História porque... .....	75
Gráfico 67 - Que temas de História gostas menos? .....	76
Gráfico 68 - Já desenhaste e analisaste mapas? .....	76
Gráfico 69 - Já tocaste em objetos arqueológicos? .....	77
Gráfico 70 - Com que frequência vês e comentas filmes/documentários? ....	77
Gráfico 71 - Realizas trabalhos individuais de pesquisa? .....	78
Gráfico 72 - Costumas fazer a análise de documentos? .....	78
Gráfico 73 - Elaboras e analisas tabelas cronológicas/ cronologias? .....	79
Gráfico 74 - Já trabalhaste em grupo? .....	80
Gráfico 75 - Costumas interpretar imagens, fotografias, etc.? .....	80
Gráfico 76 - Fazes representações teatrais na sala de aula? .....	81
Gráfico 77 - É habitual veres imagens/ objetos antigos? .....	81
Gráfico 78 - Discutes assuntos nas aulas? .....	anexo
Gráfico 79 - Realizas debates à volta de uma mesa? .....	82
Gráfico 80 - Já descreveste a vida de personalidades? .....	83
Gráfico 81 - Já fizeste um trabalho com professores de várias disciplinas? ..	83
Gráfico 82 - Já elaboraste e analisaste gráficos? .....	84
Gráfico 83 - Já construístes <i>dossiers</i> temáticos? .....	84
Gráfico 84 - Já construístes um dicionário de conceitos/ glossário? .....	85
Gráfico 85 - É habitual fazeres resumos? .....	86

Gráfico 86 - Já fizeste visitas de estudo através da internet? .....	86
Gráfico 87 - Já elaboraste trabalhos usando as tecnologias? .....	87
Gráfico 88 - O professor costuma expor a matéria? .....	87
Gráfico 89 - Fazes Portfólio?.....	88
Gráfico 90 - O teu professor anota as tuas ideias no quadro? .....	89
Gráfico 91 - Fazes trabalhos com um objetivo específico? .....	89
Gráfico 92 - Resolves situações-problema? .....	90
Gráfico 93 - Já simulaste situações históricas? .....	90
Gráfico 94 - Constróis esquemas? .....	91
Gráfico 95 - Recebes convidados nas tuas aulas? .....	91
Gráfico 96 - Participas em conferências sobre temas? .....	92
Gráfico 97 -O professor usa tecnologias na sala de aula?.....	93
Gráfico 98 - Se sim, quais? .....	93

## Índice de anexos

Anexo 1 – Autorização da Escola .....	108
Anexo 2- Planificação das aulas de Geografia lecionadas em 10 de abril ....	109
Anexo 3- Recursos utilizados nas aulas de Geografia lecionadas em 10 de abril de 2013 .....	113
Anexo 4 - Questões relativas à matéria lecionada por mim em 10 de abril, incluídas no teste sumativo de Geografia e grelha de correção das mesmas	119
Anexo 5- Planificação das aulas de Geografia lecionadas em 8 de maio ...	123
Anexo 6 – Recursos utilizados nas aulas de Geografia lecionadas em 8 de maio de 2013 .....	127
Anexo 7 – Questões relativas à matéria lecionada por mim em 8 de maio incluídas no teste sumativo de Geografia e grelha de correção das mesmas .....	131
Anexo 8 - Planificação das aulas de História lecionadas em 17 de abril .....	133
Anexo 9 - Recursos utilizados nas aulas de História lecionadas em 17 de abril de 2013.....	136
Anexo 10 - Questões relativas à matéria lecionada por mim em 17 de abril incluídas no teste sumativo de História e grelha de correção das mesmas	141
Anexo 11 – Planificação das aulas de História lecionadas em 29 de maio ..	144
Anexo 12 – Recursos utilizados nas aulas de História lecionadas em 29 de maio de 2013 .....	148
Anexo 13 – Questões relativas à matéria lecionada por mim em 29 de maio incluídas no teste sumativo de História e grelha de correção das mesmas	153
Anexo 14 - Guião da visita de estudo “Os Caminhos do Liberalismo” .....	155
Anexo 15 – Panfleto de divulgação da Conferência “Alterações Climáticas no Alasca” .....	168
Anexo 16- Questionário de Geografia .....	169
Anexo 17 – Questionário de História .....	172
Anexo 18 – Gráficos .....	177

## **Abreviaturas utilizadas**

ATL - Atividades de Tempos Livres

PE TEIP – Projeto Educativo Território de Intervenção Prioritária

RI- Regulamento Interno

RSI - Rendimento Social de Inserção

TEIP – Território Educativo de Intervenção Prioritária

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

## Introdução

O presente relatório, elaborado no âmbito do Mestrado em Ensino da História e da Geografia, no 3º Ciclo e Ensino Secundário, pretende ser uma reflexão sobre todo o contexto e trabalho que envolveu a prática pedagógica. A prática pedagógica pode ser definida “como uma experiência de formação estruturada e como um marco fundamental na formação e preparação dos alunos para a entrada no mundo profissional” (Caires & Almeida, 2000, p.219).

Desta forma, o documento que agora elaboro, não é apenas a caracterização de uma instituição, mas reflete também a minha aprendizagem, a nível da planificação das aulas e da realização das atividades pedagógicas, tentando integrar, nesse aspeto, as competências que adquiri ao longo das diversas unidades curriculares que compuseram este Mestrado. Nestas páginas, descreverei a forma como a perceção que tinha sobre a prática pedagógica foi sendo, ao longo do desenvolvimento do processo pedagógico, alterada, enriquecida, ponderada e repensada. Assim, aperfeiçoei a minha conduta e alterei o meu modo de resolução de problemas a nível da prática pedagógica e das estratégias utilizadas. Se a prática pedagógica permite melhorar a capacidade de planificação das aulas, ela permite, também, saber lidar com problemas éticos, com os quais nos vamos deparando no dia a dia da prática pedagógica, que surgem da relação de interdependência existente entre os vários agentes da comunidade escolar (professores, alunos, funcionários, pais).

A prática pedagógica tem, desta forma, os seguintes objetivos: promover a capacidade de reflexão do professor sobre práticas, fundamentando decisões e condutas que permitam a resolução de problemas; demonstrar raciocínio crítico; demonstrar autonomia científica, técnica e sentido de responsabilidade; comunicar conclusões, fundamentando com o conhecimento os raciocínios a elas subjacentes, quer a especialistas, quer a não especialistas, de uma forma clara e sem ambiguidades.

Este relatório é composto por uma primeira parte, Capítulo 1, na qual é feita a descrição do contexto da prática pedagógica, particularizando-se a caracterização da instituição de acolhimento e a descrição das funções do profissional e do seu papel enquanto professor em formação na Escola. No Capítulo 2, é apresentada a explicitação do plano de prática pedagógica em Geografia e em História, tendo por base o diagnóstico de necessidades e o cronograma de atividades de cada uma das disciplinas. Posteriormente, no Capítulo 3, descreve-se, de forma fundamentada, as atividades a nível da organização e gestão do ensino e da aprendizagem em Geografia e em História. Neste Capítulo, descrevo, igualmente, a minha participação na Escola e a relação com a comunidade escolar, nomeadamente a participação em reuniões de trabalho e em atividades. Por fim, no Capítulo 4, é feita uma reflexão crítica sobre os resultados obtidos de aprendizagem, nas aulas lecionadas por mim, relacionando-os com as opções metodológicas, com os instrumentos de avaliação utilizados e com a análise dos resultados do inquérito por questionário sobre o tema aplicado aos alunos. Neste último Capítulo, é igualmente elaborada uma reflexão sobre a minha auto e heteroavaliação. O relatório termina com as conclusões finais sobre todo o processo que envolveu a prática pedagógica.

# Capítulo 1- Descrição do contexto da prática pedagógica

## 1.1– Caracterização da instituição de acolhimento<sup>1</sup>

A Escola EB 2/3 do Viso está inserida no Agrupamento de Escolas do Viso, sendo um Agrupamento TEIP (Território Escolar de Intervenção Prioritária), constituído pelas seguintes Escolas: “Escola EB 2/3 do Viso, situada na freguesia de Ramalde, na parte norte da cidade, junto ao Bairro de Sto. Eugénio; EB1/JI do Viso, situada no Bairro do Viso, EB1/JI das Cruzes, situada no Bairro de Ramalde do Meio; EB1/JI dos Correios, situada em Pereiró, no Bairro dos Correios; EB1/JI das Campinas, situada no Bairro das Campinas; Jardim-de-infância da Avenida de Vasco da Gama, situado na Av. de Vasco da Gama e Jardim-de-infância Ferreira de Castro, situado no Bairro do Viso”. (PETEIP, 2008, p.8)

A Escola situa-se na freguesia de Ramalde, concelho do Porto, e abrange uma superfície de 5,68 km<sup>2</sup>, com grande densidade populacional. Nesta freguesia existem 12 bairros sociais, onde habita 40% da população, resultantes do processo de realojamento de moradores que viviam em habitações denominadas “ilhas”, de grande precariedade. No entanto, recentemente nota-se a existência, nesta área territorial de um aumento de residências de grande qualidade e até de luxo. A população residente tem ainda, na sua grande maioria, um baixo grau de escolaridade, exercendo por isso, atividades pouco qualificadas e precárias. Trata-se assim, de uma população problemática no que diz respeito aos fatores socioculturais. Desta forma, predominam graves problemas sociais e económicos, tais como desestruturação familiar, percursos relacionados com a toxicod dependência (consumo e tráfico) e com a delinquência juvenil. De registar ainda, o facto de

---

<sup>1</sup> A autorização para identificação da escola, foi diferida a 7 de agosto de 2013 e encontra-se em anexo (ver anexo 1)

Os elementos presentes nesta caracterização foram recolhidos a partir de documentos internos de matriz estruturante e normativa, em vigor no ano letivo 2012/2013, designadamente o Regulamento Interno e o Projeto Educativo TEIP do Agrupamento

existirem na freguesia de Ramalde, 1357 beneficiários do Rendimento Social de Inserção (RSI)

A Escola EB 2/3 do Viso insere-se, assim, no já acima referido, Agrupamento de Escolas TEIP ao abrigo do Despacho Normativo n.º 55/2008 de 23 de Outubro, que consiste num projeto de escolas dinâmico e flexível, implicando a interação da escola com a sociedade/comunidade. Desta forma, o envolvimento de toda a Comunidade Escolar, principalmente das famílias, é fundamental para o sucesso deste Projeto, com o objetivo de solucionar os problemas da mesma.

A população escolar tem, por isso, elevados índices de insucesso escolar, ressaltando-se, no entanto, o facto de existirem também, um número de alunos bem-sucedidos, que têm motivação, apoio familiar e um bom desempenho escolar. A falta de sucesso académico deve-se a várias causas, nomeadamente a desvalorização da escola e do processo formativo por parte dos alunos e seus familiares e, por conseguinte, a dificuldade em se envolverem e investirem no seu percurso escolar e nas atividades que a Escola propõe. São alunos que não têm, em geral, objetivos de vida traçados, pelo que não reconhecem a função da Escola para a prossecução dos mesmos.

Um estudo realizado por Almeida *et al.* (2005), concluiu que os alunos de mais baixo rendimento familiar têm, também, um menor acompanhamento por parte dos pais. Neste estudo, os alunos com mais possibilidades económicas referem ter computador, *DVD*, internet e enciclopédias, o que lhes poderá facilitar a aprendizagem. Um aspeto interessante, que foi estudado, prende-se com o facto de

(...) a generalidade dos alunos associa a escola à aprendizagem de coisas novas e à preparação para uma profissão. Neste sentido, poderão explicitar um discurso mais ou menos interiorizado dos seus pais e educadores. Interessante referir junto aos alunos de mais baixo rendimento, o assumir deste mesmo padrão de resposta, não valorizando tanto o estar com os amigos ou estar na escola para passar o tempo (...). (Almeida, et al., 2005, p. 3640)

Os alunos que frequentam a Escola EB 2/3 do Viso manifestam, também, dificuldades em lidar com o conflito e com a autoridade,

demonstrando, por vezes, comportamentos de agressividade e indisciplina. E tal como refere Gomes, Silva e Silva:

A indisciplina constitui um factor perturbador, quer da relação pedagógica, quer da relação entre os alunos e outros actores educativos, afectando também negativamente a aprendizagem e os resultados escolares de muitos estudantes. (2000, p. 100)

Para além disso, demonstram frequentemente problemas de assiduidade, e algumas situações de abandono escolar, o que viola o disposto no artigo 142º, nº 1 do Regulamento Interno da Escola do Viso, que determina expressamente “Para além do dever de frequência da escolaridade obrigatória, os alunos são responsáveis pelo cumprimento do dever da assiduidade e pontualidade” (R. 2010, p. 32)

*Os sujeitos de nível económico baixo quando comparados com os de nível sócioeconómico médio e alto, apresentam experiências e resultados escolares, menos positivos, taxas de abandono escolar mais elevadas e percepções negativas da escola e das suas possibilidades de sucesso no contexto escolar. (Faria, 1999, p. 267)*

Este absentismo escolar é particularmente marcado nos alunos de etnia cigana. Desta forma, para minorar este problema o Agrupamento desenvolve “uma articulação com os Encarregados de Educação para o aumento da participação parental na vida escolar”; promove a “inclusão dos adultos nos cursos de alfabetização do Agrupamento”; implementa uma “articulação com a Segurança Social (Equipas do R.S.I), no sentido de promover o cumprimento da área respeitante à Educação, contemplada nos Planos de Inserção da medida do R.S.I.”, e promove a “sensibilização da Comunidade Educativa para as especificidades culturais, como potencial a ser valorizado no processo de formação sócio-escolar destes alunos.” (PE TEIP, 2008, p. 12).

Estas turmas têm também taxas de ocorrências disciplinares elevadas.

Segundo Estrela (1986 apud Amado, 2001, p. 112), a indisciplina, na escola, tem um carácter defensivo e um carácter ofensivo. O primeiro, visando estabelecer um contraponto diante de situações consideradas, pelos alunos, como pouco interessantes e ou ameaçadoras. O segundo, visando a obstrução da aula, seja por

não satisfazer às expectativas do alunado seja simplesmente por se recusarem a cumprir normas estabelecidas. (citado por Golba, 2008, pp. 92, 93)

Desta forma, em Escolas com características TEIP, é de particular importância, como já foi referido, o envolvimento de toda a comunidade educativa, com vista à superação dos entraves acima expostos.

## **1.2 – Descrição das funções do profissional e do seu papel enquanto estudante da prática pedagógica na Instituição**

A prática pedagógica permite ao professor em formação refletir sobre as suas práticas e adquirir capacidade de resolução dos problemas que vai enfrentando no seu dia-a-dia. Desta forma, a prática pedagógica permite o aperfeiçoamento técnico e científico. Para além disso, a prática pedagógica promove, igualmente, a autonomização do professor em formação, permitindo-lhe aumentar a segurança das suas decisões e responsabilização pelas mesmas.

Conforme refere Estrela (2010):

A profissão docente é por natureza delicada e complexa e, por isso, nunca existiram épocas em que fosse fácil exercê-la. Temos de reconhecer, no entanto, que nos últimos cinquenta anos, graças às transformações de diversa natureza que se verificaram nas sociedades da informação, a profissão se foi tornando crescentemente complexa. (2010, p. 6)

No tipo de turmas predominantes em Escolas TEIP, que revelam alguns problemas disciplinares, a empatia que o professor consegue criar com os alunos é fundamental, assim como a forma como utiliza a inteligência emocional e a *inteligência social*. Segundo Estrela (2010), a *inteligência social* não é feita apenas de consciência social, é também composta por *facilidade social*. É importante que os professores consigam captar os sinais verbais, e ainda mais os não-verbais para poderem perceber melhor os sentimentos dos alunos, evitando situações de potencial indisciplina, criando a chamada *sincronia*. É também necessária a habilidade para gerir as interações do grupo, de forma a evitar conflitos, que aliada a uma boa autoapresentação,

são competências fundamentais para a criação de um ambiente de cooperação. O professor, no exercício da sua atividade, deve ter uma atitude de interesse e preocupação pelo bem-estar do aluno, fazendo face às suas necessidades.

Uma vez que se trata de uma Escola TEIP de particular relevância à observação das aulas lecionadas pelas professoras cooperantes, para compreender melhor o comportamento dos alunos, observando a forma como interagem com o professor e com os colegas da turma. Assim, pude perceber que estes alunos têm que ser incentivados a melhorar as suas competências não só a nível do “saber-fazer”, mas também a nível do “saber-ser”. Para além disso, pude constatar que é de grande importância manter a disciplina, exigindo que o professor neste tipo de turmas tenha uma atitude algo diretiva, para que não se verifiquem problemas disciplinares ao longo das aulas. Desta forma, e como refere Christopher Day (2004), para a manutenção da paixão pelo ensino, conducente ao sucesso do professor, é necessário que este tenha em consideração o contexto em que se insere, as características dos seus alunos e a fase da carreira em que se encontra. Só dessa forma o professor poderá, tal como refere Roldão, entender “o ensino como a função que se caracteriza por organizar e gerir modos de fazer os outros aprender” (2000, p. 24).

No que diz respeito aos recursos e materiais disponibilizados pela Escola, pude observar que esta tem boas condições de trabalho, estando todas as salas equipadas com computador e projetor. Desta forma, o recurso às novas tecnologias está facilitado, o que permite ao professor usar meios que podem despertar mais interesse aos alunos, aumentando a concentração e tornando o processo ensino-aprendizagem mais eficaz. Hoje em dia, não podemos negar a importância do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação para o bom desenvolvimento do aluno e para a prossecução de uma aprendizagem mais rica e diversificada. Assim, e tal como refere Ponte (1993, p.56) “a preparação das novas gerações para a plena inserção na sociedade moderna não pode ser feita usando os quadros culturais e os instrumentos tecnológicos do passado”.

## **Capítulo 2 - Explicitação do plano de prática pedagógica**

O meu primeiro contacto com a Escola ocorreu em janeiro de 2013. Nessa altura, foi marcada uma reunião com a professora cooperante da disciplina de Geografia e com a professora cooperante da disciplina de História. A primeira reunião ocorreu em 17 de janeiro de 2013, na qual estiveram também presentes as colegas que fizeram estágio na Escola E/B 2.3 do Viso. A reunião teve como principal objetivo conhecer as professoras cooperantes, a Escola e estabelecer as principais linhas orientadoras do estágio.

No início de março de 2013, foi agendada novamente uma reunião, que teve lugar no dia 6 de março, na qual foi acordado o plano de prática pedagógica, foram indicadas nomeadamente as turmas nas quais iria lecionar e assistir às aulas lecionadas pelas professoras cooperantes. Assim, na disciplina de Geografia foi-me atribuída uma turma do 7º ano e na disciplina de História foi-me atribuída uma turma do 8º ano. Foram também determinadas as atividades a realizar para ambas as disciplinas e os conteúdos a serem por mim lecionados. Nesta reunião, foram também agendadas algumas reuniões às quais assisti, nomeadamente as Reuniões de Conselho de Turma e Reunião de Departamento.

As professoras cooperantes disponibilizaram alguns dos instrumentos necessários para a elaboração dos Relatórios Preliminar e Final, que permitiram caracterizar a Escola e as turmas nas quais lecionei.

## 2.1 – Explicitação do plano de prática pedagógica em Geografia

### Caraterização da Turma <sup>2</sup>

No que se refere à prática pedagógica em Geografia, foi-me atribuída uma turma do 7º ano, constituída por 10 rapazes e 12 raparigas, que no início do ano letivo 2012/2013 tinham idades compreendidas entre os 11 e os 15 anos, sendo a média de idades 12 anos. A maioria dos alunos do 7º ano usufrui de subsídio da Ação Social Escolar e já frequentava a Escola EB 2/3 do Agrupamento do Viso, tendo frequentado no ano anterior o 6º ano. Apenas um aluno é oriundo de outra Escola e três são repetentes. No que se refere a retenções, 18 alunos nunca estiveram nessa situação. Trata-se de uma turma que se destaca na Escola pela positiva, com alunos, na sua maioria, interessados, demonstrando sucesso escolar e agrado pela frequência das aulas.

Futuramente, a maioria dos alunos pretende ingressar no ensino superior. Maioritariamente estão integrados numa família biparental, sendo o grau escolar dos pais diversificado (desde 4º ano até ao ensino superior).

Os alunos desta turma referem como principais fatores do insucesso escolar: *a indisciplina; a falta de atenção/concentração; e o desinteresse pela disciplina*. É curioso notar que estas opiniões dos alunos vão ao encontro daquilo que Pacheco (1995) refere

O discurso sociológico sobre o insucesso escolar explica somente um dos insucessos que têm a sua origem nas condições sociais. Pouco se tem falado do discurso curricular sobre esse mesmo insucesso. A estrutura curricular (centralizante e uniforme), o regime (elitista) de avaliação, os planos curriculares (nacionais e pouco flexíveis), os programas (extensos), os conteúdos (desmotivantes), enfim os alunos e os professores são, com certeza, alguns dos factores escolares que podem explicar, em primeiro lugar, o insucesso dos alunos, mais ainda quando Bloom afirma que 90% dos alunos são capazes de atingir os objectivos mínimos de aprendizagem se para tal tiverem o tempo necessário. (p.14)

---

<sup>2</sup> Os elementos que permitem fazer a caracterização dos alunos da turma foram recolhidos a partir do projeto de turma.

Estes elegeram, maioritariamente, a disciplina de Matemática como a menos apreciada.

Nos seus tempos livres gostam, particularmente, de ouvir música e ver programas televisivos de entretenimento. Alguns dos alunos gostam também de ler e praticar desporto.

Quando observei e assisti às aulas lecionadas pela professora cooperante de Geografia, constatei que a turma é constituída por alunos muito interessados, bem comportados, com grande capacidade crítica e grande curiosidade em aprender.

Os resultados escolares da turma do 7º ano, na disciplina de Geografia, são muito satisfatórios, quer no 2º quer no 3º período, com alguns alunos a atingirem o nível 4 e 5.

### Classificações da disciplina de Geografia

Gráfico 1 – Classificação

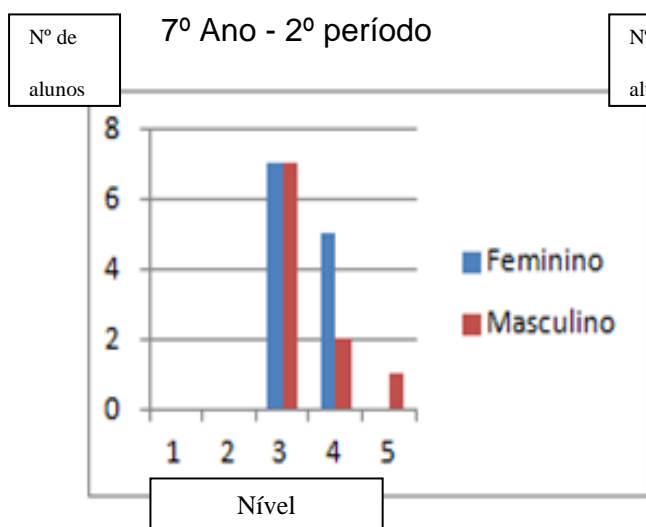
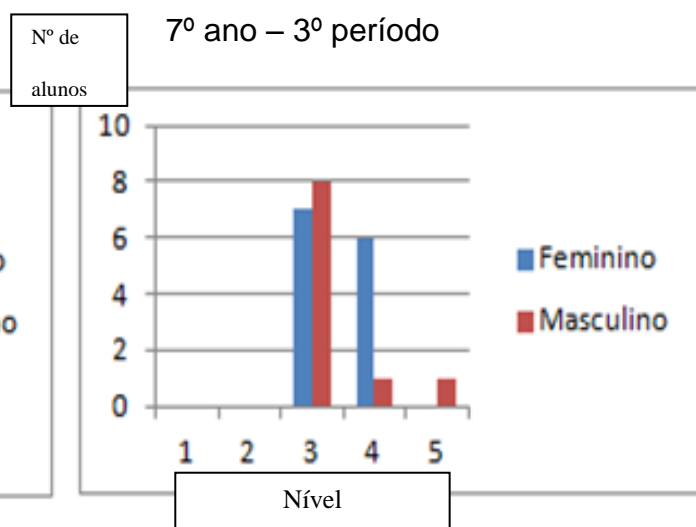


Gráfico 2- Classificação



Fonte: Produção própria a partir de pautas de avaliação

### Cronograma de atividades em Geografia

Quadro 1- Distribuição de horas de prática pedagógica de Geografia em contexto de escola

Atividade	Geografia
Lecionar aulas	2 aulas
Observar aulas do professor cooperante ou de um professor que colabore com o núcleo de estágio	3 aulas
Observar aulas dos colegas de estágio	2 aulas
Reuniões pré-observação das aulas que vai lecionar	2 reuniões
Reuniões pós-observação das aulas que lecionou	2 reuniões
Reuniões pós-observação das aulas que observou dos colegas	2 reuniões
Planificar aulas	2 aulas

Quadro 2- Aulas lecionadas de Geografia

Disciplina	Data	Hora	Sala	Duração	Observações
Geografia	10/04/2013	15:15 H	11	90 minutos	7º ano
	8/05/2013	15:15 H		90 minutos	

Quadro 3 - Aulas observadas de Geografia

	Data	Hora	Sala	Duração	Observações
Professora cooperante de Geografia	3/04/2013	15:15 H	11	90 minutos	7º ano
	8/05/2013	15:15 H		45 minutos	7º ano
Colega do núcleo de estágio em Geografia	17/04/2013	15:15 H	11	90 minutos	7º ano

Todos os aspetos previstos no plano de estágio da disciplina de Geografia foram cumpridos, tendo inclusive lecionado mais aulas (1 bloco de duas aulas de 45 minutos cada) do que as previstas no referido plano.

Quadro 4 – Atividade desenvolvida pelo núcleo de estágio aplicada na turma de Geografia na qual lecionei

Atividade	Data	Hora	Turma	Duração
Conferência sobre “As Alterações Climáticas no Alasca”, com o Professor João Bessa Santos	24/05/2013	15:00 H às 17:00H	7º ano	2 horas

## **2.2- Explicitação do plano de prática pedagógica em História**

### **Caraterização da Turma<sup>3</sup>**

No que diz respeito à prática pedagógica em História, foi-me atribuída a uma turma do 8º ano. No início do ano letivo 2012/2013, a idade média dos alunos era de 13 anos, sendo 14 destes do sexo feminino e 11 do sexo masculino. A turma é constituída por 25 alunos, dos quais 8 já ficaram retidos e 9 já usufruíram de apoio pedagógico acrescido. Apenas 2 alunos frequentam a escola EB 2/3 do Viso pela primeira vez. Alguns alunos desta turma têm problemas disciplinares no seu percurso escolar. No entanto, mais de metade dos alunos pretende continuar os seus estudos para futuramente ingressarem na Universidade. A disciplina preferida destes é Educação Física e a menos apreciada é a Matemática.

Os encarregados de educação dos alunos da turma do 8º ano têm níveis de escolaridade compreendidos entre o 4º ano e 12º ano. No que diz respeito à situação laboral, a maioria dos elementos dos agregados familiares têm uma situação de estabilidade laboral, possuindo contrato de trabalho.

A maioria dos alunos desta turma gosta da escola, no entanto grande parte dos mesmos refere apenas “às vezes” gostar de estudar. Após a análise dos documentos disponíveis, relativos ao 1º período, posso concluir que a turma do 8º ano, na disciplina de História teve, em geral, resultados pouco satisfatórios, tendo 72% de níveis negativos a esta disciplina, nesse período. De acordo com as informações fornecidas pela professora cooperante, este fraco aproveitamento deveu-se à falta de empenho, de motivação e de iniciativa dos alunos. Estes demonstraram, também, um comportamento, por vezes, desadequado à sala de aula, evidenciando falta de concentração e de atenção, falta de participação nas aulas e de elaboração dos trabalhos propostos pela docente, o que teve reflexo no seu aproveitamento.

No entanto, no 2º período, verificou-se uma melhoria significativa dos resultados escolares da turma, nesta disciplina, uma vez que as

---

<sup>3</sup> Os elementos que permitem fazer a caracterização dos alunos da turma foram recolhidos a partir do projeto de turma.

classificações negativas foram apenas de 36%. Segundo informações fornecidas pela professora cooperante, os motivos que conduziram a estas classificações negativas continuaram a ser os mesmos verificados no 1º período. No que se refere ao 3º período, as classificações negativas foram de 60% e deveram-se, igualmente, aos motivos já referidos nas classificações atribuídas no 1º e 2º período.

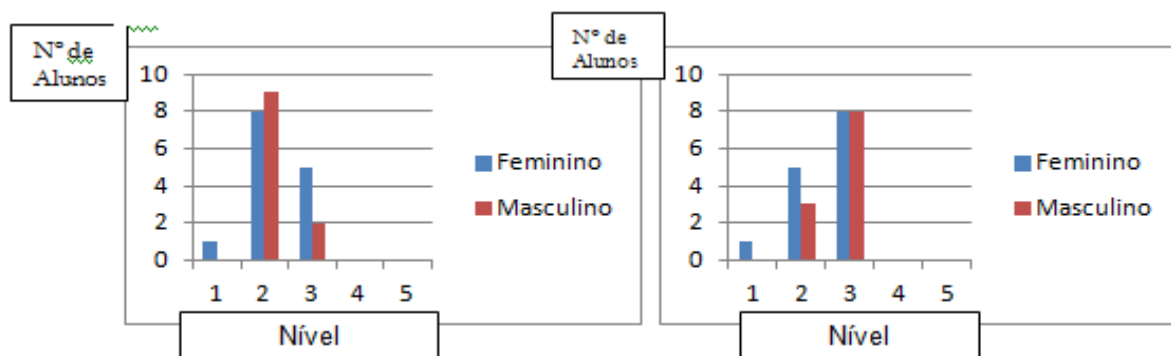
### Classificações da disciplina de História

Gráfico 3 - Classificação 8º ano

Gráfico 4- Classificação da 8º ano

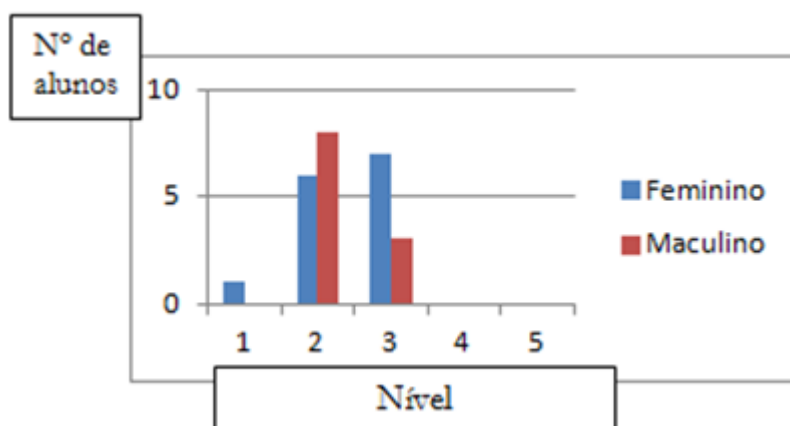
1º período

2º período



Fonte: Produção própria a partir de pautas de avaliação

Gráfico 5 – Classificação da turma do 8º ano, 3º período



Fonte: Produção própria a partir de pauta de avaliação

### Cronograma de atividades em História

Quadro 5- Distribuição de horas de prática pedagógica de Geografia em contexto de escola

Atividade	História
Lecionar aulas	2 aulas
Observar aulas do professor cooperante ou de um professor que colabore com o núcleo de estágio	3 aulas
Observar aulas dos colegas de estágio	2 aulas
Reuniões pré-observação das aulas que vai lecionar	2 reuniões
Reuniões pós-observação das aulas que lecionou	2 reuniões
Reuniões pós-observação das aulas que observou dos colegas	2 reuniões
Planificar aulas	2 aulas

Quadro 6- Aulas lecionadas de História

	Data	Hora	Sala	Duração	Observações
História	17/04/2013	10:05 H	8	90 minutos	8º ano
	29/05/2013	10:05 H		90 minutos	

Quadro 7- Aulas observadas de História

	Data	Hora	Sala	Duração	Observações
Professora cooperante de História	3/05/2013	10:05H	8	90 minutos	8º ano
	8/05/2013	10:05 H		45 minutos	8º ano
Colega do núcleo de estágio em História	10/04/2013	10:05 H	8	90 minutos	8º ano
	28/05/2013	10:50 H		90 minutos	8º ano

Todos os aspetos previstos no plano de estágio foram cumpridos, tendo inclusive lecionado mais aulas (1 bloco de duas aulas de 45 minutos cada) do que as previstas no referido plano.

Quadro 8 – Atividade desenvolvida pelo núcleo de estágio aplicada na turma de História na qual lecionei

Atividade	Data	Hora	Turma(s)	Duração
Visita de estudo aos "Caminhos do Liberalismo"	22/05/2013	15:15 H às 18:15H	8º ano	3 horas

## **Capítulo 3 - Descrição e fundamentação das atividades de prática pedagógica**

### **3.1 - Organização e gestão do ensino e da aprendizagem em Geografia**

As aulas lecionadas no dia 10 de abril e no dia 8 de maio, 2 blocos de 45 minutos cada, inserem-se no Tema 2 – Meio Natural, Subtema 1 – Clima e formações vegetais.

No que diz respeito à disciplina de Geografia, o manual adotado pela Escola foi o “GPS”, da Porto Editora, que tem como autores Eva Ribeiro, Rui Teixeira Lopes e Sandra Custódio. Para a preparação das aulas utilizei a seguinte bibliografia: “Geografia”, de João Antunes

Conforme referi anteriormente as aulas de Geografia foram lecionadas numa turma do 7º ano. Trata-se de uma turma constituída por alunos empenhados e participativos, com sucesso escolar.

#### Aulas lecionadas em 10 de abril

As aulas lecionadas (dois blocos de 45 minutos cada) tiveram como base a situação problema “Caraterizar a distribuição da temperatura no Mundo e em Portugal”, tendo a seguinte questão estruturante: “Como varia a temperatura no Mundo e em Portugal?”.

Os conceitos-chave destas aulas são: temperatura, isotérmicas, radiação solar, correntes marítimas, latitude, continentalidade.

As referidas aulas contribuiram para a prossecução das seguintes metas de aprendizagem “distinguir estado de tempo de clima; definir: temperatura média mensal e anual, e amplitude térmica mensal e anual; descrever a variação anual da temperatura; explicar os principais fatores que

influenciam a variação espacial da temperatura; saber definir gradiente térmico vertical; distinguir vertentes umbrias/sombrias de soalheiras; explicar a influência da exposição geográfica das vertentes na variação da temperatura”.

Os objetivos propostos para as aprendizagens das aulas lecionadas em 10 de abril foram: descrever os fatores que influenciam a temperatura (particularmente a orientação das vertentes, correntes marítimas, continentalidade); indicar de que forma está distribuída a temperatura em Portugal e no Mundo; conhecer os fatores que condicionam a distribuição da temperatura; estimular a reflexão e a capacidade de interpretação de mapas e imagens relacionados com a distribuição da temperatura em Portugal e no Mundo.

Primeiramente, elaborei o plano de aula (anexo 2), que foi visto pela professora cooperante. Posteriormente procedi à elaboração dos recursos a serem utilizados nas aulas. (anexo 3).

Para que o processo ensino-aprendizagem se processasse da melhor forma, utilizei vários métodos pedagógicos, nomeadamente: método interrogativo, método expositivo e método ativo. Segundo Bordenave e Pereira (1985):

A opção metodológica feita pelo professor pode ter efeitos decisivos sobre a formação da mentalidade do aluno, de sua cosmovisão, de seu sistema de valores e, finalmente, de seu modo de viver...enquanto os conteúdos de ensino informam, os métodos de ensino formam. (p.68)

Segundo os mesmos autores o método expositivo consiste na “comunicação unilateral do professor ao aluno (...) “ (Bordenave & Pereira, 1985, p. 133). No que diz respeito ao método interrogativo, este “consiste em fazer perguntas a todos os alunos individualmente, ou seja, fomentar o diálogo entre o professor e cada um dos alunos, evitando o isolamento de um aluno” (Ferro, 1993, p.10).

Quanto ao método ativo, este tem por base uma “comunicação multilateral entre os alunos e o professor” (Bordenave & Pereira, 1985, p.133)

No início das aulas os alunos transcreveram o sumário, para terem conhecimento dos conteúdos a serem abordados.

Posteriormente, apresentei um *PowerPoint* síntese, contendo os aspetos mais relevantes das aulas anteriormente lecionadas sobre “os fatores que influenciam a distribuição da temperatura”. Este *PowerPoint* teve como principal objetivo contextualizar os conteúdos a serem abordados. Desta forma, antes de iniciar novos conteúdos, é importante que o professor perceba quais os conhecimentos já adquiridos pelos alunos, que são prévios da matéria a lecionar. Assim, pode entender-se a avaliação diagnóstica como:

(...) Uma forma de avaliação com a qual se pretende a) identificar as competências dos alunos ao início de uma fase de trabalho, b) colocar o aluno num grupo ou num nível de aprendizagem e/ou prever o que muito provavelmente virá a ocorrer na sequência das situações educativas desenvolvidas. A avaliação diagnóstica sobretudo no primeiro caso pode ser extremamente importante porque pode fornecer ao professor elementos que lhe permitirão adequar o tipo de trabalhos que vai desenvolver às características e conhecimentos dos alunos com que irá trabalhar. (...) (Cortesão, 2002, p. 39)

Na planificação considerei fundamental a elaboração da avaliação diagnóstica. Desta forma, para a reforçar, elaborei uma pequena ficha com exercícios diagnósticos, de preenchimento de espaços, com o objetivo de aferir os conhecimentos adquiridos nas aulas anteriores sobre a matéria relacionada com a “Temperatura”. Para além disso, e tendo em vista aferir as representações sociais que os alunos tinham sobre a “distribuição da temperatura em Portugal e no Mundo” formulei as seguintes questões orais: “Quais as regiões em Portugal e no Mundo com temperaturas mais elevadas?; Quais áreas em Portugal e no Mundo com temperaturas menos elevadas?”

Seguidamente, procedi à apresentação de um *PowerPoint* constituído por mapas, imagens e legendagem, sobre as diferenças de temperatura em Portugal e no Mundo, tendo em vista procurar relações entre a informação nova e a informação já existente. Desta forma, incentivei a análise dos diversos diapositivos pelos alunos, de forma a estimular o espírito crítico. Atualmente o uso das novas tecnologias, e neste caso em particular do *PowerPoint*, tem uma grande importância na educação. Silveira-Botelho (2009, p. 1350), citada por Tralha (2012, p. 172) refere que o uso das

Tecnologias de Informação e Comunicação “permite expandir, enriquecer, diferenciar, individualizar e implementar a globalidade dos objectivos curriculares”. Seguidamente, apresentei aos alunos quatro pequenos filmes com o “Boletim Meteorológico”, que retirei do *youtube*, com o objetivo de levar os alunos a observar as diferentes temperaturas em Portugal, nas diferentes estações do ano, levando assim a uma participação ativa dos mesmos e ao desenvolvimento de um espírito de observação. Como os alunos têm oportunidade de ver esse “Boletim” na televisão, achei pertinente fazer essa relação com o quotidiano e os alunos responderam muito positivamente a essa estratégia.

Assim, apelei ao longo das aulas, para que os alunos relacionassem os conteúdos com experiências vivenciadas no dia-a-dia. Desta forma, parti daquilo que os alunos já sabiam, enfatizando as suas vivências e experiências. As questões que lhes coloquei ao longo das aulas, tiveram como principal objetivo motivá-los a pensarem sobre os conteúdos das mesmas, procurando que estes estabelecessem uma relação do senso comum, da “Geografia do dia-a-dia dos alunos”, com o científico, conduzindo assim a uma aprendizagem significativa.

Por fim, utilizei uma ficha de trabalho sobre a distribuição da temperatura em Portugal e no Mundo e sobre a importância dos mapas da distribuição da temperatura.

A avaliação contínua, foi elaborada através de questões verbais formuladas ao longo das aulas aos alunos. A este nível, e tendo em vista a diferenciação pedagógica, coloquei questões diretas aos alunos que revelaram mais dificuldades e questões que implicam alguma capacidade de relacionar conteúdos aos restantes alunos. Esta diferenciação é fundamental para que se possa “assegurar o acesso a todas as crianças em idade escolar e o sucesso de cada uma delas, independentemente das suas características” (Cadima, 1996)

Como referi anteriormente, com o objetivo de realizar uma avaliação formativa, os alunos elaboraram uma ficha de trabalho. Considero que a avaliação formativa é um meio importante para que não só o professor, mas

também o aluno, perceba se os conteúdos foram compreendidos e se as competências foram adquiridas, e se esta condição não se verificar, esta avaliação permite que o professor desencadeie meios para que o aluno esteja apto a alcançar estes objetivos. Assim, segundo Fernandes (2008, p. 358): “A avaliação formativa está associada a formas de regulação e de auto-regulação que influenciam de forma imediata os processos de ensino e aprendizagem (...)”.

Ainda como refere Fernandes (2008, p. 362) “(...) a ideia de considerar a avaliação formativa e a avaliação sumativa como complementares baseia-se no pressuposto de que ambas contribuem de formas particulares para avaliar cabalmente o que os alunos sabem e são capazes de fazer.”

Analisando o decurso das aulas, inicialmente os alunos estavam concentrados. No entanto, no momento da distribuição das fichas de trabalho os alunos fizeram algum ruído e solicitaram de forma, talvez demasiado efusiva, a minha ajuda. Considero que essa efusividade poderia ter sido contida se eu tivesse utilizado um tom de voz mais elevado e assertivo.

No que diz respeito à avaliação sumativa, elaborei algumas questões relativas à matéria das aulas lecionadas no dia 10 de abril, que constaram no teste sumativo. Elaborei vários tipos de questões: verdadeiro e falso; completamento de espaços e resposta múltipla. Da grelha de correção das questões por mim elaboradas, constantes no teste sumativo, posso concluir que os alunos obtiveram classificações muito satisfatórias, pelo que demonstraram que entenderam e interiorizaram a matéria lecionada. (anexo 4)

#### Aulas lecionadas em 8 de maio

A situação problema destas aulas foi: “determinar os fatores que condicionam a distribuição da precipitação no Mundo e em Portugal”, sendo a questão estruturante “Quais os fatores que influenciam a distribuição da precipitação? Como varia a precipitação no Mundo e em Portugal?”.

Os conceitos-chave destas aulas foram: distribuição da precipitação em Portugal e no Mundo.

Estas aulas contribuíram para a prossecução das seguintes metas de aprendizagem: “referir fatores que influenciam a variação da precipitação à escala planetária; conhecer e compreender a distribuição da precipitação à superfície da Terra; identificar diferentes formas de precipitação: chuva, neve, granizo e saraiva; definir isoietas; descrever a distribuição mundial da precipitação à superfície terrestre a partir da leitura de mapas”.

Os objetivos da aprendizagem decorrente das aulas foram: descrever os fatores que influenciam a precipitação; indicar de que forma está distribuída a precipitação em Portugal e no Mundo; estimular a reflexão e a capacidade de interpretação de mapas e imagens relacionados com a distribuição da precipitação em Portugal e no Mundo – mapas de isoietas.

Nas aulas lecionadas em 8 de maio, dois blocos de 45 minutos cada, tentei suprimir os aspetos menos positivos das aulas lecionadas no dia 10 de abril. Desta forma, elaborei o plano de aula (anexo 5), e apresentei-o à professora cooperante, com bastante antecedência. Para além disso, todos os recursos, nomeadamente, os diapositivos do *PowerPoint* e as fichas de trabalho, foram observados pela professora cooperante, tendo sido elaborados de acordo com as orientações prévias da mesma. (anexo 6)

Iniciei as aulas, enunciando desde logo, de forma clara e objetiva, as regras a respeitar durante as mesmas. Nomeadamente comuniquei aos alunos que estes só poderiam falar um de cada vez e pedi-lhes para colocarem o dedo no ar caso pretendessem fazer alguma intervenção, esperando assim que eu lhes desse autorização para falarem. Para além disso, usei um tom de voz mais elevado, mantendo a assertividade.

Após a transcrição do sumário pelos alunos, apresentei brevemente os conteúdos a abordar nas aulas e os objetivos das mesmas.

Nestas aulas utilizei, igualmente, um *PowerPoint*, mas desta vez este teve características diferentes do anterior: mais breve, com mais figuras, mapas e muito pouco texto, o que me permitiu pedir a participação dos alunos

para interpretarem o que estavam a visualizar, tendo como objetivo uma participação mais ativa dos mesmos.

Antes de iniciar a matéria relativa à distribuição da precipitação em Portugal e no Mundo, questionei os alunos sobre essa parte da matéria para aferir as representações que os mesmos tinham sobre a temática. Estas questões orientadoras foram colocadas de forma verbal. Desta forma, nesse momento elaborei uma avaliação diagnóstica dessa parte da matéria. Estas questões tiveram também a função de motivar os alunos para os conteúdos que se seguiram. Pois tal como refere Carita e Fernandes (1998):

(...)independentemente da metodologia de trabalho de cada professor ou dos conteúdos curriculares de cada disciplina que lecciona, a questão da motivação deve ser uma preocupação constante, comum a todos aqueles que no seu dia a dia “vivem” o processo ensino/aprendizagem. (p.43)

Os mesmos autores referem ainda que “um aluno motivado consegue uma maior concentração e persistência nas tarefas escolares e que, aliás, obtém uma maior satisfação, quando finalmente atingir os objectivos estabelecidos”. (p.43)

Posteriormente, continuei a mostrar os mapas e figuras presentes no *PowerPoint*, questionando os alunos sobre as suas interpretações relativamente aos mesmos, com o objetivo de os manter motivados e concentrados. Usei o quadro apenas para que os alunos registassem pequenas anotações nos seus cadernos diários, anotações essas que resultaram das conclusões tiradas pelos próprios sobre os temas. Esse registo no caderno diário, foi também importante porque permitiu aos mesmos a manutenção do grau de concentração ao longo das aulas. Por fim, os alunos com o auxílio das anotações feitas no caderno diário, elaboraram uma ficha de trabalho, o que permitiu efetuar a consolidação da matéria dada e uma avaliação formativa. Esta ficha de trabalho foi corrigida no quadro, por vários alunos, aos quais pedi que participassem na correção.

As fichas de trabalho, que pedi aos alunos para responderem, quer nas aulas lecionadas no dia 10 de abril, quer no dia 8 de maio, eram ricas em

imagens e mapas, e tiveram como principal objetivo a interpretação dos mesmos.

Ao longo das aulas fui colocando algumas questões verbais, para aferir o acompanhamento da matéria por parte dos alunos, assim consegui perceber que estes estavam concentrados e compreenderam os assuntos abordados. Estas questões permitiram-me fazer uma avaliação contínua. Relativamente aos alunos que revelaram mais dificuldades, tentei colocar questões mais simples, para que estes conseguissem chegar à resposta, procedendo assim à diferenciação pedagógica. Como refere Ana Cadima no seu artigo “Diferenciação: no caminho de uma escola para todos”, o professor deverá ter em consideração que cada aluno tem estratégias de aprendizagem específicas e, portanto, deverá adequar as suas estratégias de ensino às necessidades individuais. Para que a escola inclusiva seja efetiva, é necessário que o professor não tenha uma conduta de isolamento dos alunos em dificuldades, nem de tratamento igual ao dos colegas que não apresentam as mesmas dificuldades. (Cadima, 1996)

Das aulas lecionadas em 10 de abril conclui que utilizei, de forma excessiva, o método expositivo, pelo que percebi que não seria uma boa estratégia, uma vez que este método levou os alunos a alguma dispersão. Assim, nas aulas lecionadas em 8 de maio corrigi essa estratégia e usei o método expositivo com muita contenção, tentando dar mais relevância à aprendizagem por descoberta, de acordo com a corrente construtivista.

Esta corrente considera que o aluno é um sujeito que atribui sentidos e significados ao mundo e aos objetos que o rodeiam. Segundo Ausubel (1968), cada indivíduo possui uma determinada estrutura cognitiva que serve de base à construção de novos conhecimentos, ou seja, que serve de base à aprendizagem. Desta forma, o processo de aprendizagem, decorre de um processo de alteração cognitivo no decurso do qual o indivíduo seleciona, processa e assimila a informação. Vigotsky (1979), defende que os indivíduos aprendem uns com os outros, através de um processo de interação social, que leva ao desenvolvimento cognitivo. Assim, a realidade é interpretada de forma subjetiva, de acordo com o significado que cada indivíduo lhe dá, por

isso, o conhecimento construído por cada sujeito é necessariamente subjetivo, uma vez que o mesmo é influenciado pelas experiências individuais. Desta forma, em contexto escolar, a resolução de problemas e o estudo de situações são meios para o alcance de aprendizagens significativas. O professor deverá ter em atenção o pensamento do aluno, utilizando também instrumentos que permitam fazê-lo.

Para a avaliação sumativa dos conteúdos lecionados por mim nestas aulas, elaborei questões de diversos tipos: resposta direta, completamento de espaços e verdadeiro e falso, que constaram no teste sumativo. Da grelha de correção das questões por mim elaboradas, constantes no teste sumativo, posso concluir que os alunos atingiram razoavelmente os objetivos determinados, uma vez que as classificações obtidas nas referidas questões foram, em geral, satisfatórias. (anexo 7)

Os alunos tiveram ainda oportunidade de participarem numa conferência, organizada pelo núcleo de estágio, com o Professor Doutor João Bessa Santos, que de forma simples lhes explicou o seu âmbito de investigação científica a nível das alterações climáticas, o que proporcionou aos mesmos a possibilidade de questionarem o orador sobre o tema, que coincide com os temas lecionados por mim nas aulas.

### **3.2 - Organização e gestão do ensino e da aprendizagem em História**

As aulas lecionadas no dia 17 de abril e no dia 29 de maio, 2 blocos de 45 minutos cada, enquadram-se na Unidade G- “Arranque da Revolução Industrial e o Triunfo das Revoluções Liberais” e na Subunidade “As Revoluções Liberais”.

Na disciplina de História, o manual adotado pela Escola foi “História 8”, da Porto Editora, que tem como autores Paula Andrade, Margarida Lopes Dias e Luís Carlos Amaral.

Atendendo ao facto de se tratar de uma turma que revela algumas dificuldades de concentração e de motivação, tentei usar recursos que

despertassem curiosidade, centrando-me em acontecimentos, aparentemente, mais quotidianos para só depois referir conteúdos mais complexos. Os recursos foram construídos de forma simples, com base em imagens apelativas, para facilitar a esquematização dos conteúdos, permitindo a apreensão das ideias fundamentais que foram transmitidas. Em ambas as aulas tive o cuidado de projetar mapas aos alunos para que eles percebessem qual a localização espacial dos factos estudados. Como refere Felgueiras (1988)

(...) de todos os meios visuais, o mapa, pelo papel que assume na História e no seu ensino, merece especial relevo. A sua função é mostrar onde ficam os lugares. Se os alunos forem treinados na utilização do conceito de escala, revela-se o melhor meio para comunicar a ideia de distância, tão importante para a compreensão histórica. Ajuda ainda à percepção dos constrangimentos naturais que o Homem teve de vencer o passado. Não comunica factos, em toda a sua complexidade, mas pode fornecer a base necessária à sua compreensão. (p.117)

#### Aulas lecionadas em 17 de abril

As aulas lecionadas em 17 de abril, dois blocos de 45 minutos cada, tiveram como situação problema “Caraterizar a Revolução Liberal Americana e descrever os antecedentes da Revolução Francesa”. As aulas tiveram como base as seguintes questões estruturantes: “Quais as características da Revolução Liberal Americana?” “Quais os antecedentes da Revolução Francesa?”

Os conceitos-chave destas aulas são: Revolução Americana; antecedentes da Revolução Francesa.

As metas de aprendizagem para as quais estas aulas contribuíram foram: “descrever o processo (guerra de independência/revolução liberal) que levou à criação dos EUA tendo em conta a relação de proximidade/conflito com a Inglaterra e o apoio por parte da França; analisar os antecedentes da Revolução Francesa de 1789; apresentar as características fundamentais de um Estado Liberal”. Estas aulas tiveram os seguintes objetivos de aprendizagem: descrever de que forma se processou a Revolução Liberal Americana; indicar as mudanças políticas, institucionais e sociais que se processaram ao longo da Revolução Americana; identificar os valores que

emergiram da Revolução Liberal Americana; conhecer os antecedentes da Revolução Francesa.

Para a preparação das aulas lecionadas em 17 de abril utilizei a seguinte bibliografia: “História de Estados Unidos 1607-1992”, de Jones Maldwyn.

A planificação das aulas foi constituída por dois momentos: inicialmente, elaborei o plano de aula (anexo 8), que foi corrigido e posteriormente validado pela professora cooperante. Posteriormente, elaborei os recursos a serem utilizados nas aulas. Estes recursos, após submetidos à apreciação da professora cooperante, foram validados pela mesma. (anexo 9).

Após a transcrição do sumário pelos alunos, coloquei-lhes algumas questões orientadoras que pretenderam ter também uma função diagnóstica. Assim, formulei questões tais como: “O que entendem por revolução?”; “Já estudaram alguma Revolução Liberal?”; “O que sabem sobre a Revolução Americana?”; “Qual o país colonizador da América?”

Posteriormente, elaborei um *PowerPoint-Síntese* no qual constou um excerto da Declaração da Independência dos Estados Unidos da América. É importante que seja promovido o contacto dos alunos com as fontes históricas. Segundo Prats (2006):

(...) para conhecer estes fatos por meio de uma técnica de investigação, somente dispomos de fontes (restos arqueológicos, documentos, quadros, entre outros) que, como se sabe, supõem um trabalho de análise, crítica e relação que exige certa especialização técnica (...) as fontes primárias são aquelas que foram produzidas ao mesmo tempo dos acontecimentos sobre os quais nos informam. (2006, p. 202)

O mesmo autor refere ainda “As fontes escritas, (cartas, tratados, crônicas, documentos legais etc.) são uma das mais importantes bases sobre as quais se constrói a História” (Prats, 2006, p. 210). Nesse *PowerPoint* inclui igualmente mapas dos locais mais relevantes, para que os alunos tivessem uma noção espacial dos acontecimentos. A Declaração da Independência dos Estados Unidos incluída no *PowerPoint* foi analisada criticamente e interpretada pelos alunos, promovendo o debate sobre a mesma e levando a uma participação ativa ao longo das aulas. Apresentei também um pequeno filme, retirado do *youtube*, sobre a Revolução Liberal Americana. Para a

escolha do vídeo utilizei uma criteriosa seleção, tendo como objetivo reproduzir um vídeo fidedigno. Na minha opinião, a linguagem vídeo, mas também a linguagem presente em fontes iconográficas, são excelentes meios para proporcionar uma aprendizagem bem sucedida. Estas transmitem emoções, simplificando e motivando a comunicação e a aprendizagem. Desta forma, após a visualização de vídeo e a observação de fontes iconográficas, nomeadamente os retratos de personalidades de destaque, os alunos sentem-se estimulados para uma participação mais ativa. Após a receção da informação demonstram capacidade de a selecionar, dando-lhe sentido, e debatem-na com os colegas e com a professora. Assim, Silva (1998, p. 347) citado por Caldas e Silva (2001), considera que os vídeos facilitam “a aprendizagem por descoberta, já que o aluno confronta a representação do conhecimento com os seus saberes e ambiente, reconceptualizando e reconstruindo os conhecimentos através de modelos mentais flexíveis evocados pelo contexto.” (p. 696). Nesta estratégia que utilizei, não assumi um papel de transmissora de informação. Desta forma, os alunos foram estimulados a uma participação ativa, tendo sido proporcionada uma dinâmica baseada no debate de ideias presentes no vídeo e nas fontes incluídas no *PowerPoint*. Esta opção favoreceu a cooperação entre os alunos, entre a professora e estes, procurando promover o ensino por descoberta.

Apesar de ter utilizado, também, o método expositivo, questionei os alunos para que estes chegassem a conclusões, utilizando, desta forma o método interrogativo e ativo. Utilizei uma linguagem simples e ao longo da apresentação do *PowerPoint*, assim como, aquando da finalização da visualização do vídeo, fui questionando os alunos para que estes inferissem conclusões sobre os mesmos. As questões foram colocadas de forma direta aos alunos que revelaram mais dificuldades. As questões que implicavam relacionar conteúdos foram colocadas aos restantes alunos.

A 48ª Conferência Internacional da Educação da UNESCO, realizada em Genebra, em novembro de 2008, sobre o tema “Educação Inclusiva: o Caminho do Futuro” recomenda aos vários Estados que:

Reconheçam que a educação inclusiva é um processo contínuo que visa oferecer uma educação de qualidade para todos, embora respeitando a diversidade e as diferentes necessidades e capacidades, as características e as expectativas de aprendizagem para os alunos e as comunidades. (UNESCO, 2008)

Quando terminei esta parte da matéria, pedi aos alunos para transcreverem um pequeno resumo-síntese, projetado no quadro, para os respetivos cadernos diários. Este resumo-síntese pretendeu ser um instrumento facilitador do estudo autónomo. Em seguida, distribuí fichas de trabalho sobre a matéria dada, o que permitiu a elaboração de uma avaliação formativa. Quando os alunos terminaram a elaboração da ficha, procedi à correção da mesma, colocando questões a diversos alunos. Quando terminei a matéria relativa à Revolução Americana, procedi de igual modo para a matéria relativa aos antecedentes da Revolução Francesa. Desta forma, a sequência de trabalho foi, igualmente: apresentação de *PowerPoint-síntese*, elaboração de ficha de trabalho com a posterior correção da mesma.

Considero importante o recurso às ferramentas disponibilizadas pelas novas tecnologias. Desta forma optei por utilizar os vídeos como forma de dinamizar as aulas. Assim, tal como refere Junior, Lisboa e Coutinho (2011)

Os vídeos são ferramentas que podem favorecer diversas situações de aprendizagem, bem como, poderá tornar a compreensão dos conteúdos mais facilitada, pois os alunos conseguem ver e ouvir a transmissão das informações, entrevistas e até mesmo as situações reais do dia-a-dia. (...) com o advento da Internet o número de vídeos disponíveis online que podem ser utilizados para fins educativos vem crescendo de forma vertiginosa." (p.36)

Os alunos desta turma, pareceram interessados ao longo da visualização do filme, o que permitiu que se motivassem para a matéria, tendo posteriormente formulado várias questões muito pertinentes sobre a mesma.

Trata-se de uma turma que tem alunos com pouco sucesso escolar, alguns demonstram problemas disciplinares, pelo que é importante a manutenção da atenção dos mesmos ao longo da aula, assim como a elaboração de uma avaliação formativa constante.

No que diz respeito à avaliação sumativa, os alunos, no dia 15 de maio, elaboraram um teste sumativo no qual constaram algumas perguntas sobre

os conteúdos dados por mim. Essas questões, por opção da professora cooperante, foram elaboradas pela mesma. Da grelha de correção das referidas questões (Anexo 10), posso concluir que os alunos revelaram algumas dificuldades na elaboração das respostas, uma vez que, como referi anteriormente, trata-se de uma turma constituída por alunos que não têm hábitos de estudo, o que se reflete nos resultados da avaliação sumativa.

#### Aulas lecionadas em 29 de maio

Como os conteúdos abordados nestas aulas, dois blocos de 45 minutos cada, sobre o “Liberalismo”, mais precisamente sobre a “Reação Absolutista, Guerra Civil (1832-34) e Triunfo do Liberalismo”, tinham sido precedidos por uma visita de estudo à Cidade do Porto, intitulada “Pelos Caminhos do Liberalismo”, aproveitei a mesma para relacionar a matéria com os locais visitados.

Assim, a situação problema que serviu de base a estas aulas foram “Caraterizar a reação absolutista e a Guerra Civil em Portugal e perceber o triunfo do liberalismo”. As aulas tiveram as seguintes questões estruturantes: “Como se processou a reação absolutista e a guerra civil?” “De que forma triunfou o Liberalismo?”. As metas de aprendizagem para as quais estas aulas contribuíram foram: “descrever as principais alterações políticas ocorridas em Portugal entre a Revolução de 1820 e o fim da Guerra Civil em 1834; explicar a conflitualidade político-militar, no seio do liberalismo português.”

Os conceitos-chave destas aulas são: Reação absolutista; Guerra Civil; Monarquia Constitucional; Legislação Liberal.

Os objetivos de aprendizagem foram: indicar a reação absolutista ao movimento liberal em Portugal; conhecer como se processou a Guerra Civil; reconhecer a importância da Carta Constitucional de 1826; indicar quais as instituições liberais.

Para a preparação das aulas, lecionadas em 29 de maio, utilizei a seguinte bibliografia: “História das Instituições II”, de Carlos M. Almeida; “As

causas de D. Maria II”, de Maria de Fátima Bonifácio”; O discurso reformador de Mouzinho da Silveira” de Maria de Fátima Brandão e Rui Graça Feijó.

Elaborei o plano de aula (anexo 11), tendo por base a visita de estudo efetuada pelos alunos. O plano de aula, tal como os recursos a serem utilizados ao longo das aulas, foram apreciados e validados previamente pela professora cooperante. (anexo 12)

Como referi anteriormente, apelei à memória dos alunos, para que se tentassem recordar dos locais visitados relacionados com a matéria. Desta forma, elaborei verbalmente algumas questões orientadoras, tais como: “Quais os locais que visitaram relacionados com a reação absolutista de D. Miguel?”; “Quais os locais visitados relacionados com D. Pedro?”. Assim, diagnostiquei se os alunos já tinham adquirido alguns conhecimentos sobre esta temática. A visita de estudo sobre o tema do “Liberalismo” permitiu que os alunos, através do contacto direto com locais emblemáticos da época, na cidade do Porto, se motivassem para as aulas sobre este tema. O impacto da referida visita de estudo foi muito positivo, uma vez que permitiu que os alunos relacionassem a mesma com os conteúdos abordados, levando a uma participação ativa dos mesmos, procurando aumentar a sua capacidade crítica e argumentativa.

Posteriormente, utilizei um *PowerPoint*, no qual privilegiei a utilização de fontes escritas, nomeadamente alguns artigos da Carta Constitucional de 1826, e fontes icnográficas, designadamente ilustrações e retratos de personalidades da época estudada, de forma a tornar as aulas mais interativas e a conduzir à participação dos alunos. Conforme refere Prats (2006, p. 210) “As fontes escritas requerem uma técnica de leitura detalhada, em que os alunos deverão ir decifrando a informação histórica que o documento proporciona.” Desta forma, os alunos procederam à leitura, interpretação e análise crítica faseada da Carta Constitucional. Quanto às fontes icnográficas utilizadas, pedi aos alunos para referirem o que estas representavam. Assim, “No caso de análises de textos escritos, necessitamos imaginar os cenários tomando por base as descrições. Aqui ocorre o contrário: temos os cenários e necessitamos imaginar a descrição.” (Prats,

2006, p. 210). Ao longo da visualização do *PowerPoint* fui colocando algumas questões aos alunos para que estes aferissem os seus conhecimentos acerca da matéria. No *PowerPoint* incluí também, alguns dos locais visitados, na referida visita de estudo. À medida que a matéria foi sendo lecionada, introduzi excertos de documentários, com o objetivo de conseguir a participação ativa e pertinente dos alunos, colocando questões a partir da visualização dos mesmos. A observação de pequenos documentários/filmes que retirei do *youtube*, despertou-lhes interesse e levou à participação ativa, mas organizada, dos alunos. Segundo Abud (2003):

(...) pode-se afirmar que o filme promove o uso da percepção, uma atividade cognitiva que desenvolve estratégias de exploração, busca de informação e estabelece relações. Ela é orientada por operações intelectuais, como observar, identificar, extrair, comparar, articular, estabelecer relações, sucessões e causalidade, entre outras. Por esses motivos, a análise de um documento fílmico, qualquer que seja seu tema, produz efeitos na aprendizagem de História, sem contar que tais operações são também imprescindíveis para a inteligibilidade do próprio filme.

Ao proceder às operações mentais necessárias para a inteligibilidade do filme, o aluno estará elaborando o seu pensamento histórico na perspectiva de construção da consciência histórica, não elaborando as técnicas e os procedimentos da profissão de historiador, mas os elementos fundamentais do modo de pensar que habita intimamente as proposições históricas, que as informa e as torna significativas, distinguindo a História das maneiras ligeiras e espontâneas de representar o passado. (2003, p. 191)

Os excertos de vídeos visualizados ao longo das aulas foram sujeitos a uma escolha criteriosa. Os mesmos estão disponíveis nos seguintes *sites* <https://www.youtube.com/watch?v=VqaYxdB5y1c> e <https://www.youtube.com/watch?v=N8PQ8YJj9Y0> .

Descrevi, embora de forma sucinta, a vida de algumas personalidades da época, o que despertou bastante interesse e curiosidade dos alunos, uma vez que estes relacionaram a forma de estar das épocas estudadas com as atuais. Desta forma, esta estratégia afigurasse muito útil para que os alunos percecionem a relação existente entre o presente e o passado. Segundo Prats (2006, p. 196), “Facilitar a compreensão do presente, uma vez que não há nada no presente que não possa ser melhor compreendido através do passado. A História não tem a pretensão de ser a “única” disciplina que

objetiva ajudar a compreender o presente, mas pode-se afirmar que, com ela, a compreensão do presente adquire maior riqueza e relevância.” Desta forma, pretendi dinamizar as aulas.

Terminei as aulas (dois blocos de 45 minutos cada) pedindo aos alunos para passarem para o caderno um breve resumo dos conteúdos lecionados, que pretendeu ser um instrumento facilitador de estudo para o teste sumativo sobre a matéria. Por fim, os alunos elaboraram uma ficha de trabalho com vários tipos de questões (escolha múltipla, resposta direta, relacionamento de conteúdos). O objetivo da elaboração da ficha de trabalho foi consolidar a matéria dada e esclarecer as eventuais dúvidas que ainda poderiam permanecer. Utilizei o quadro para fazer a correção da referida ficha, para a qual os alunos contribuíram, consolidando as aprendizagens feitas. Desta forma, procedi à elaboração da avaliação formativa. Simultaneamente, a avaliação contínua foi sendo realizada ao longo das aulas, através das questões verbais colocadas aos alunos.

No que diz respeito à avaliação sumativa, os alunos elaboraram um teste sumativo, no qual constaram algumas perguntas sobre os conteúdos dados por mim. Essas questões, por opção da professora cooperante, foram elaboradas pela mesma. Da grelha de correção das referidas questões (anexo 13) e da análise dos resultados do teste, posso concluir que: 11 alunos responderam às questões sobre essa parte da matéria de forma positiva ou relativamente satisfatória; 12 responderam de forma insatisfatória ou muito insatisfatória e 2 alunos não elaboraram o teste.

Conforme referi anteriormente, trata-se de uma turma que revela grandes dificuldades de aprendizagem, devido a fatores relacionados com um comportamento nem sempre adequado, com a falta de concentração, de interesse e de empenho. Para além disso, os alunos não têm hábitos de estudo dos conteúdos lecionados fora do contexto de sala de aula, o que se reflete nas classificações obtidas.

### 3.3 Participação na Escola e relação com a comunidade

Ao longo do período de prática pedagógica participei em duas reuniões de Conselho de Turma, referentes à turma do 7º ano e do 8º ano, nas quais lecionei.

Quadro 9 - Reuniões de Conselho de Turma

Turma	Data	Hora	Duração
7º ano	20/03/2013	11:30 H	2 Horas
8º ano	19/03/2013	14:30 H	2 Horas

Participei, igualmente, nas reuniões de pré e pós observação das aulas do núcleo de estágio. Estas reuniões permitiram-me perceber quais os pontos que deveria melhorar, quer na disciplina de História, quer na disciplina de Geografia.

Quadro 10 - Reuniões pré-observação das aulas a lecionar

	Data	Hora	Sala	Duração
Geografia	3/04/2013	16:50 H	Sala de	1 Hora
	6/05/2013	9:30 H	Diretores de Turma	1 Hora
História	15/04/2013	11:00 H	Sala de	1 Hora
	15/05/2013	11:45 H	Diretores de Turma	1 Hora

Grelha 11 - Reuniões pós-observação das aulas lecionadas

	Data	Hora	Sala	Duração
Geografia	15/04/2013	9:30 H	Sala de	1 Hora
	8/05/2013	16:50 H	Diretores de Turma	1 Hora
História	17/04/2013	11:35 H	Sala de	1 Hora
	29/05/2013	11:35 H	Diretores de Turma	1 Hora

Para além disso, participei numa reunião de Departamento.

#### Quadro 12 - Reunião de Departamento

Data	Hora	Sala	Duração
10/04/2013	17:00 H	11	2 Horas

Nesta reunião de Departamento foram propostas as atividades realizadas pelo núcleo de estágio.

#### Quadro 13 – Atividades desenvolvidas pelo núcleo de estágio

	Data	Hora	Turma(s)	Duração
Visita de estudo aos “Caminhos do Liberalismo”	22/05/2013	15:15 H às 18:15H	8º ano	3 horas
Conferência sobre “As Alterações Climáticas no Alasca”, com o Professor João Bessa Santos	24/05/2013	15:00 H às 17:00H	7º ano	2 horas

Os principais objetivos da visita de estudo foram: “observar, descrever e interpretar o meio urbano da cidade do Porto, no espaço, tempo, concretamente; ler e interpretar mapas e fotografias das zonas da cidade a visitar; identificar fases do Liberalismo; observar in loco, os locais relacionados com o Liberalismo; identificar património histórico e cultural local; desenvolver competências de socialização fora do espaço escola e sala de aula, com os professores e com os colegas”.

Para a visita de estudo, foi elaborado um guião para os alunos (anexo 14), com a descrição dos locais visitados. No final do guião, foram colocadas algumas questões sobre os diversos locais e sobre o grau de satisfação dos alunos relativamente à visita.

Uma vez que um dos temas lecionados por mim, numa das aulas na disciplina de História, foi o “Liberalismo em Portugal”, esta visita foi extremamente pertinente. Na visita de estudo, a intervenção da disciplina de

Geografia pautou-se pela observação dos vários tipos de plantas existentes na cidade do Porto.

Relativamente à Conferência sobre “As Alterações Climáticas no Alasca” (anexo 15), que teve como orador o Professor Doutor João Bessa Santos, esta foi de especial interesse, uma vez que a temática abordada, enquadrou-se nos conteúdos lecionados na turma do 7º ano. Desta forma, os alunos tiveram a possibilidade de ouvir e questionar um investigador que estuda “in loco” alguns dos fenómenos estudados nas aulas. É, na minha opinião, muito útil que os alunos tenham contacto com o mundo da investigação para que tenham acesso à forma como esta é realizada.

## **Capítulo 4 - Reflexão crítica fundamentada sobre os resultados obtidos de aprendizagem**

### **4.1 Os resultados obtidos na aprendizagem**

#### **4.1.1 A avaliação sumativa em Geografia**

No que diz respeito à avaliação sumativa, na disciplina de Geografia, elaborei um conjunto de questões sobre os temas lecionados nas aulas que integraram as fichas de avaliação. Conforme refere Rabelo (2010):

Acredita-se que, em Geografia, a avaliação da aprendizagem deve ser pautada na formação dos conceitos geográficos considerados como essenciais (sociedade, natureza, território, região, paisagem, lugar) e no entendimento das relações sócio-espaciais. Ao professor, cabe realizar avaliações que tenham por objetivo observar se os alunos formaram os conceitos geográficos e se assimilaram as relações que se dão no espaço, para, então, poder orientar e reorientar as práticas pedagógicas em sala de aula. (2010, p. 244)

Assim, essas questões assumiram diversas formas: resposta direta, análise de mapas e figuras, completamento de espaços, escolha múltipla, com o objetivo de levar os alunos a relacionarem conceitos. Da análise das respostas dos alunos, posso concluir estes responderam às questões de forma satisfatória. De acordo com Rabelo e Cavalcanti (2009, p. 8) “a avaliação da aprendizagem em geografia não pode ficar presa à verbalização dos conceitos, sem que os mesmos estejam relacionados com outros conceitos”.

Posso concluir que as aulas lecionadas foram bem-sucedidas, tendo conseguido levar os alunos a aprendizagens significativas, através da adoção do processo ensino e aprendizagem por descoberta.

#### 4.1.2 A avaliação sumativa em História

A avaliação sumativa, segundo Prats (2012, p. 19) é uma “fase de verificação.” Trata-se de uma “acumulação de processos e produtos que dá informação sobre o grau alcançado pelos alunos no final de uma unidade ou de uma série de unidades didáticas.” (Prats, 2012, p. 19)

No que diz respeito à avaliação sumativa, na disciplina de História, esta foi elaborada através de fichas de avaliação, que contiveram algumas questões sobre a matéria lecionada por mim. No entanto, essas questões foram elaboradas pela orientadora de estágio, por opção da mesma.

Na ficha de avaliação na qual foram incluídas questões sobre os conteúdos lecionados por mim em 17 de abril estas tiveram um caráter predominantemente aberto. As questões ou itens estavam formuladas de forma clara e objetiva. Tal como refere Gatti (2003):

a qualidade das questões ou itens – estes devem ser formulados de tal modo que os alunos entendam exatamente o que é pedido, ou seja, não devem se prestar a interpretações dúbias (...) (2003, p. 106)

Assim, foi pedido aos alunos que interpretassem fontes históricas, nomeadamente fontes escritas e iconográficas. Este tipo de questões exige do aluno “um grau adequado ao nível de domínio de conceitos e técnicas”. Outras questões pretenderam aferir a capacidade de análise dos alunos, pedindo aos mesmos para “identificar informação” e para elaborarem “(...) descrições qualitativas” (Prats, 2012, p. 31), o que exige do aluno um “domínio compreensivo e dos métodos e técnicas” (Prats, 2012, p. 31). Por fim, foi incluída, também, uma questão que permitiu aferir a capacidade de avaliação dos alunos, aferindo a capacidade de interpretação dos mesmos, relativa aos acontecimentos a serem avaliados. (Prats, 2012, p. 31)

Na ficha de avaliação sobre os conteúdos lecionados por mim em 29 de maio as questões colocadas foram, maioritariamente, de resposta direta, que têm como objetivo a avaliação do aluno a nível da informação apreendida. Este tipo questões incide sobre a avaliação relativa ao conhecimento de “termos, explicação, factos, acontecimentos, personagens,

etc.” e “exigem memória” (Prats, 2012, p. 31). Algumas questões colocadas, foram de caráter aberto, o que permitiu avaliar a capacidade de análise do aluno. Essas questões solicitavam ao aluno que identificasse “informação, conceitualização, caracterizações, descrições qualitativas” (Prats, 2012, p. 31). As questões de caráter aberto exigem que o aluno tenha um “domínio compreensivo e dos métodos e técnicas” (Prats, 2012, p. 31). Desta forma, este tipo de questões exigem que os alunos acionem um conjunto de competências mais complexas. Conforme refere Mimesse (2008) as provas que são constituídas por questões com caráter mais dissertativo tem como objetivo o: (...) “desenvolvimento da aprendizagem, da expressão escrita individual a partir das conclusões sobre determinados assuntos, da leitura e interpretação de textos, da autonomia à reflexão.” (Mimesse, 2008, p. 131)

No entanto, um estudo levado a cabo por Barreira (2001), demonstrou que no que diz respeito à preferência dos alunos relativa aos tipos de questões presentes nos testes: “83,42% preferem questões tipo verdadeiro-falso, 56,57% preferem questões tipo preenchimento de espaços; 34,28% questões de desenvolvimento e 13,71% chegam mesmo a pedir questões com cruces, de resposta rápida, directas, fáceis (...)” (Barreira, 2001, p. 46). Desta forma, os alunos preferem questões facilitadoras, que não implicam necessidade e capacidade de escrita, nem de processos reflexivos de alguma complexidade.

Das respostas elaboradas pelos alunos, em ambos os teste, relativas à matéria lecionada por mim, posso concluir que os alunos revelaram bastantes dificuldades em atingir os objetivos propostos. Conforme referi anteriormente, trata-se de uma turma composta por alunos com poucos hábitos de estudo e com algumas dificuldades de concentração, o que se reflete na avaliação sumativa.

## 4.2 - Opções metodológicas em contexto de sala de aula

Foi elaborada uma investigação, tendo por base um estudo de caso. Segundo Meirinhos e Osório (2010):

O estudo de caso como estratégia de investigação é abordado por vários autores, como Yin (1993 e 2005), Stake (1999), Rodríguez *et al.* (1999), entre outros, para os quais, um caso pode ser algo bem definido ou concreto, como um indivíduo, um grupo ou uma organização, mas também pode ser algo menos definido ou definido num plano mais abstracto como, decisões, programas, processos de implementação ou mudanças organizacionais. (2010, pp. 51, 52)

Coutinho e Chaves (2002) referem também que:

(...) o estudo de caso é uma *investigação empírica* (Yin, 1994) que se baseia no *raciocínio indutivo* (Bravo, 1998; Gomez, Flores & Jimenez, 1996) que depende fortemente do *trabalho de campo* (Punch, 1998) que *não é experimental* (Ponte, 1994) que se baseia em *fontes de dados múltiplas e variadas* (Yin, 1994) (2002, pp. 224, 225)

O estudo de caso que foi levado a cabo teve como tema: metodologias no ensino da História e da Geografia. O problema que serviu de base a esta investigação foi: determinar quais as metodologias mais utilizadas pelos professores nas disciplinas de Geografia e de História. Os objetivos do estudo foram: relacionar as metodologias utilizadas pelos professores com o interesse dos alunos pelas disciplinas de Geografia e de História; conhecer quais os temas de Geografia e de História que os alunos mais gostam; compreender os motivos que conduzem os alunos a gostarem ou não das referidas disciplinas; saber quais os hábitos de estudo dos alunos relativamente às diferentes disciplinas; aferir a regularidade do uso das tecnologias pelos professores. Para obter indicadores que permitissem responder ao problema indicado procedeu-se à recolha de dados através da aplicação de inquéritos por questionário (anexo 16 e 17). A amostra utilizada não foi aleatória uma vez que os questionários foram apenas respondidos pelos alunos das turmas do 7º e 8º ano nas quais lecionei. Os inquéritos de Geografia foram respondidos por 41 alunos. Os questionários sobre metodologias em História foram respondidos por 37 alunos.

Os questionários são compostos por perguntas fechadas, de resposta única, de resposta múltipla, de classificação e questões de escala, por perguntas abertas e semiabertas. As perguntas são constituídas por palavras simples, com uma linguagem acessível e clara. Como refere Hill e Hill (1998):

Quando se está a escrever as perguntas de um questionário é conveniente pensar cuidadosamente quem vai responder ao questionário e escrever as perguntas de uma maneira adequada às suas (prováveis) habilitações literárias e ao seu vocabulário (1998, p. 18)

A primeira parte dos questionários refere-se à caracterização pessoal dos respondentes e a segunda parte refere-se às opções metodológicas de ensino da Geografia e da História. Quanto ao método de recolha, os questionários foram respondidos via internet, através de uma ferramenta disponibilizada pelo *Google Docs*.

Após a elaboração das respostas pelos alunos aos questionários, cuja confidencialidade foi assegurada, efetuou-se a organização dos dados, procedendo-se ao tratamento dos dados estatisticamente, sempre que possível. Para o tratamento estatístico foi utilizado o programa Excel, com o qual foram elaborados cálculos percentuais. Este procedimento, possibilitou elaborar gráficos elucidativos dos dados obtidos que se consideraram pertinentes para o estudo em questão.

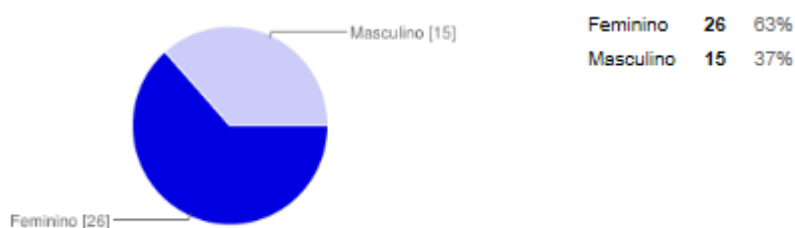
Trata-se de um inquérito que contém questões seguindo uma abordagem predominantemente quantitativa, contendo também algumas questões direcionadas para uma abordagem qualitativa. Segundo Bell (2004, pp. 19-20), citado por Bento (2012, p. 1), os “investigadores quantitativos recolhem os factos e estudam a relação entre eles” enquanto os investigadores qualitativos “estão mais interessados em compreender as percepções individuais do mundo. Procuram compreensão, em vez de análise estatística. (...). Contudo, há momentos em que os investigadores qualitativos recorrem a técnicas quantitativas, e vice-versa.” Os resultados quantitativos estão representados graficamente.

#### 4.2.1. Estudo – Metodologias no Ensino da Geografia

##### Parte I – Caracterização Pessoal dos alunos respondentes

Os alunos que responderam ao questionário no âmbito do ensino da Geografia têm idades compreendidas entre os 13 e os 15 anos. Destes alunos, 26 são do sexo feminino (63%) e 15 são do sexo masculino (37%).

Gráfico 6 – Sexo



No que diz respeito ao ano de escolaridade frequentado, 15 alunos frequentam o 7º ano (37%) e 26 frequentam o 8º ano de escolaridade (63%). (anexo 18 a) – gráfico 7)

A maior parte dos alunos vive numa família biparental, sendo que a grande parte dos mesmos têm irmãos.

##### Parte II – Opções Metodológicas no Ensino da disciplina de Geografia

No que diz respeito ao percurso escolar 17% responderam que já tinham ficado retidos em algum ano e 83% responderam que não. (anexo 18 b) - gráfico 8)

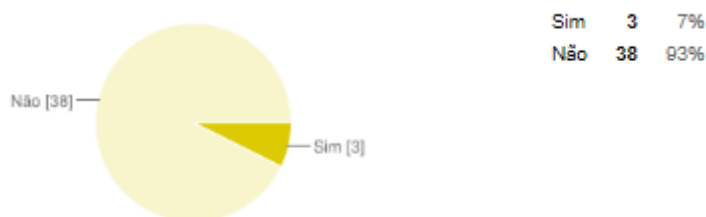
Conforme descreve Rebelo

A retenção dos alunos, no mesmo ano escolar que frequentam, é uma medida administrativa do sistema escolar de cada país, tomada após a avaliação dos resultados da aprendizagem dos programas escolares leccionados nesse ano curricular, resultados esses que foram julgados insuficientes em relação aos padrões estabelecidos.” (2009, p. 27)

Relativamente aos anos em que os alunos ficaram retidos, as respostas foram diversas: “7º ano”, “6º ano”, “2º e 7º ano”, “2º, 7º e 8º ano”.

No que diz respeito ao estudo diário, dos alunos que responderam ao questionário 7% responderam que estudam Geografia todos os dias e 93% responderam que não.

Gráfico 9 - Estudam Geografia todos os dias?



Na planificação das atividades de estudo “Deverão ser tidas em conta questões como (i) o ritmo pessoal de trabalho, (ii) as dificuldades de cada disciplina, (iii) as horas mais apropriadas para o estudo e (iv) os tempos dedicados ao lazer e princípios, tais como (i) fazer um plano semanal e um plano diário, (ii) não gastar todo o tempo de estudo numa só disciplina, assegurando que todas estejam contempladas no plano, bem como as tarefas dentro de cada disciplina (trabalhos de casa, pesquisa, etc.), (iii) ter em conta que algumas disciplinas necessitam mais tempo, devendo começar-se pelas de grau médio de dificuldade, seguindo-se as de maior dificuldade e finalizando com as mais fáceis, (iv) contemplar alguns minutos de intervalo entre o estudo de duas disciplinas, para descansar, (v) aumentar o tempo de estudo de forma progressiva, (vi) criar o hábito de utilizar uma agenda, que será de grande utilidade no registo da data das avaliações, do início e fim das aulas, etc., (vii) esforçar-se por cumprir o plano e (viii) sempre que necessário, solicitar auxílio aos professores e aos colegas (Carita et al., 1998). (citado por Figueiredo, 2008, pp. 244-245)

O tempo diário que os alunos dedicam ao estudo de Geografia é variável: “duas horas”, “sou obrigada a estudar das duas às quatro”; “30 minutos”.

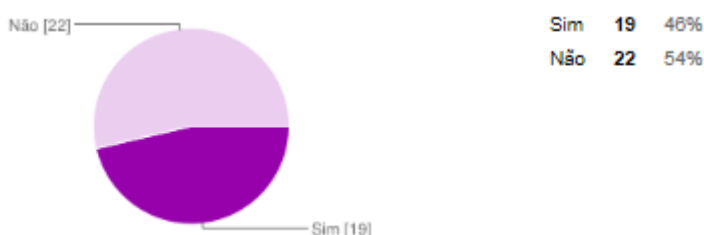
Dos alunos que responderam ao questionário, 83% responderam que estudam habitualmente em casa e 17% responderam que não. (anexo 18 c) - gráfico 10). Os pais têm muitas vezes necessidade de colocar os filhos num ATL<sup>4</sup>, por um lado para que não fiquem sozinhos quando não estão na Escola, por outro para terem a possibilidade de serem acompanhados no estudo.

<sup>4</sup> Acrónimo de Atelier de Tempos Livres

No que se refere ao local de estudo, as respostas foram: “na minha sala”; “quarto”; “sala e quarto”; “num centro de estudo”; “no escritório ou no meu quarto”; “no ATL”; “Casa da Juventude”.

Dos alunos que responderam ao questionário, 46% responderam que alguém os ajuda a estudar e 54% responderam que não.

Gráfico 11 - Alguém te ajuda a estudar?



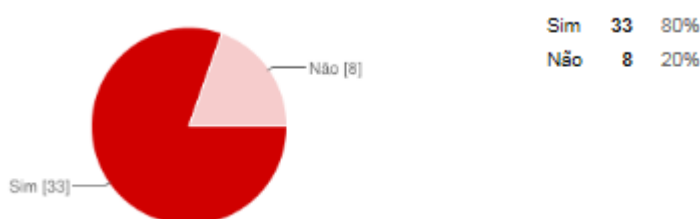
As respostas dos alunos sobre quem habitualmente os ajuda a estudar foram: “mãe e pai”; “mãe”; “as professoras do centro”; “irmã”; “mãe ou professora”; “amigas ou mãe”; “coordenadores”; “o meu pai”.

Dos alunos que responderam ao inquérito, 51% responderam que tiveram negativas no ano anterior e 49% responderam que não. (anexo 18 d) - gráfico 12). As disciplinas nas quais os alunos tiveram negativas foram várias.

Dos alunos que elaboraram o questionário, 59% consideram que tiveram boas notas no ano anterior, 41% consideram que não. (Anexo 18 e) - gráfico 13). Os alunos consideraram que tiveram boas notas em várias disciplinas.

Dos alunos que elaboraram o questionário, 80% responderam que gostam de Geografia e 20% responderam que não.

Gráfico 14 - Gostas de Geografia?



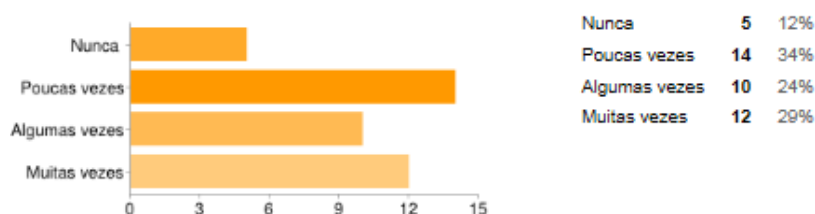
Os alunos responderam de forma relativamente equitativa que gostam de Geografia porque: “Descobrem temas de interesse atual”; “valorizam o que acontece a nível local”; “Conhecem melhor o espaço físico e natural; e compreendem melhor a relação entre o Homem e o meio”. Para além disso, os alunos responderam que também gostam de Geografia porque: “gosto de conhecer as características dos outros países”; “entendo mapas e sei analisá-los”. (Anexo 18 f) – gráficos 15 a 18)

Os alunos responderam que não gostam de Geografia, principalmente porque esta “tem alguma Matemática”. Os outros motivos são porque “não gostam de analisar e construir gráficos e mapas”; “os temas abordados não são interessantes”; “Os temas são muito abstratos e pouco úteis”. Estes últimos, embora tenham também um número de respostas concordantes consideráveis, os alunos não lhes atribuíram tanta relevância. (Anexo 18 g) – gráficos 19 a 22)

À questão “Que temas de Geografia te despertam mais interesse?”, os alunos realçaram particular interesse pelos seguintes temas: “Cidades”; “População” e “Ambiente e Recursos Naturais”. (Anexos 18 h) – gráficos 23 a 30)

À questão “Já desenhaste e analisaste mapas” 12% dos alunos responderam nunca, 34% responderam poucas vezes, 24% responderam algumas vezes e 29% responderam muitas vezes.

Gráfico 31 - Já desenhaste e analisaste mapas?

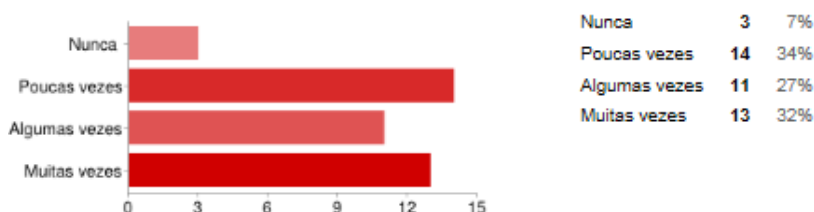


#### Na perspetiva de Carvalho & Freitas

Os mapas pictóricos podem ser de uma grande ajuda e será de começar com eles; não é por acaso que as plantas turísticas cada vez são mais pictóricas, pois assim até motivam os adultos, pouco treinados no uso de mapas, a utilizá-las. (2010, p. 133)

À questão “Já desenhaste e analisaste gráficos”, 7% dos alunos responderam nunca, 34% responderam poucas vezes, 27% responderam algumas vezes e 32% responderam muitas vezes.

Gráfico 32 - Já desenhaste e analisaste gráficos?

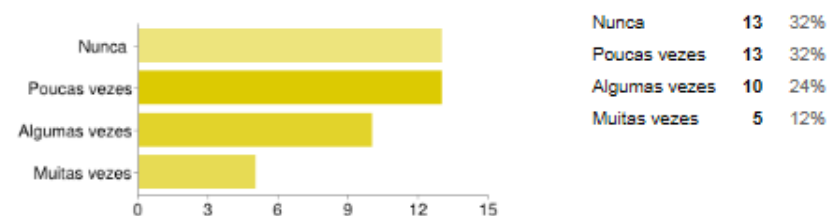


De acordo com Paganelli, citado por Peixoto e Cruz “Os gráficos são tipos de signos utilizados para representar a realidade em seu aspecto quantitativo assim como a estrutura espacial-temporal de um grupo em determinado espaço/tempo.” (1985,p.32). Desta forma,

O gráfico visto como símbolo de uma comunicação envolve elementos que permitem sua interpretação e leitura. São esses elementos (título, legenda, dados e símbolos), que permitem que o educando consiga perceber e codificar a mensagem representada por esse gráfico. (Peixoto & Cruz, 2011, p. 127)

À questão “Com que frequência vês e comentas filmes/documentários” 32% dos alunos responderam nunca, 32% responderam poucas vezes, 24% responderam algumas vezes e 12% responderam muitas vezes.

Gráfico 33 - Com que frequência vês e comentas filmes/documentários?



Os meios audiovisuais aplicados ao ensino da Geografia podem ser uma forma lúdica de aprendizagem. De acordo com Timoteo (2013)

Os filmes podem ser utilizados para que os alunos visualizem conteúdos geográficos, os filmes trazem várias imagens em movimentos de diversos ângulos, com histórias

reais ou não, é um exemplo de articulação entre diferentes linguagens como imagens, verbal e musical.”

A mesma autora cita ainda Santos, Costa e Kinn

Para se usar um filme como recurso didático-pedagógico, além da escolha, adequada ao conteúdo que se está trabalhando e/ou se quer reforçar, é necessário contextualizá-lo, motivar os alunos a assistirem-no com objetividade e identificarem seus conteúdos geográficos e propor atividades que transformem essa experiência em conhecimento. (2010, p.50)

À questão “Realizas trabalhos individuais de pesquisa?” 2% dos alunos responderam nunca, 34% responderam poucas vezes, 34% responderam algumas vezes e 10% responderam muitas vezes. (anexo 18 i) - gráfico 34)

O uso da internet para a elaboração de trabalhos individuais de pesquisa acelerou e facilitou a forma como o acesso à informação é conseguido.

Desde o surgimento da Internet e do posterior aumento no número de páginas e informações online, tornou-se fundamental o uso de ferramentas de localização de dados, também conhecidas por buscadores, ou motores de busca. (...) No entanto, nem todas as páginas disponíveis na rede são confiáveis, na verdade, muitas delas são reprodução de conteúdos ou mesmo informações não consolidadas academicamente. Desta forma, é fundamental que o professor seja um gestor destas aprendizagens em rede, ou seja, é preciso orientar os seus alunos a encontrar as melhores fontes e as informações mais confiáveis (Jonassen, 2007 citado por Junior, Lisbôa & Coutinho, 2011, p. 21)

No que se refere à questão “Já trabalhaste em grupo?”, dos alunos que responderam ao questionário 22% responderam nunca o tinham feito, 32% responderam poucas vezes, 32% responderam algumas vezes e 15% responderam muitas vezes. (anexo 18 j) - gráfico 35)

Os trabalhos de grupo fomentam o relacionamento interpessoal.

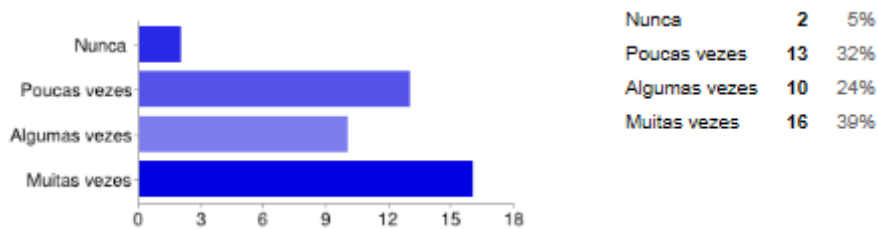
Segundo Costa deve-se

(...) dar ênfase às relações que se estabelecem entre aluno – aluno isto é entre o grupo de pares. O mesmo autor refere que numerosas investigações revelaram que as relações entre alunos (...) incidem de forma decisiva sobre aspectos tais como a socialização, aquisição de competências e habilidades sociais, o controlo de impulsos agressivos, a superação do egocentrismo, bem como o aumento do nível de desempenho e rendimento escolar. (2006,p. 30)

No que diz respeito à questão “Costumas interpretar mapas, imagens, fotografias, etc.?”, dos alunos que responderam ao questionário, 5%

responderam nunca, 32% responderam poucas vezes, 24% responderam algumas vezes e 39% responderam muitas vezes.

Gráfico 36 - Costumas interpretar mapas, imagens, fotografias, etc.?

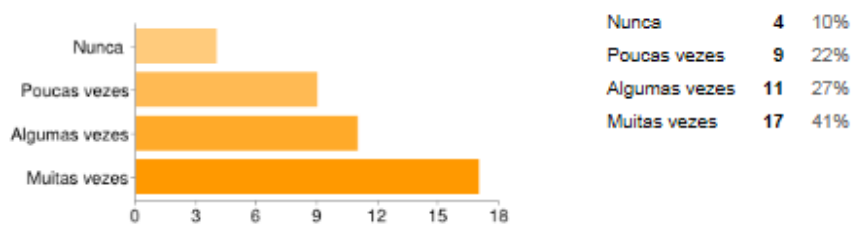


### Segundo Rigonato (2011)

A alfabetização cartográfica consiste na construção de conhecimentos, signos e representações, referentes à compreensão e leitura de legenda, cartogramas, tabelas, gráfico, mapas, cartas e imagens (fotografias e imagens de satélites). (2011, p.3)

No que concerne à questão “ Discutes assuntos nas aulas?”, dos alunos que responderam ao questionário 10% responderam nunca, 22% responderam poucas vezes, 27% responderam algumas vezes e 41% responderam muitas vezes.

Gráfico 37 - Discutes assuntos nas aulas?

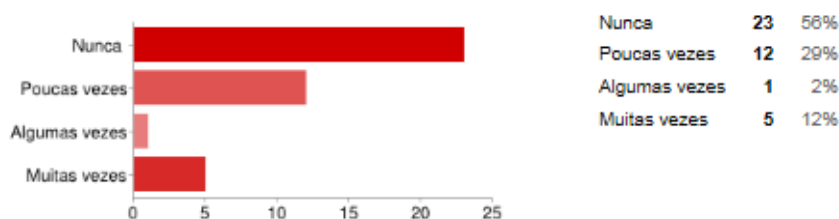


O diálogo evidenciado entre professor – alunos e entre alunos – alunos, constitui uma interação frutífera, devido à potencialidade que tem a nível do desenvolvimento cognitivo e afetivo dos alunos.

As interações são, portanto, processos comunicativos, mais ou menos intencionais, que participam no desenvolvimento dos indivíduos e na sua integração sociocultural. Por consequência, as interações sociais também assumem papel relevante no processo de aprendizagem. (Silva & Caldas, 2002, p. 919)

No que se refere à questão “Realizas debates à volta de uma mesa?”, dos alunos que responderam ao questionário, 56% responderam nunca, 29% responderam poucas vezes, 2% responderam algumas vezes e 12% responderam muitas vezes.

Gráfico 38 - Realizas debates à volta de uma mesa?

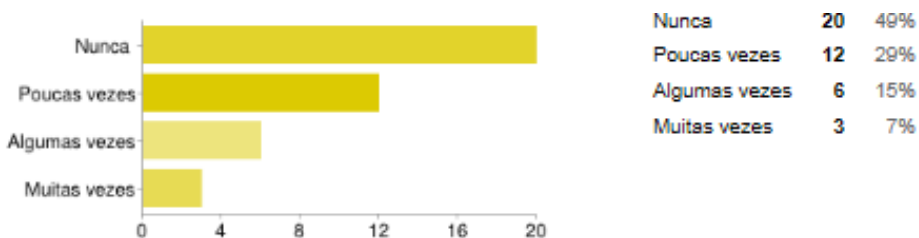


Os debates, nos quais os elementos neles integrantes se encontram em situação de complementaridade, promovem a interação aluno-aluno e a interação aluno-professor. Desta forma,

(...) A interacção entre os alunos que trabalham colaborativamente, devido à simetria das relações entre os participantes (...) oferece boas condições para que eles utilizem a linguagem em todo o seu valor instrumental, isto é, como instrumento de aprendizagem. (Silva & Caldas, 2002, p.925)

Quanto à questão “Já fizeste um trabalho com professores de várias disciplinas?”, dos alunos que responderam ao questionário, 49% responderam nunca, 29% responderam poucas vezes, 15% responderam algumas vezes e 7% responderam muitas vezes.

Gráfico 39 - Já fizeste um trabalho com professores de várias disciplinas?



A integração de saberes de duas ou mais disciplinas, fomentando a reflexão por parte dos alunos das vantagens dessa interligação, torna o processo de ensino e aprendizagem mais rico.

São os professores que, por sua iniciativa, vêm realizando, com uma frequência crescente, experiências de ensino que visam alguma integração dos saberes disciplinares e implicam algum tipo de trabalho de colaboração entre as duas ou mais disciplinas. (Pombo, Levy & Guimarães, 1993, p. 8)

No que diz respeito à questão “Já construístes *dossiers* temáticos?”, dos alunos que responderam ao questionário, 71% responderam nunca, 20% responderam poucas vezes, 5% responderam algumas vezes e 5% responderam muitas vezes. (anexo 18 k) - gráfico 40)

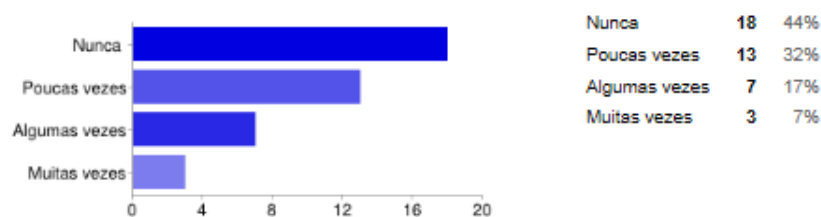
A prossecução de “organização da pesquisa para determinados temas em dossiers, (...) também se pode considerar uma actividade precursora da utilização do portefólio” (Carvalho & Freitas, 2010, p. 146). Esta pesquisa e organização temática de informação permite, também, que o aluno promova a sua autonomia.

No que diz respeito à questão “É habitual fazeres resumos?”, dos alunos que responderam ao questionário, 15% responderam nunca, 34% responderam poucas vezes, 22% responderam algumas vezes e 29% responderam muitas vezes. (anexo 18 l) - gráfico 41)

A elaboração de resumos-síntese nas aulas é fundamental para o sucesso escolar, na medida em que permitem a seleção dos conteúdos fundamentais, para além de que permitem o melhoramento da capacidade de escrita dos alunos. Carvalho, Silva e Pimenta (2006, p. 21) dizem “a escrita pode também ser considerada como um importante factor do sucesso escolar dos alunos em função do papel de relevo que desempenha nos processos de construção, elaboração e expressão de conhecimento no quadro das diferentes áreas disciplinares.” Os autores supracitados consideram também que deve haver uma “aposta na transversalidade envolvendo, por um lado, os professores da língua materna, por outro, os professores das outras disciplinas.” (Carvalho et al, 2006, p. 28)

No que se refere à questão “Já fizeste visitas de estudo através da internet?”, dos alunos inquiridos, 44% responderam nunca, 32% responderam poucas vezes, 17% responderam algumas vezes e 7% responderam muitas vezes.

Gráfico 42 - Já fizeste visitas de estudo através da internet?

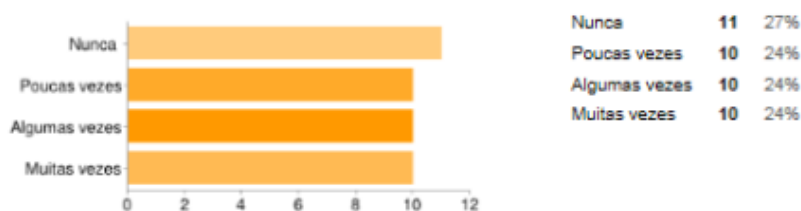


O uso das novas tecnologias permite o acesso a locais, de forma virtual, de outro modo inacessíveis, uma vez que não são possíveis visitas de estudo a locais demasiado distantes ou inóspitos.

Desta forma, Ferreira (1999, p.150) afirma que a utilização das tecnologias e dos “recursos audio-visuais despertam a atenção dos alunos, tornando-os mais interessados e contribuindo para a melhoria da aprendizagem”.

No que diz respeito à questão “Já elaboraste trabalhos usando as tecnologias?”, dos alunos que responderam ao questionário, 27% responderam nunca, 24% responderam poucas vezes, 24% responderam algumas vezes e 24% responderam muitas vezes.

Gráfico 43 - Já elaboraste trabalhos usando as tecnologias?

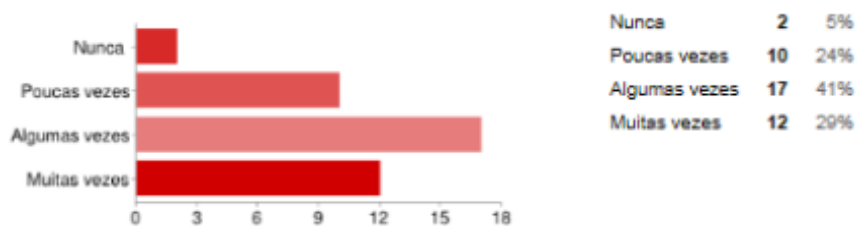


Atualmente, todos os alunos estão familiarizados com uso das tecnologias. O leque de informação disponível nas mesmas é rico e diversificado, no entanto nem sempre é fidedigno, por isso, a intervenção do professor como orientador, é fundamental.

Com a introdução de novas tecnologias e formas variadas de apropriação de informação, essas novas formas de aprendizagem podem proporcionar várias possibilidades de compreensão e atuação do aluno na sociedade contemporânea. Utilizar metodologias de ensino que consigam inserir os alunos em seu contexto social irá tornar o ensino de geografia algo produtivo e ligado com os pensamentos e inovações do mundo moderno.” (Timoteo, 2013)

Quanto à questão “O professor costuma expor a matéria?”, dos alunos que responderam ao inquérito, 5% responderam nunca, 24% responderam poucas vezes, 41% responderam algumas vezes e 29% responderam muitas vezes.

Gráfico 44 -O professor costuma expor a matéria?



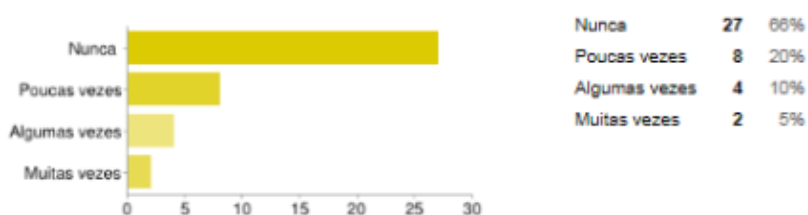
Ferro, define Método Expositivo, como aquele em que o professor

(...) desenvolve oralmente um assunto, dando todo o conteúdo, isto é, a informação de partida, a estruturação do raciocínio e o resultado. Na medida em que a comunicação é descendente, do formador para o formando, este não passa na maior parte dos casos de um agente passivo. (1992, p.6)

Desta forma, o professor tem de dominar muito bem os conteúdos expostos. Este método, apesar de imprescindível, não deve ser exclusivo de uma aula e a quantidade de matéria exposta deve ser relativa para que não seja motivo de distração dos alunos. Para além disso, este método depende sempre da personalidade do professor e do seu tom de voz.

No que diz respeito à questão “Fazes *Portfolio*?” dos alunos que responderam ao inquérito, 66% responderam nunca, 20% responderam poucas vezes, 10% responderam algumas vezes e 5% responderam muitas vezes.

Gráfico 45 - Fazes *Portfolio*?



De acordo Coelho e Campos, (2003, p. 18), citado por Rodrigues (2009, p. 9),

(...) a experiência diária que este instrumento de aprendizagem promove no formando através da forte componente pedagógica e humana, levando-o a tornar-se determinante na formação progressiva deste, o portfolio na sala de aula é um instrumento de regulação e avaliação, ligado às novas práticas pedagógicas.

Ainda a este propósito, Carvalho e Freitas acrescentam que

Uma das funções dos portefólios é serem instrumentos de avaliação para o professor e por vezes são mesmo elemento único de avaliação e classificação, mas também para o aluno, para a sua auto-avaliação, pois são extraordinariamente potenciadores da reflexão sobre a forma como está a aprender. (2010,p. 145)

No que diz respeito à questão “O teu professor anota as tuas ideias no quadro?”, dos alunos que responderam ao inquérito, 24% responderam nunca, 44% responderam poucas vezes, 22% responderam algumas vezes e 10% responderam muitas vezes.

Gráfico 46 - O teu professor anota as tuas ideias no quadro?



O quadro presente na sala de aula pode ser útil para que os professores façam pequenas anotações, para serem registadas nos cadernos diários dos alunos. É também útil para anotar palavras resultantes de exercícios de “brainstorming” ou “tempestade de ideias”.

O brainstorming é uma técnica desenvolvida (...) com o objetivo de estimular a criatividade nos grupos, através da adesão às instruções libertando o indivíduo do efeito de inibição, auto-criticismo e criticismo dos outros, durante a resolução do problema (Pissarra, 1996, p. 31)

No que se refere à questão “Fazes trabalhos com um objetivo específico?”, dos alunos que responderam ao inquérito, 15% responderam nunca, 39% responderam poucas vezes, 22% responderam algumas vezes e 24% responderam muitas vezes. (anexo 18 m) - gráfico 47)

Os objetivos específicos pretendem definir em concreto o que se pretende com determinado trabalho. “Em relação às funções dos objectivos, muitos autores apontam sobretudo para uma função que liga objectivo de aprendizagem a resultado de aprendizagem. O objectivo, assim, tem como função definir o que se pretende que o aluno aprenda e como o mostrará.” (Carvalho & Freitas, 2010, p. 57)

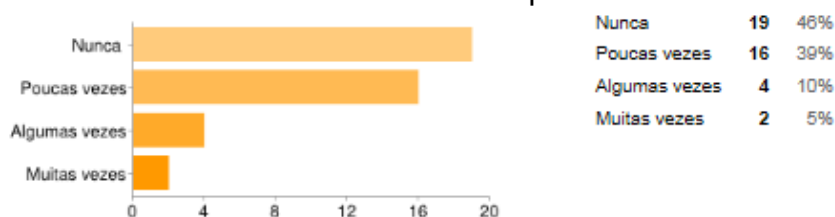
Quanto à questão “Resolves situações-problema?”, dos alunos que responderam ao inquérito, 22% responderam nunca, 34% responderam poucas vezes, 29% responderam algumas vezes e 15% responderam muitas vezes. (anexo 18 n) - gráfico 48)

As situações-problema levam o aluno ao caminho da descoberta. Através de conhecimentos adquiridos, as situações-problema levam o aluno a novos saberes, a novas descobertas. Segundo Polya, citado por Junqueira,

O problema pode ser modesto, mas se desafiar a curiosidade e puser em jogo as faculdades inventivas, quem o resolver pelos seus próprios meios experimentará a tensão e gozará o triunfo da descoberta. (2012, p. 37)

No que diz respeito à questão “Já fizeste saídas de campo?”, dos alunos que responderam ao inquérito, 46% responderam nunca, 39% responderam poucas vezes, 10% responderam algumas vezes e 5% responderam muitas vezes.

Gráfico 49 - Já fizeste saídas de campo?

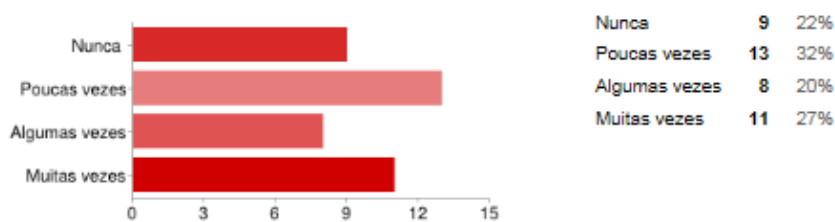


Segundo Orlando Ribeiro, a Geografia deve ser ensinada tendo como base a observação, assim,

(...) o estudo dos fenómenos geográficos deve ser feito, tanto quanto possível, no campo, devendo o professor guiar os alunos no conhecimento do lugar onde se ministra o ensino. (...) A Geografia aprende-se, como tudo, nos livros; mas não só nos livros, também nos mapas, imagens e fotografias aéreas, e no campo, em excursões: aprende-se até olhando, pela sala de aula, o tempo que faz e o tempo que muda. (Ribeiro, 2012, p.15)

Quanto à questão “Constróis esquemas?”, dos alunos que responderam ao inquérito 22% responderam nunca, 32% responderam poucas vezes, 20% responderam algumas vezes e 27% responderam muitas vezes.

Gráfico 50 – Constróis esquemas?

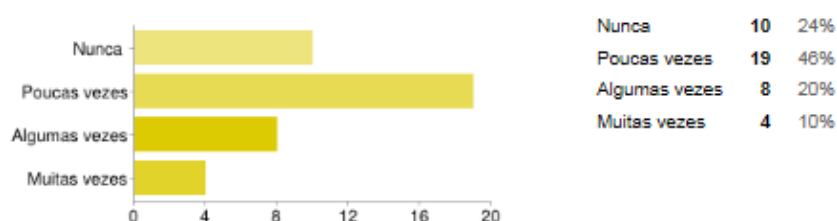


A elaboração nas aulas de esquemas ou mapas conceptuais permite que os alunos sistematizem as ideias-chave dos conteúdos lecionados. Tal como refere Valadares, no que se refere aos mapas conceptuais

(...) O que é importante é que um mapa revele uma hierarquia de conceitos coerente com a estrutura do assunto e com o contexto em que decorreu a apreensão do seu significado. O que é igualmente importante é que o mapa revele relações significativas entre conceitos na forma de proposições cientificamente correctas, o que exige uma escolha cuidadosa das palavras de ligação. (2001)

No que diz respeito à questão “Recebes convidados nas tuas aulas?”, dos alunos que responderam ao inquérito, 24% responderam nunca, 46% responderam poucas vezes, 20% responderam algumas vezes e 10% responderam muitas vezes.

Gráfico 51 - Recebes convidados nas tuas aulas?



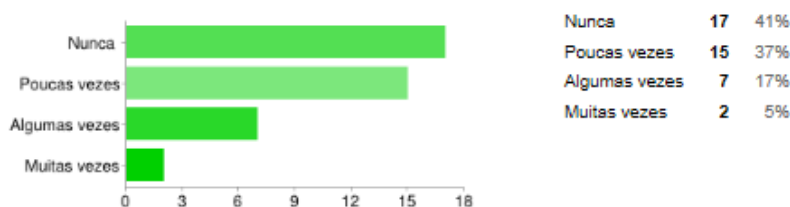
A participação de convidados, como por exemplo investigadores da área da Geografia na sala de aula, pode contribuir para que a ciência e os seus intervenientes possam ser vistos pelos alunos com menos distanciamento.

Frequentemente,

mostra-se a ciência de um modo que a põe habilmente à distância, celebrando-se, ao mesmo tempo, o mito da cientificidade”, (...) “a ciência não é apresentada como conhecimento mas sim como uma força onnipresente e aurática que atravessa as nossas vidas, provocando atitudes complexas e ambivalentes, misto de esperança e ansiedade, admiração e medo (Levy, Matos, Mourão, Nunes, Queiroz e Serra, 1998, citado por Reis, 2006, p. 178).

No que se refere à questão “Participas em conferências sobre temas?”, dos alunos que responderam ao inquérito, 41% responderam nunca, 37% responderam poucas vezes, 17% responderam algumas vezes e 5% responderam muitas vezes.

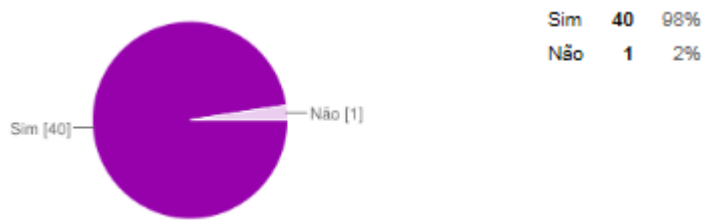
Gráfico 52 - Participas em conferências sobre temas?



A participação do aluno em conferências sobre os temas abordados nas aulas, permite-lhe ter contacto com personalidades de renome científico nas respetivas áreas. As conferências dão aos alunos novas perspetivas sobre os conteúdos lecionados, permitindo-lhe aumentar a sua capacidade reflexiva e argumentativa. Para Day (2004), aprender consiste na capacidade de usar com eficácia o saber, através da reflexão crítica que o aluno faz sobre os conhecimentos apreendidos.

No que se refere à questão “O professor usa tecnologias na sala de aula?”, dos alunos que responderam ao questionário, 98% responderam sim, 2% responderam não.

Gráfico 53 – O professor usa tecnologias na sala de aula?

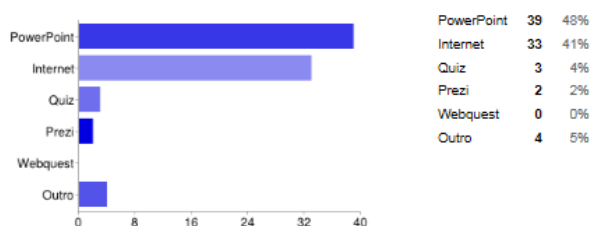


Hoje em dia o uso das tecnologias é frequente nas salas de aula. Estas estão frequentemente equipadas com computadores e projetores. Tal como refere Lagarto

O antigo (ou atual) paradigma da sala de aula, onde com frequência o papel do professor se centra nas metodologias e métodos de ensinar, terá de ser mudado para metodologias e técnicas centradas essencialmente nas formas de aprender dos seus alunos. E a utilização das TIC é sem dúvida um aliado poderoso. (2013, p.1)

No que diz respeito à questão relativa a quais as tecnologias usadas pelo professor em sala de aula, os alunos responderam: *PowerPoint* (48%); *Internet* (41%); *Quiz* (4%), *Prezi* (2%) e outros (4%)

Gráfico 54 - Se sim, quais?



Os alunos apontam o *PowerPoint* como o recurso mais utilizado, a nível das tecnologias. No entanto, hoje em dia, o professor tem ao seu dispor um conjunto de ferramentas disponibilizadas pela *Web 2.0*. Esta permitiu passarmos

(...) de um modelo onde éramos apenas consumidores daquilo que era disponibilizado online, para um modelo onde também somos produtores e participantes ativos na construção das informações e conteúdos disponibilizados na rede. (Junior, Lisboa & Coutinho, 2011, p. 18)

No que diz respeito à disciplina de Geografia, entre outras ferramentas, a *Google* oferece ferramentas de localização geográfica que podem ser muito úteis, tais como o *Google Maps* e o *Google Earth*.

Da análise do questionário posso concluir que, no que se refere à disciplina de Geografia, os alunos não têm hábitos de estudo diário da mesma, no entanto, em geral, gostam de Geografia. Nas aulas de Geografia os alunos costumam interpretar mapas, imagens, fotografias. Para além disso, os alunos referem que debatem com regularidade diversos temas. O uso pelo professor das tecnologias durante a atividade letiva, particularmente o uso de PowerPoint, é muito frequente. Trata-se de uma Escola bem equipada no que se refere a este tipo de instrumentos, pelo que se pode constatar o seu recurso de forma assídua. Apesar deste facto ser evidente, os professores não usam as tecnologias para fazerem visitas de estudo através da internet. Por outro lado, o contacto com o exterior é pouco privilegiado, pelo que as saídas de campo, a participação em conferências, ou o debate com pessoas especializadas não são frequentes.

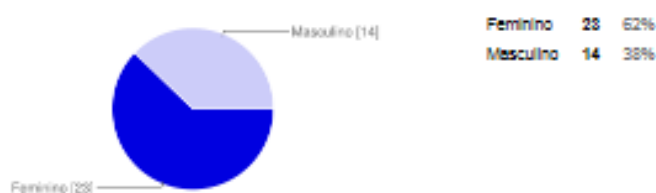
Os alunos gostam de Geografia devido a diversos fatores, nomeadamente porque: “Descobrem temas de interesse atual”; “valorizam o que acontece a nível local”; “Conhecem melhor o espaço físico e natural; e compreendem melhor a relação entre o Homem e o meio”. Para além disso, os alunos responderam que também gostam de Geografia porque: “gosto de conhecer as características dos outros países”; “entendo mapas e sei analisá-los”. Os motivos que levam os alunos a não gostarem de Geografia são também diversos e distribuem-se de forma equitativa por vários aspetos, embora a razão mais relevante tenha a ver com o facto de alguns temas terem Matemática. Os alunos gostam particularmente dos seguintes temas de Geografia: “Cidades”; “População” e “Ambiente e Recursos Naturais”.

## 4.2.2. Estudo – Metodologias no Ensino da História

### Parte I- caracterização Pessoal

Os alunos que responderam ao questionário de História têm uma idade compreendida entre os 13 e os 15 anos, sendo 23 do sexo feminino (62%) e 14 do sexo masculino (38%).

Gráfico 55 – Sexo



No que diz respeito ao ano de escolaridade frequentado, 16 alunos frequentam o 7º ano (41%) e 22 frequentam o 8ºano de escolaridade (59%). (anexo 18 o) – gráfico 56)

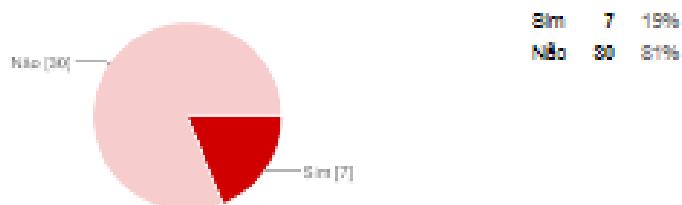
A maior parte dos alunos vivem numa família biparental, sendo que a maioria dos mesmos tem irmãos.

### Parte II – Opções Metodológicas no Ensino da disciplina de História

Dos alunos inquiridos 85% nunca ficaram retidos, 19% já tiveram em situação de retenção. Tal como José Rebelo escreve:

(...) o Ministério da Educação define assim a retenção no Ensino Básico: “Percentagem de efectivos escolares que permanecem, por razões de insucesso ou de tentativa voluntária de melhoria de qualificações, no ensino básico (1º, 2º e 3º ciclos), em relação à totalidade de alunos que iniciam este mesmo ensino” (Ministério da Educação, online). É aquilo que o cidadão comum designa por “reprovar o ano”, “não passar de ano” ou “chumbar”. (2009, p. 27)

Gráfico 57 – Ficaste algum ano retido?



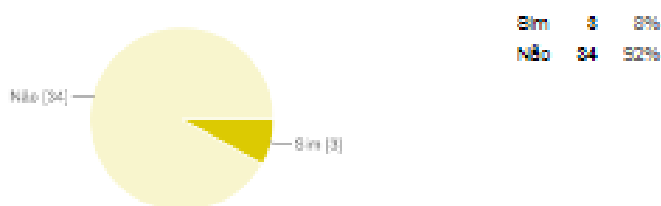
Os alunos referem que já ficaram retidos em diversos anos, tais como: “7º ano”, “6º ano”, “2º ano”, “8º ano”, “4º ano”, “5º ano”.

Dos alunos inquiridos, apenas 8% estudam História todos os dias, 92% não o fazem. O estudo diário é um hábito fundamental que os alunos ainda não interiorizaram, não sendo por isso uma prática frequente dos mesmos.

Tal como refere Lopes da Silva e Sá (1993) citado por Figueiredo

A elaboração de horários acompanhada da planificação das actividades de estudo (aulas, trabalhos, estudo privada), assumem-se como ferramentas poderosas para o desenvolvimento de competências auto-regulatórias, uma vez que evitam (i) o estudo intensivo nas vésperas dos momentos de avaliação, (ii) as dificuldades de concentração e memorização, devidas à falta de tempo para organizar a informação estudada e (iii) sentimentos de ansiedade e insegurança (2008, p. 233).

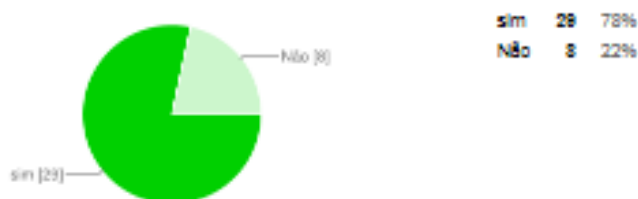
Gráfico 58 – Estudas História todos os dias?



No que se refere ao tempo despendido diariamente para o estudo de História, as respostas foram: “nenhum”; “sou obrigada a estudar no ATL das duas às quatro”; “cerca de 20/15 minutos por dia”; “30 minutos”

Dos alunos inquiridos 78% estudam habitualmente em casa, 22% não estudam em casa.

Gráfico 59 – Estudadas habitualmente em casa?



Quanto ao local onde os alunos habitualmente estudam, as respostas foram: “quarto ou sala”; “escritório ou quarto”; “Num centro de estudos”; “no projeto Ramalde intervenção ATL”; “quarto, sala, cozinha”; “Casa da Juventude”, “sala ou cozinha”; “Centro de estudo”; “sala”.

Dos alunos inquiridos 49% responderam que alguém os ajuda a estudar, 51% responderam que não.

Gráfico 60 – Alguém te ajuda a estudar?



Atualmente, alguns alunos recorrem a ATL – Centros de Atividades de Tempos Livres, que os ajudam a estudar, auxiliando-os nomeadamente na elaboração dos trabalhos de casa e à execução de outras tarefas pedagógicas.

O Despacho Normativo nº 96/89, de 21 de Outubro de 1989, tem como objetivo regulamentar as condições de instalação e funcionamento dos centros ATL. Este Despacho determina que, os

Objetivos específicos dos centros de actividades de tempos livres são: a) proporcionar às crianças experiências que concorram para o seu crescimento como pessoa, satisfazendo as suas necessidades de ordem física, intelectual, afectiva e social; b) criar ambiente propício ao desenvolvimento da personalidade de cada criança, de forma a ser capaz de se situar e expressar num clima de compreensão, respeito e aceitação de cada um; c) favorecer a inter-relação família-escola/comunidade-estabelecimento, em ordem a uma valorização, aproveitamento e recuperação de todos os recursos do meio.

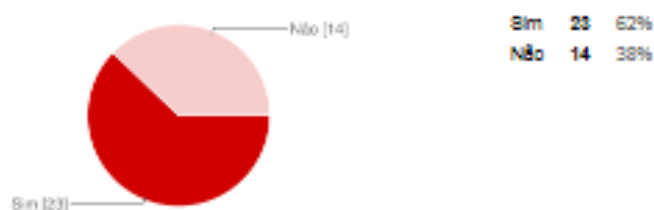
Os alunos que têm ajuda para estudar, referem que são auxiliados por: “a minha irmã”, “os professores”; “mãe, namorado”; “às vezes quando as minhas irmãs têm tempo ajudam-me nos trabalhos de casa”; “coordenadores”; “professores da Casa da Juventude”; “mãe”; “pai e explicadora”; “pai e mãe”; “mãe ou professora”; “irmã”; “amiga ou mãe”

Dos alunos inquiridos, 51% tiveram negativas, 49% não tiveram negativas no ano anterior. (anexo 18 p) – gráfico 61). As disciplinas nas quais os alunos referiram ter obtido negativa no ano anterior são diversificadas.

Dos alunos inquiridos 62% consideram que tiveram muito boas notas no ano anterior, 38% consideram que não. (anexo 18 q) – gráfico 62). Os alunos referiram que tiveram boas notas em diversas disciplinas.

Dos alunos respondentes 62% afirma gostar da disciplina de História e 38% afirma não gostar da disciplina.

Gráfico 63 - Gostas de História?

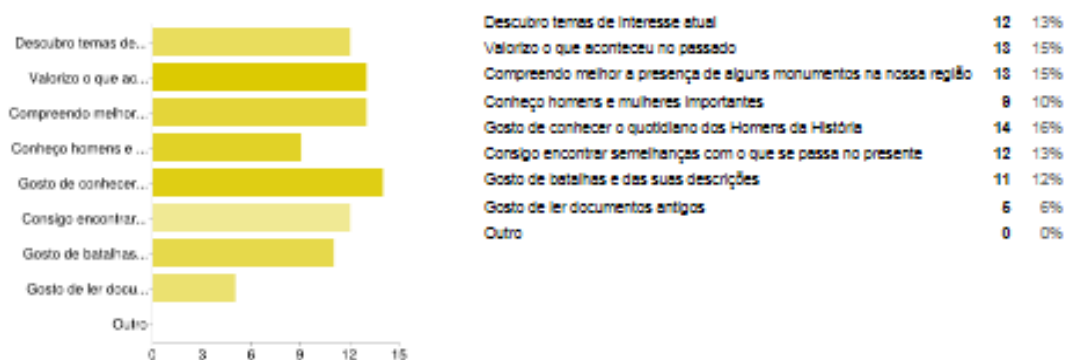


Este resultado vai ao encontro do estudo elaborado em 2001, pelo Professor Aníbal Barreira, a alunos do 3º Ciclo, no qual “Dos 175 alunos que responderam ao inquérito, 72,57% afirmaram gostar de história contra 25,71% que se manifestaram negativamente, 1,72% não se pronunciaram ou hesitaram na resposta.” (Barreira, 2001, p. 42)

Os motivos que os levam a gostar de História são diversos. Assim, 16% responderam “gosto de conhecer o quotidiano dos Homens da História”; 15% responderam “valorizo o que aconteceu no passado”; 15% responderam “compreendo melhor a presença de alguns monumentos na nossa região”; 13% responderam “descubro temas de interesse atual”; 13% responderam “consigo encontrar semelhanças com o que se passa no presente”; 12% responderam “gosto de batalhas e das suas descrições”; 10% responderam

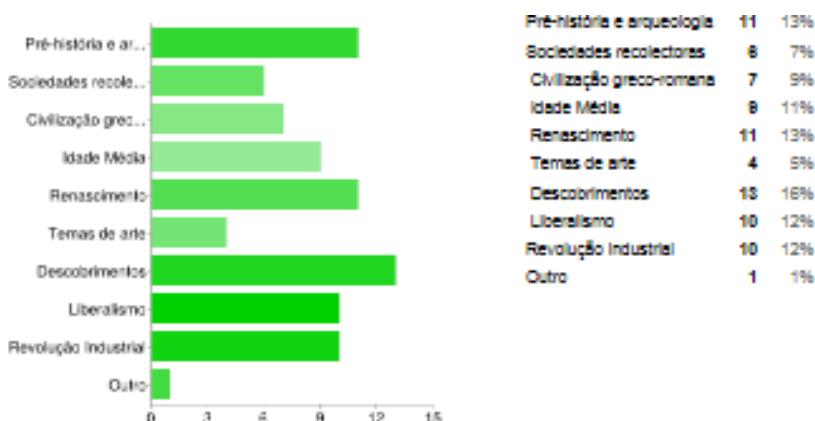
“conheço homens e mulheres importantes”; 6% responderam “gosto de ler documentos antigos”.

Gráfico 64 - Gosto de História porque...



No que diz respeito aos temas de História da preferência dos alunos inquiridos, estes são também muito diversificados. Dos inquiridos 16% têm mais interesse pelos “Descobrimientos”; 13% preferem “Pré-história e arqueologia”; 13% preferem “Renascimento”; 12% preferem o “Liberalismo”; 12% preferem a “Revolução Industrial”; 11% preferem a “Idade Média”; 9% preferem a “Civilização greco-romana”; 7% preferem “Sociedades recolectoras”; 5% preferem “Temas de arte”, 1% respondem “Outro”.

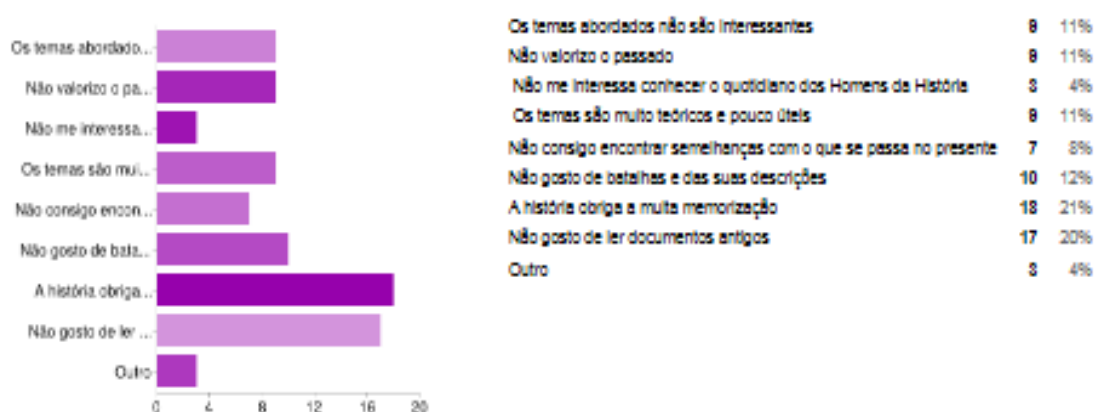
Gráfico 65 - Que temas de História te despertam mais interesse?



O tema lecionado por mim, em 29 de maio, foi o Liberalismo. Pelos resultados obtidos no questionário (12%), posso concluir que se trata de um assunto pelo qual os alunos demonstram um interesse mediano.

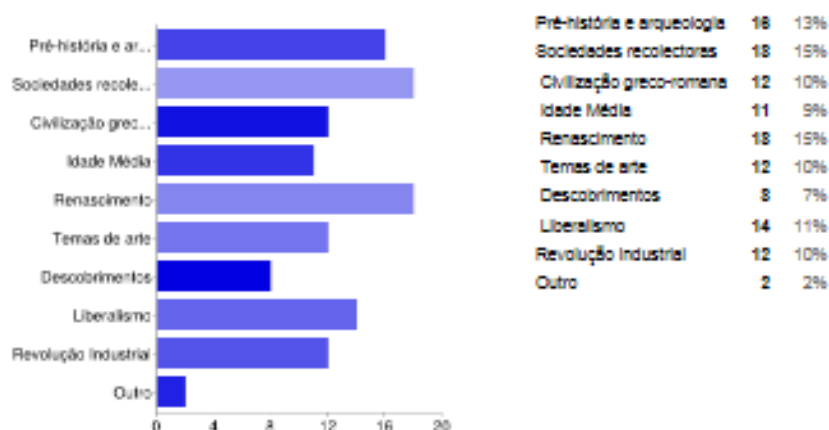
Os motivos pelos quais os alunos referem não gostar de História são muito diversificados: 21% não gostam de História, porque a “História obriga à memorização”; 20% não gostam “de ler documentos antigos”; 12% não gostam de “batalhas e das suas descrições”; 11% consideram que “os temas abordados não são interessantes”; 11% responderam que “não valorizam o passado”; 11% consideram os “temas muito teóricos e pouco úteis”; 8% responderam que “não conseguem encontrar semelhança com o que acontece no presente”; 4% responderam que “não lhes interessa conhecer o quotidiano dos Homens da História” e 4% responderam “outro”.

Gráfico 66 - Não gosto de História porque...



Quanto aos temas históricos menos apreciados pelos alunos inquiridos, estes são: “Sociedades recolectoras” (15%); “Renascimento” (15%); “Pré-história” (13%); “Liberalismo” (11%); “Civilização greco-romana” (10%); “Temas de arte” (10%); “Revolução Industrial” (10%); “Idade Média” (9%); “Descobrimentos” (7%); “Outro” 2%.

Gráfico 67 - Que temas de História gostas menos?



No que se refere aos métodos utilizados pelos professores de História, à pergunta “Já desenhaste e analisaste mapas?”, 35% dos alunos responderam que nunca o tinham feito, 19% responderam poucas vezes, 27% responderam algumas vezes e 19% responderam muitas vezes

Gráfico 68 - Já desenhaste e analisaste mapas?



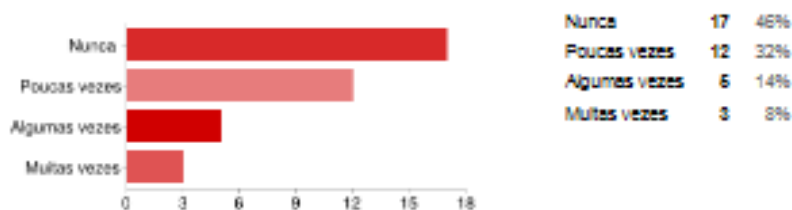
É importante que os alunos, na disciplina de História, tenham a noção da localização geográfica dos acontecimentos lecionados, para isso o uso de mapas é fundamental. Segundo Francischett

Compreender o espaço real através das ações no ensino significa considerar essencial a leitura e o entendimento das representações do espaço geográfico. A observação, a percepção, a análise conceitual e a síntese formam a gama de representações que cada indivíduo constrói através da realidade onde vive e do elo cultural de seu entorno. (2008, p. 1)

Na questão “Já tocaste em objetos arqueológicos?”, 46% dos alunos responderam que nunca tocaram “em objetos arqueológicos”, 32%

responderam que o fizeram poucas vezes, 14% responderam que o fizeram algumas vezes e 8% responderam muitas vezes.

Gráfico 69 - Já tocaste em objetos arqueológicos?

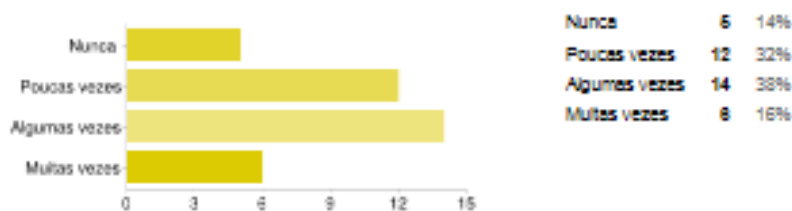


Apesar de poucos alunos terem referido que têm contacto com objetos arqueológicos, a presença dos mesmos nas aulas é importante, pois

Só com objectos se podem observar certos pormenores: perceber a cor com exactidão; experimentar sensações de cheiro, tacto, paladar; ter a percepção do tamanho, da escala, do peso; experimentar de forma táctil a textura, a temperatura, a forma, o fabrico; “sentir” a idade por comparação com uma cópia e ter a sensação de “original”; ter a sensação de contacto com a vida de outras pessoas. (Carvalho & Freitas, 2010, p. 106)

No que diz respeito à questão “Com que frequência vês e comentas filmes/documentários?”, 14% responderam nunca, 32% responderam poucas vezes, 38% responderam algumas vezes e 16% responderam muitas vezes.

Gráfico 70- Com que frequência vês e comentas filmes/documentários?



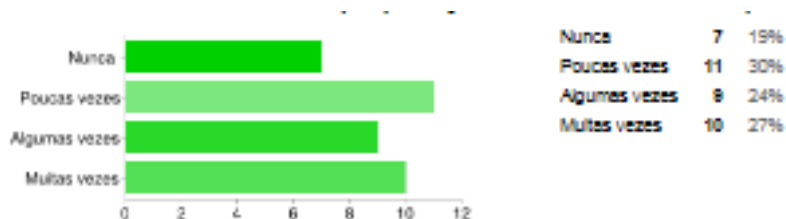
Um estudo levado a cabo por Henriqueta Alface e Olga Magalhães, teve como objetivo verificar a influência e o contributo que o cinema histórico, de ficção, pode trazer à construção do conhecimento histórico de alunos de História. Assim,

As principais conclusões foram: a) o cinema de ficção desempenha um importante contributo na construção do conhecimento histórico dos alunos (...); b) o

visionamento de filmes de ficção na aula de História deve ser acompanhado com o confronto de fontes históricas para os alunos distinguirem ficção de conhecimento histórico; c) o cinema desempenha um papel muito importante no desenvolvimento das competências específicas de História (...) e do espírito crítico dos alunos; entre outras. (Alface & Magalhães, 2011)

No que se refere à questão “Realizas trabalhos individuais de pesquisa?”, 19% responderam que nunca realizam trabalhos individuais de pesquisa, 30% responderam que o faz poucas vezes, 24% responderam que o faz algumas vezes e 27% responderam que realizam muitas vezes este tipo de trabalhos.

Gráfico 71 - Realizas trabalhos individuais de pesquisa?



Motivar os alunos para a elaboração de trabalhos individuais de pesquisa é fundamental para que os alunos se autonomizem.

A ideia geral é a de que o aluno deve ser capaz de consultar documentos de referência e, com ajuda do professor, ser capaz de juntar as diversas peças de informação para dar sentido àquilo que pesquisa. (Carvalho & Freitas, 2010, p. 122)

Quanto à questão “Costumas fazer a análise de documentos?”, 8% nunca fizeram análise de documentos, 30% referem que o fizeram poucas vezes; 35% responderam algumas vezes e 27% responderam que o fazem muitas vezes.

Gráfico 72- Costumas fazer a análise de documentos?



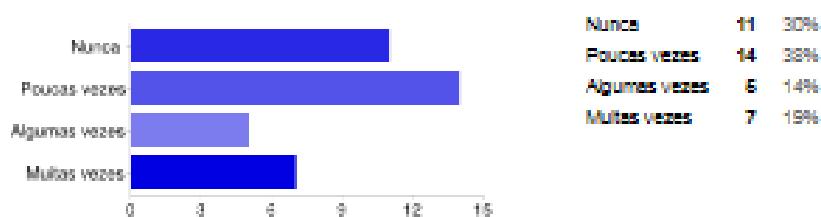
Num estudo, já anteriormente evocado, elaborado pelo Professor Aníbal Barreira, em 2001, no qual foi aplicado um inquérito por questionário a alunos do 3º ciclo, o autor refere que

(...) incluímos no nosso inquérito a questão “Que dificuldades encontras na exploração do documento escrito?”

Os alunos queixam-se de que não compreendem o vocabulário, as palavras são difíceis, “caras”, muito antigas, diferentes das usadas no nosso dia a dia, escritas noutra português. Os alunos têm também dificuldades em entender o conteúdo dos documentos, em retirar deles as ideias principais, em compreender a mensagem. Lamentam-se que os textos usem sentido figurado, que não vão diretos ao assunto, que os escritores exagerem no que escrevem e não se tenham preocupado com os alunos.(...)” (Barreira, 2001, p.45)

Na questão “Elaboras e analisas tabelas cronológicas/ cronologias?”, 30% responderam nunca; 38% responderam poucas vezes, 14% responderam algumas vezes e 19% responderam muitas vezes.

Gráfico 73 - Elaboras e analisas tabelas cronológicas/ cronologias?

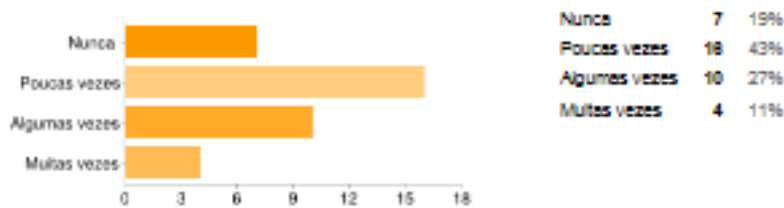


A elaboração de tabelas cronológicas, de outros gráficos ou esquemas de tempo ou frisos cronológicos, é extremamente importante para que os alunos relacionem o tempo aos diversos acontecimentos.

Uma linha de tempo na parede (...) leva os alunos a olharem para ela quando se referem aspectos ligados ao tempo passado, mesmo sem ser no contexto das aulas de História, para assim os situarem e ligarem a conhecimentos prévios. (Carvalho & Freitas, 2010, p. 101)

No que diz respeito à elaboração de trabalhos de grupo, dos alunos inquiridos 19% responderam que nunca trabalharam em grupo, 43% responderam poucas vezes; 27% responderam algumas vezes e 11% responderam muitas vezes.

Gráfico 74 - Já trabalhaste em grupo?

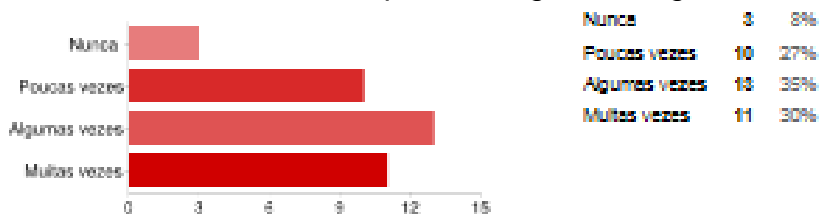


Apesar de grande parte dos inquiridos terem respondido que os trabalhos de grupo não são habituais, estes são, na minha opinião, fundamentais. Como referem Carvalho e Freitas

(...) o trabalho cooperativo, ou aprendizagem cooperativa (...) tem vindo a ser mundialmente reconhecida como uma das estratégias que a escola deve usar para melhorar todo o tipo de aprendizagens e também para preparar para a vida de trabalho. (2010, pp.36-37)

Na questão “Costumas interpretar imagens, fotografias, etc.?”, 8% responderam nunca, 27% responderam poucas vezes; 35% responderam algumas vezes e 30% responderam muitas vezes.

Gráfico 75 - Costumas interpretar imagens, fotografias, etc.?

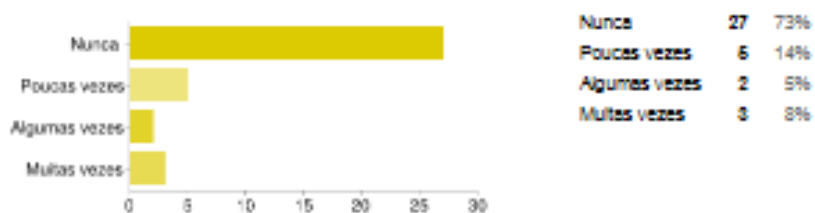


Segundo os autores supracitados Carvalho e Freitas

A análise de gravuras é importante para a História (...) É uma actividade que pode ser orientada pelo professor, mas também muito adequada a ser realizada em pares ou pequeno grupo. (2010, pp.102-103)

No que se refere à questão “Fazes representações teatrais na sala de aula?”, 73% responderam nunca; 14% responderam poucas vezes; 5% responderam algumas vezes e 8% responderam muitas vezes.

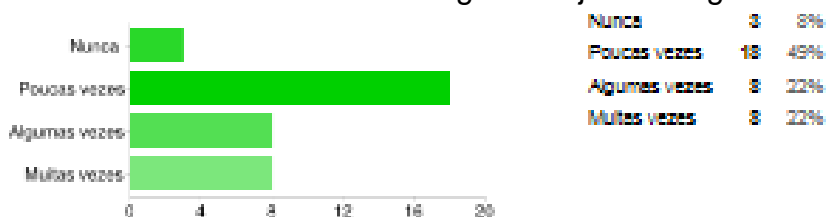
Gráfico 76- Fazes representações teatrais na sala de aula?



A elaboração de representações teatrais permite aos alunos a aprendizagem de forma lúdica. Conforme refere Moreira “É (...) possível (...) dar maior eficácia às práticas pedagógicas, hoje, se o professor de História (...) recorrer à narrativa e aos “fait divers” (o lúdico, o fascínio, a curiosidade) (...)” (2001, p. 38)

No que diz respeito à questão “ É habitual veres imagens/ objetos antigos?”, 8% responderam nunca; 49% responderam poucas vezes; 22% responderam algumas vezes e 22% responderam muitas vezes.

Gráfico 77 - É habitual veres imagens/ objetos antigos?



O uso de objetos para o ensino da História é muito relevante. Como realça Carvalho e Freitas

Os objectos motivam os alunos, em especial os mais jovens, a aprender sobre o presente, sobre o passado e sobre outras culturas de diferentes tempos e lugares, e ainda a imaginar o futuro; propiciam o observar, colocar hipóteses, predizer, estimar, localizar, classificar, catalogar, deduzir, comparar, experimentar, etc.; permitem, ainda, abordar tópicos muito diversificados e desenvolver atitudes de apreciação de diferenças culturais, económicas e sociais. Em relação à História, são muito facilitadores da compreensão de conceitos de cronologia, mudança, continuidade, progresso, causalidade, preservação e conservação... (2010, p.105)

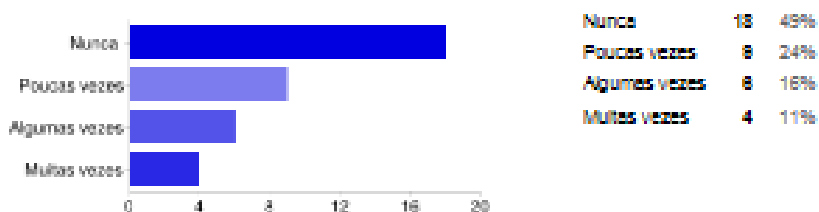
Quanto à questão “Discutes assuntos nas aulas?”, 16% responderam nunca; 30% responderam poucas vezes; 27% responderam algumas vezes e 27% responderam muitas vezes. (anexo 18 r) – gráfico 78)

O debate de ideias e matérias entre os alunos fomenta o relacionamento interpessoal, promove o respeito mútuo e leva a construção de novos pontos de vista. Tal como destacam Carvalho e Freitas

A conversa com os familiares, com os colegas, sobretudo em trabalho de pares ou pequeno grupo, com o professor e toda a turma, em actividades colectivas, é importante. É sobretudo para esta situação, em que o papel do professor é relevante, (...) para orientar uma discussão em que participem todos os alunos\_ (2010, p. 110)

No que se refere à questão “Realizas debates à volta de uma mesa?”, 49% responderam nunca; 24% responderam poucas vezes; 16% responderam algumas vezes e 11% responderam muitas vezes.

Gráfico 79 - Realizas debates à volta de uma mesa?

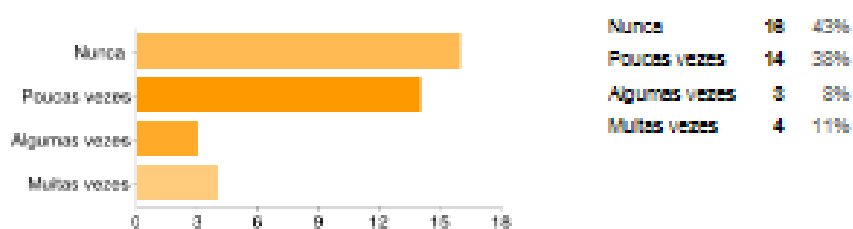


Os debates proporcionam ao aluno a possibilidade de melhorar a capacidade de escuta, reflexão e argumentação. Promovem igualmente o relacionamento interpessoal. Segundo Cristovão, Durão e Nascimento

As intervenções dos participantes do debate vão se sucedendo e fornecendo esclarecimentos a uma questão controversa (...) pois mesmo representando diferentes papéis, constroem coletivamente o sentido. Tal processo exige dos participantes a atenção voltada para a escuta, reflexão e apreensão dos discursos que antecedem, o que pode levar os debatedores à transformação da posição inicial. Os debatedores se escutam, discutem as tomadas de posição uns dos outros, retomando e reformulando o já-dito por si próprios ou pelo outro e recorrendo a modalizações que dão nuances às tomadas de posição. (2003, p. 1437)

Quanto à questão “Já descreveste a vida de personalidades?”, 43% responderam nunca; 38% responderam poucas vezes; 8% responderam algumas vezes e 11% responderam muitas vezes.

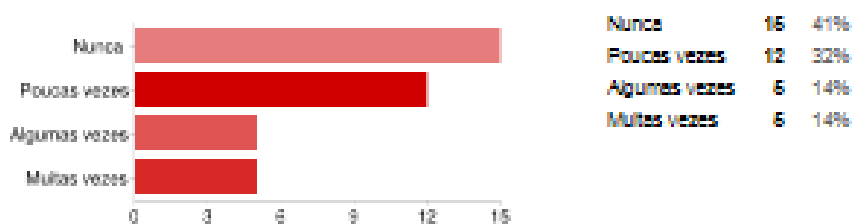
Gráfico 80 - Já descreveste a vida de personalidades?



Como refere António Filipe Rato, na sua dissertação de Mestrado, “A opção pelo estudo da memória pública de uma figura, não pode deixar de contemplar a sua biografia essencial e o que possui de mais representativo a sua obra.” (Rato, 2009, p. 9). Desta forma os alunos podem conhecer, através de pesquisa, a vida e obra de personalidades históricas.

No que diz respeito à questão “ Já fizeste um trabalho com professores de várias disciplinas?”, 41% responderam nunca, 32% responderam poucas vezes, 14% responderam algumas vezes e 14% responderam muitas vezes.

Gráfico 81 - Já fizeste um trabalho com professores de várias disciplinas?

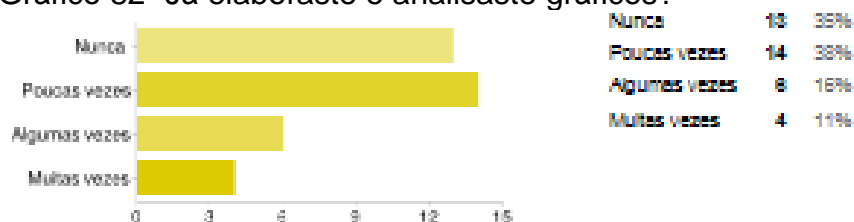


Pelos dados analisados, posso constatar que os trabalhos interdisciplinares ainda não são uma prática pedagógica comum.

Segundo Piaget (1972) citado por Pombo *et al* (1993), a interdisciplinaridade aparece como “intercâmbio mútuo e integração recíproca entre várias disciplinas (...tendo) como resultado um enriquecimento recíproco” (p. 10)

Quanto à questão “Já elaboraste e analisaste gráficos?” 35% responderam nunca; 38% responderam poucas vezes; 16 % responderam algumas vezes e 11% responderam muitas vezes.

Gráfico 82- Já elaboraste e analisaste gráficos?

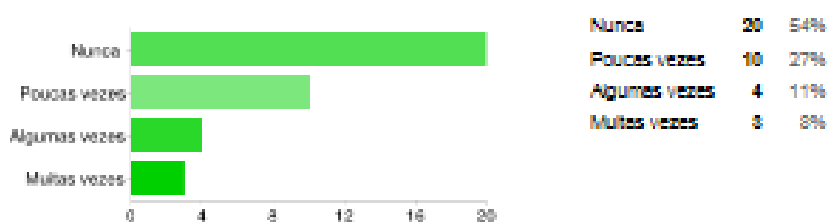


Pode-se constatar que os alunos têm poucos hábitos de elaboração e análise de gráficos nas aulas de História. Também o estudo elaborado pelo Professor Aníbal Barreira, 2001, evidencia que apenas “20% dos alunos inquiridos, do 3º Ciclo, têm por hábito elaborar e analisar gráficos nesta disciplina” (2001, p. 43). Desta forma,

O gráfico não deve ser visto como uma representação exclusiva da Estatística, muito menos da Matemática e Geografia. Sua utilização ultrapassa as barreiras da interdisciplinaridade, sendo este um recurso muito utilizado para quantificar as diferentes pesquisas das mais diferentes ciências. (Peixoto & Cruz, 2011, p. 126)

No que refere à questão “Já construístes *dossiers* temáticos?”, 49% responderam nunca, 24% responderam poucas vezes; 16% responderam algumas vezes e 11% responderam muitas vezes.

Gráfico 83 - Já construístes *dossiers* temáticos?

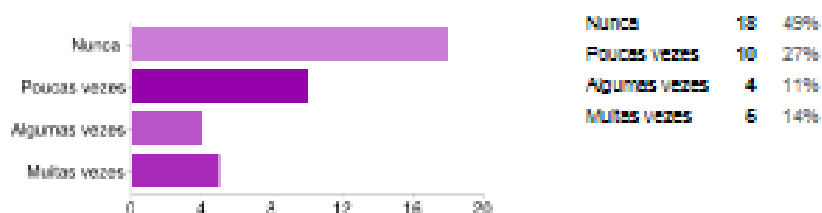


Os *dossiers* temáticos permitem o arquivo de documentos sobre um determinado tema. Este tipo de *dossiers*, pode ser útil para que o aluno melhore a capacidade de pesquisa, seleção e organização de documentos. Como refere Carvalho e Freitas “o aluno deve ser capaz de consultar documentos de referência e, com ajuda do professor, ser capaz de juntar as

diversas peças de informação para dar sentido àquilo que pesquisa”. (2010, p. 122).

No que se refere à questão “Já construístes um dicionário de conceitos/ glossário?”, 49% responderam nunca, 27% responderam poucas vezes, 11% responderam algumas vezes e 14% responderam muitas vezes.

Gráfico 84- Já construístes um dicionário de conceitos/ glossário?

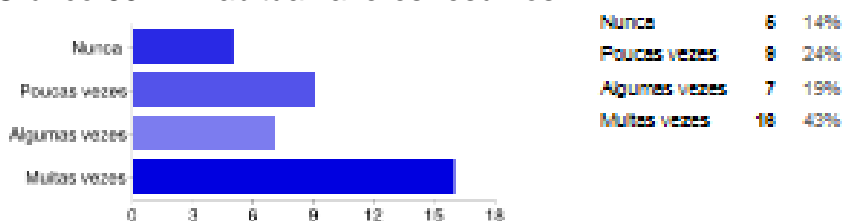


Uma vez que muitos alunos revelam, por vezes, dificuldade em entenderem o significado de algumas palavras, o que dificulta a compreensão dos acontecimentos históricos, a construção de dicionários de conceitos (glossários) pode facilitar o processo ensino-aprendizagem da disciplina de História. Tal como refere Felgueiras:

As investigações de Coltham (1971) evidenciaram como as palavras usualmente utilizadas (...) podem ter significados bem diferentes entre os alunos. Gunning aponta algumas regras que o professor poderá ter em conta, tais como: a) o professor deverá elaborar uma listagem de palavras difíceis (...) antes de iniciar um tema; b) fazer, se tal achar necessário, um pré-teste escrito, em que peça ao aluno qual a sua compreensão dessas palavras; c) elaborar explicações empregando essas palavras gradativamente, de forma a possibilitar o alargamento dos conceitos que as crianças já possuem; d) explicar termos abstratos sempre que possível por referência a concretos, evitando ao máximo referências a outras abstrações; não iniciar a explicação de um termo com o próprio termo (...) (1988, p.116)

No que diz respeito à questão “É habitual fazeres resumos?”, 14% responderam nunca, 24% responderam poucas vezes, 19% responderam algumas vezes e 43% responderam muitas vezes.

Gráfico 85 - É habitual fazeres resumos?

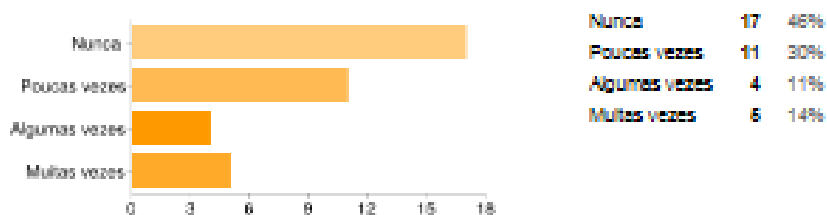


A elaboração de resumos-síntese da matéria lecionada auxilia o aluno no estudo dos conteúdos essenciais a reter para a avaliação sumativa. Para além disso, é fundamental que as competências a nível do domínio da língua portuguesa sejam aperfeiçoadas em todas as disciplinas.

(...) uma pedagogia da escrita, no sentido de verdadeiro projecto cujos suportes viemos enunciando, pressupõe (...) umas poucas condições indispensáveis: que o professor saiba mesmo Português e que tenha, para além de vontade, possibilidade de ensinar. Condições “sine qua non” (Fonseca, 1994, p. 42)

Quanto à questão “ Já fizeste visitas de estudo através da internet?”, 46% responderam que nunca o fizeram, 30% responderam poucas vezes, 11% responderam algumas vezes, 14% responderam muitas vezes.

Gráfico 86 - Já fizeste visitas de estudo através da internet?

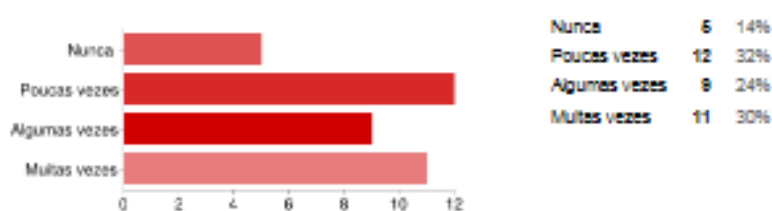


Atualmente, existe um vasto leque de visitas de estudo virtuais disponíveis na internet, que podem ser utilizadas na disciplina de História. Alguns exemplos de plataformas gratuitas que possibilitam a realização de visitas virtuais de 360 graus e em três dimensões são: <http://www.360cities.net/>, <http://www.arounder.com/>, <http://www.googleartproject.com/> . Existem, também alguns museus e monumentos nacionais que possuem, nos respetivos sites, a possibilidade de

se fazer uma visita virtual. As visitas de estudo virtuais podem ser úteis quando se trata do estudo de monumentos ou museus que se situam em locais distantes, que não permitem uma visita presencial. Quando se pretende fazer uma visita presencial aos mesmos, estas visitas virtuais podem funcionar como uma introdução à mesma.

No que diz respeito à questão “Já elaboraste trabalhos usando as tecnologias?”, 14% responderam nunca, 32% responderam poucas vezes; 24% responderam algumas vezes e 30% responderam muitas vezes.

Gráfico 87 - Já elaboraste trabalhos usando as tecnologias?

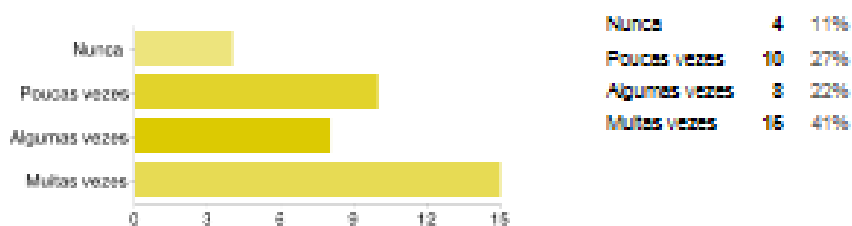


O uso das novas tecnologias é, hoje em dia, fundamental para o sucesso do processo de ensino e aprendizagem.

Entendemos que a inserção das TICE, bem como as reflexões acerca de suas possibilidades no ensino e aprendizagem de História, são essenciais e necessárias, dado o potencial que essas têm para contribuir para a formação de um sujeito historicamente situado no mundo em que vive. (Ferreira, Silva & Siman, 2009)

No que se refere à questão “O professor costuma expor a matéria?”, 11% responderam nunca, 27% responderam poucas vezes, 22% responderam algumas vezes e 41% responderam muitas vezes.

Gráfico 88 - O professor costuma expor a matéria?



De acordo com Moreira

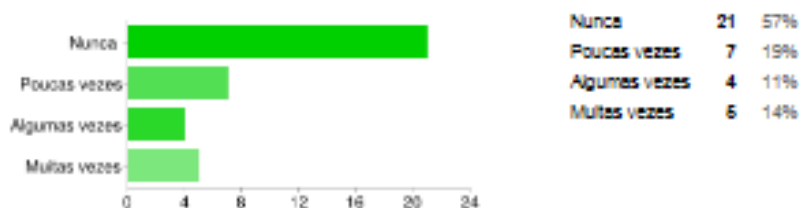
(...) os programas do 3º ciclo do Ensino Básico alertam para o protagonismo do aluno na estruturação de aprendizagens significativas, sem contudo descurar “o recurso ao método expositivo quando se afigure útil para clarificar conhecimentos básicos, nomeadamente quadros gerais de referências, desde que seja apoiado numa eficaz motivação e pontuado pelo diálogo e questionamento ativo” (Organização Curricular e Programas, 3º ciclo do Ensino Básico – Programa de História, Ministério da Educação, 1991. (2001, p. 34)

### O mesmo autor refere também

(...) considera-se (e constata-se) que o tipo de aulas que predomina é o expositivo aberto, ou seja, no contexto das aulas nas nossas escolas a exposição do professor alterna com a actividade dos alunos através de documentos escritos, iconográficos e audiovisuais, num processo didáctico que percorre a introdução/apresentação do assunto, a análise dos documentos e sua questionação e, por fim, a elaboração/produção síntese. (2001, p.35)

Quanto à questão “Fazes Portfólio?”, 57% responderam nunca; 19% responderam poucas vezes; 11% responderam algumas vezes e 14% responderam muitas vezes.

Gráfico 89 -Fazes Portfólio?



A elaboração de portfólios pode ser extremamente importante, uma vez que permite ao aluno uma maior reflexão sobre o seu percurso na disciplina, aumentando também a sua capacidade de planificação, organização e responsabilização pelos seus trabalhos. Valadares e Graça definem o

(...) portfólio do aluno como uma colecção organizada e devidamente planeada de trabalhos produzidos por este ao longo de um determinado período de tempo, de forma a poder proporcionar uma visão tão alargada e detalhada quanto possível das diferentes componentes do seu desenvolvimento (cognitivo, metacognitivo, afectivo). (1998, p.94)

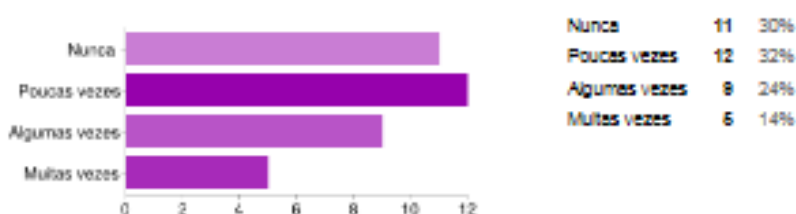
### Carvalho e Freitas referem ainda que

O portefólio é o caderno diário em abordagens do ensino construtivistas, que colocam grande ênfase no papel do aluno na sua aprendizagem. Não incluirão sobretudo os “apontamentos” das exposições do professor, por este, em princípio, não as realizar frequentemente, mas pode constar uma ou outra que o professor realize. Incluirão

mais resultados das pesquisas dos alunos devidamente organizadas, comentários a textos, esquemas, etc.” (2010, p. 145)

Quanto à questão “O teu professor anota as tuas ideias no quadro?”, 30% responderam nunca, 32% responderam poucas vezes, 24% responderam algumas vezes e 14% responderam muitas vezes.

Gráfico 90- O teu professor anota as tuas ideias no quadro?

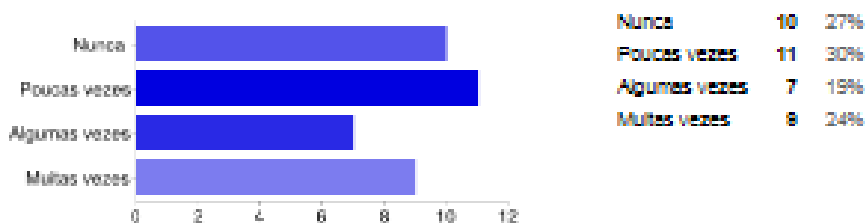


O registo das ideias-chave, contributo da participação dos alunos ao longo da aula, permite que o aluno se sinta valorizado, uma vez que o seu contributo para a aula foi validado pelo professor. Só assim,

Os materiais de aprendizagem assumem um papel decisivo no ambiente afectivo dos alunos pois carregam um “potencial de efeitos fortemente positivos”, com influência no melhoramento do ego (...) (Novak, 2000, citado por Silva & Caldas, 2002, p. 926).

No que diz respeito à questão “Fazes trabalhos com um objetivo específico?”, 27% responderam nunca, 30% responderam poucas vezes, 19% responderam algumas vezes e 24% responderam muitas vezes.

Gráfico 91 - Fazes trabalhos com um objetivo específico?

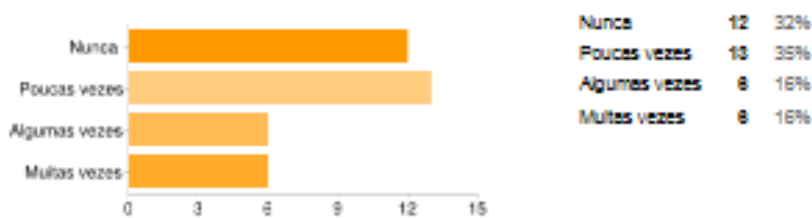


Os alunos devem ter acesso aos objetivos específicos das aprendizagens a obter com a elaboração dos trabalhos pedidos pelo professor. Segundo a abordagem construtivista, o aluno poderá ser também um interveniente na definição desses objetivos a alcançar. Assim,

a afirmação de teorias construtivistas fez com que a definição prévia de objectivos muito concretos, em termos de resultados de aprendizagem e não de genéricas intenções, sem a participação do aluno na sua definição e avaliação, fosse posta em causa ou promovesse uma nova forma de encarar os objectivos.” (Carvalho & Freitas, 2010, p. 55)

Quanto à questão “Resolves situações-problema?”, 32% responderam nunca, 35% responderam poucas vezes, 16% responderam algumas vezes e 16% responderam muitas vezes.

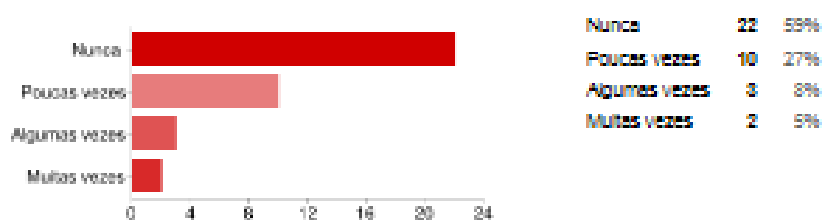
Gráfico 92 - Resolves situações-problema?



A resolução de problemas conduz o aluno à autonomização, uma vez que através de conhecimentos já adquiridos, constrói novos conhecimentos. Desta forma, o aluno “integra conhecimentos adquiridos e desencadeia a aquisição de novos conhecimentos e experiências”. (Leite & Santos, 2004), citados por Junqueira (2012, p. 37).

No que diz respeito à questão “Já simulaste situações históricas?”, 55% responderam nunca; 27% responderam poucas vezes; 8% responderam algumas vezes e 5% responderam muitas vezes.

Gráfico 93 - Já simulaste situações históricas?

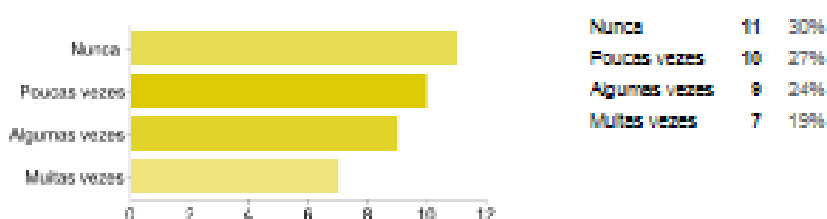


Num estudo elaborado pelo Professor Joaquim Moreira, em 2001, e de acordo com as opiniões dos alunos, na disciplina de História, o autor concluiu que as práticas pedagógicas carecem de

(...) formas lúdicas e participativas de aprendizagem da História, que permitam aos alunos o contacto directo com os testemunhos do passado, que lhes proporcionem vivências de tempos/épocas da História ou maneiras distintas de aprender situações/quotidianos do tempo histórico (das visitas de estudo, aos vídeos e às dramatizações). (Moreira, 2001, p.36)

No que se refere à questão “Constróis esquemas?”, 30% responderam nunca, 27% responderam poucas vezes, 24% responderam algumas vezes e 19% responderam muitas vezes.

Gráfico 94 - Constróis esquemas?



Os esquemas ou mapas concetuais permitem organizar e representar, de forma mais eficaz o conhecimento, levando a aprendizagens significativas. Tal como escreve Valadares,

Mapas conceptuais são diagramas em que conceitos estão hierarquicamente dispostos e ligados entre si na forma de proposições, através do recurso a palavras de ligação. Quando um mapa conceptual é construído por um aluno, ele de certo modo “externaliza” a sua estrutura cognitiva, revelando deficiências conceptuais nesta, em particular as tão vulgares “misconceptions”. (2001)

No que se refere à questão “Recebes convidados nas tuas aulas?”, 41% responderam nunca, 35% responderam poucas vezes, 16% responderam algumas vezes e 8% responderam muitas vezes.

Gráfico 95 - Recebes convidados nas tuas aulas?



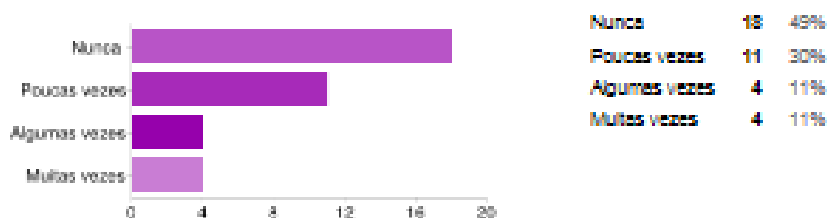
Como refere Moreira (2001) o ensino da História deve pautar-se pela (...) “dinamização de aprendizagens significativas, como visionamento/análise de documentários televisivos, dramatização de episódios históricos, produção de jornais de parede, realização de entrevista; (...)” (p. 38)

Neste sentido, e atendendo à importância das fontes orais, no estudo da História Contemporânea, podem ser convidadas pessoas que tenham vivenciado situações históricas contemporâneas relevantes, para que os alunos as entrevistem. Desta forma, o professor terá que elaborar, previamente, com os alunos, um guião de entrevista.

O autor aconselha, também, para uma maior eficácia das aulas de História, o recurso “ao apoio/colaboração, ocasional, de especialistas da comunidade local, como políticos, jornalistas, testemunhas de eventos (organização e interpretação de informação).” (Moreira, 2001, p. 38)

Quanto à questão “Participas em conferências sobre temas?”, 48% responderam nunca, 30% responderam poucas vezes, 11% responderam algumas vezes e 11% responderam muitas vezes.

Gráfico 96 - Participas em conferências sobre temas?

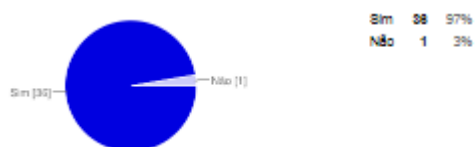


A participação dos alunos em conferências sobre temas abordados em contexto de sala de aula, permite-lhes ter contacto com investigadores de áreas específicas, melhorando a literacia científica dos alunos. No entanto, a participação dos alunos em conferências é diminuta, talvez porque estas estejam maioritariamente associadas a determinados grupos-alvo. Tal como refere Hodson, citado por Reis (2006)

(...) a educação científica só conseguirá assegurar uma literacia científica crítica universal se abandonar as suas características actuais (...) e passar a ser: acessível a todos; interessante e excitante; real, relevante e útil; não sexista e multicultural; pessoalmente relevante e humanizada; portadora de valores e interessada. (2006, pp. 173-174)

No que se refere ao uso de novas tecnologias pelo professor em sala de aula, 97% responderam que o professor as utiliza com frequência, 3% responderam que não.

Gráfico 97 - O professor usa tecnologias na sala de aula?

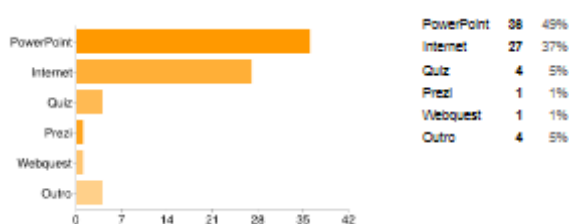


### Segundo Lagarto (2013)

Uma escola envolvida em ambientes tecnologicamente enriquecidos tem de possuir um padrão de comportamento capaz de otimizar os seus recursos e fazer uma demonstração sistemática do bom uso das tecnologias. (p.6)

Dos alunos que responderam sim, 49% responderam que os professores usam o *PowerPoint*, 37% responderam que os professores usam a *Internet*, 5% que os professores usam o *Quiz*, 1% responderam que usam *Prezi*, 1% responderam que usam *Webquest*, e 5% responderam outro.

Gráfico 98 - Se sim, quais?



A diversidade de ferramentas disponibilizadas pela empresa Google, através da era *web 2.0*, disponibiliza gratuitamente um conjunto de ferramentas que permitem ao professor lecionar de forma mais interativa. Para além disso, no que diz respeito à disciplina de História, os professores têm a possibilidade de, através do *youtube*, encontrarem diversos vídeos e outros documentos interessantes, que podem tornar a aula mais criativa e apelativa. Tal como referem Veen e Vrakking (2009)

(...) os professores (...) aprenderam em preto e branco e seus alunos estão aprendendo num mundo colorido permeado de jogos eletrônicos, de interações constantes, possíveis através de vários aplicativos da Web Social, como por exemplo, as redes sociais, os aplicativos da Google, etc. (citados por junior, Lisbôa & Coutinho, 2011, p. 39)

Da análise do questionário posso concluir que, tal como acontece na disciplina de Geografia, também na disciplina de História os alunos não têm hábitos de estudo diários. A maioria dos alunos refere que gostam de História. Os alunos gostam de diversos temas de História estando as respostas ao questionário dispersas pelas várias opções colocadas, o mesmo verifica-se no que diz respeito aos temas que os alunos menos gostam em História. Os alunos não gostam de História por diversos motivos, mas particularmente porque a “História obriga à memorização” e porque não gostam “de ler documentos antigos”.

Os alunos referiram ter poucos hábitos de desenharem e analisarem mapas nas aulas de História, o que lhes pode dificultar a perceção da localização espacial dos locais estudados. No entanto interpretam imagens e fotografias, com muita frequência, e analisam documentos históricos com igual assiduidade. Para além disso, o contacto direto com objetos histórico-arqueológicos é também muito pouco frequente. As atividades de caráter lúdico, como as representações teatrais, são também muito pouco frequentes. Estas atividades podem, no entanto, ser boas opções metodológicas no sentido em que estimulam o relacionamento interpessoal, promovendo a possibilidade de se “aprender brincando”. A construção de *dossiers* temáticos e de glossários também não é frequente. Estes instrumentos podem ser úteis não só como instrumentos de aprendizagem, mas também e particularmente no que se refere aos últimos, como instrumentos de avaliação. Pode-se constatar que os professores continuam a privilegiar o método expositivo. O contacto com o exterior é diminuto, pelo que os alunos não têm hábitos de assistir a conferências, nem recebem convidados especializados nas aulas. O uso de tecnologias pelos professores de História é muito frequente nas aulas, destacando-se a utilização do PowerPoint e da internet.

### 4.3- Desenvolvimento profissional docente

No que diz respeito à planificação, conceção e preparação das aulas, tanto da disciplina de História como da disciplina de Geografia, considero que as aulas lecionadas estavam bem estruturadas. Na estruturação das planificações, os objetivos das aulas encontram-se bem definidos evidenciando os conhecimentos teóricos subjacentes a cada uma das mesmas, em ambas as disciplinas. Para além disso, considero que as planificações evidenciam a articulação entre os diversos conteúdos, formando um encadeamento lógico e consistente, o que conduziu a uma operacionalização satisfatória das mesmas. As metodologias e materiais de ensino são diversificados e de acordo com os objetivos.

No que se refere à diferenciação pedagógica, uma vez que nas turmas em causa não se verificam situações que justifiquem uma diferenciação muito acentuada, apenas apliquei questões verbais mais simples e diretas aos alunos que demonstraram mais dificuldades.

Considero, ainda, que as fichas de trabalho (avaliação formativa) utilizadas, foram bastante úteis para a preparação dos alunos para a avaliação sumativa. Desta forma,

A avaliação formativa tem como finalidade principal melhorar as aprendizagens dos alunos através de uma criteriosa utilização da informação recolhida para que se possam perspectivar e planear os passos seguintes. Por seu lado, a avaliação sumativa faz uma súmula do que os alunos sabem e são capazes de fazer num dado momento. (Fernandes, 2008, p. 358)

Antes das aulas serem lecionadas, tive o cuidado de aprofundar os meus conhecimentos, investigando em bibliografia científica, informação adicional e minuciosa sobre os temas.

Considero importante que os alunos saibam *a priori* quais os objetivos da aula, pelo que procurei expô-los de forma clara e objetiva, contextualizando os temas através da aferição das ideias prévias dos alunos.

Quanto à linguagem utilizada, procurei ser clara e objetiva, acessível a todos, procurando simplificar conceitos mais complexos, com vista a compreensão dos mesmos pelos alunos. Esta simplificação da linguagem não

teve apenas como objetivo promover a compreensão pelos alunos dos temas abordados, mas também permitiu um melhor relacionamento interpessoal com os mesmos.

A atenção dada aos sinais verbais e não-verbais dos alunos permitiu-me observar os que estavam mais desatentos procurando mobilizar estratégias, para que estes voltassem a focar a sua atenção nos objetivos da aula. Essa observação dos sinais dos alunos permitiram-me igualmente estar atenta a todos os contributos dados por estes, para que todos se sentissem parte integrante da aula. Tal como refere Estrela (2010):

o professor tem que, simultaneamente, regular as suas emoções e regular as emoções dos seus alunos, de forma a que não se desviem das finalidades educativas que o acto pedagógico pressupõe, pondo-as ao serviço dos objectivos de aprendizagem e do desenvolvimento cognitivo e socio-afectivo.(2010,p 53)

O estímulo ao diálogo e à troca de ideias pretendeu conduzir os alunos a uma aprendizagem por descoberta. Este diálogo processou-se de forma organizada, no qual todos os alunos respeitaram o seu tempo para falar e ouvir atentamente os contributos dos colegas, sem agitação ou ruído. Em termos temporais, considero que geri o tempo de forma eficaz, tendo conseguido cumprir os tempos estipulados para cada tarefa. Por fim, considero, de forma geral, que as aulas por mim lecionadas contribuíram para a aprendizagem significativa dos alunos.

No que diz respeito à aula que observei, lecionada pela colega de estágio, considero que os planos de aula estavam bem estruturados. Em termos da operacionalização, as estratégias utilizadas conduziram os alunos à exploração e à participação ativa ao longo das aulas.

O ambiente que envolveu o estágio pautou-se pela cooperação entre todas as colegas do núcleo de estágio e professoras cooperantes.

## Conclusão

O processo de prática pedagógica, descrito neste relatório, permitiu-me repensar a forma como se devem operacionalizar as práticas pedagógicas. Numa Escola TEIP, é de particular importância que o docente estimule o aluno a desenvolver o “saber – fazer” e o “saber - ser”. Assim, os professores devem utilizar estratégias que permitam aos alunos uma aprendizagem reflexiva, procurando utilizar os instrumentos existentes de forma original e inovadora. Hoje em dia, o professor tem ao seu dispor um conjunto de instrumentos que podem ser muito úteis para estimular os alunos a novas aprendizagens. No entanto, para o sucesso da aprendizagem, é necessário que o professor tenha “o engenho e a arte” de os saber aplicar. O professor deve ser criativo, desenvolvendo capacidades de adaptação a novas situações, e saber reagir de forma eficaz ao imprevisto. Como refere Kent (1998), citado por Caldas & Bento “Boas ideias, e não necessariamente novos desenvolvimentos tecnológicos, devem orientar o caminho a seguir na educação”. (2001, p. 703)

A componente humana do docente é fundamental para o seu sucesso enquanto tal. Por isso, o professor deverá ter um espírito de aprendizagem constante, não só do ponto de vista científico, mas também no que diz respeito à sua capacidade de autoanálise. O professor deve refletir sobre a forma como se relaciona com os alunos, deve ter uma atitude de interesse e preocupação pelo bem-estar dos mesmos, fazendo face às suas necessidades. Na minha opinião, a inteligência emocional é fundamental no processo ensino-aprendizagem, uma vez que promove a capacidade de ouvir e compreender o outro, colocando-se no seu lugar, ou seja, empatizar.

A prática pedagógica permitiu-me, igualmente, refletir sobre a importância da cooperação existente entre a Escola e a comunidade envolvente. A Escola não pode atuar como instituição isolada, deve antes criar redes de ligação com diversas entidades que permitam promover todas as potencialidades do processo ensino-aprendizagem.

A realização da investigação permitiu-me consciencializar sobre a importância da adaptação das metodologias pedagógicas às características dos alunos integrantes em cada turma. Essa adaptação permite um melhor processo ensino-aprendizagem, que conseqüentemente conduzirá ao melhor aproveitamento escolar dos alunos e ao sucesso dos mesmos.

Em suma, considero que o docente deve estar em constante aprendizagem, só assim poderá melhorar a sua carreira profissional. Desta forma, e uma vez que a minha vida profissional sempre esteve relacionada com o ensino e a formação profissional, este Mestrado permitiu-me desenvolver uma consciência crítica, capaz de implementar mudanças nesse âmbito. Enquanto docente não profissionalizada sempre considerei importante a formação contínua dos professores e formadores. Este Mestrado reforçou essa minha perspectiva e despertou-me interesse pela investigação na área da educação.

É desta forma que considero que o docente deve questionar-se e questionar o que o rodeia, aprender com a experiência e investigar. Só assim o professor será capaz de promover um desenvolvimento racional e emocional dos seus alunos e alimentar a sua paixão pelo ensino.

## Referências bibliográficas

Alface, H., & Magalhães, O. (2011). O cinema como recurso pedagógico na aula de História. In Cainelli, M. & Schmidt, M. A. (org). *Educação Histórica. Teoria e Pesquisa*. Ijuí: Unijuí. (pp. 249-267). Recuperado em 8 de agosto de 2013, de <http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/8366/1/O%20CINEMA%20COM%20RECURSO%20PEDAG%20GICO%20NA%20AULA%20DE%20HIST%20RIA%20-%20resumo.pdf>

Almeida, C. M. (1994). *História das Instituições II*. Porto: Universidade Portucalense.

Almeia, L. S., Gomes, C., Ribeiro, I. S., Dantas, J., Sampaio, M., Alves, M., Rocha, A., Paulo, E., Pereira, T., Nogueira, E., Gomes, F., Marques, L., Sá, C., & Santos, F. (2005). Sucesso e insucesso escolar no ensino básico: relevância de variáveis sócio-familiares e escolares em alunos do 5º ano. In *Actas do VIII Congresso Galaico Português de PsicoPedagogia*. Braga: Universidade do Minho, 14 -16 Set. 2005 (pp. 3629-3642). Recuperado em 8 de agosto de 2013 de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4206/1/433.pdf>

Barreira, A. (2011). O ensino da História no 3º ciclo de escolaridade obrigatória - os interesses dos alunos e a prática docente, *Revista da Faculdade de Letras do Porto, História, III série, vol. 2* (pp. 041-050). Recuperado em 3 de agosto de 2013, de <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2308.pdf>

Bento, A. (2012). Investigação quantitativa e qualitativa: Dicotomia ou complementaridade?. *Revista JA (Associação Académica da Universidade da Madeira), nº 64, ano VII* (pp. 40-43). Recuperado em 20 de agosto de 2013, de <http://www3.uma.pt/bento/Repositorio/Investigacaoqualequan.pdf>

Bonifácio, M. F. (2004). As causas de D. Maria II. *Análise Social*, Vol. XXXIX (172),519-545. Recuperado em 20 de maio de 2013 de <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218706254S0sXP1jc5Lh77ZL1.pdf>

Bordenave, J.D., & Pereira, A. M. (1985). *Estratégias de Ensino – Aprendizagem*. Brasil: Editora Vozes, LDA.

Brandão M. F., & Feijó R. G. (1980). O discurso reformador de Mouzinho da Silveira, *Análise Social*, vol. XVI (61-62), 237-258. Recuperado em 20 de maio de 2013 de <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223994865G2iFT1nv9Bo95CZ3.pdf>

Cadima, A. (1996). *Diferenciação: no caminho de uma escola para todos*. Noesis, p.48-51.

Caldas, J., & Silva, B. (2001). Utilizar o vídeo numa perspectiva construtivista. In Dias, P., & Freitas, V. (org.). In *Actas da II Conferência Internacional Desafios*. Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho do Projecto Nónio (pp.693-705). Recuperado em 5 de agosto de 2013, de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/16309/1/Utilizar%20o%20v%C3%ADdeo%20numa%20perspectiva%20construtivista.pdf>

Caires, S., & Almeida, L. (2000). Os estágios na formação dos estudantes do ensino superior: tópicos para um debate em aberto. *Revista Portuguesa de Educação*, 13(2) (pp. 219-241). Recuperado em 10 de agosto de 2013, de <http://www.redalyc.org/pdf/374/37413211.pdf>

Carita, A., & Fernandes, G. (1998). *Indisciplina na sala de aula*. Lisboa: Editorial Presença.

Carvalho, G. S., & Freitas, M. L. V. (2010). *Metodologia do Estudo do Meio*. Luanda: Plural Editores, recuperado em 3 de agosto de 2013, de [http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10730/1/Methodol\\_Estudo\\_d\\_o\\_Meio.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10730/1/Methodol_Estudo_d_o_Meio.pdf)

Carvalho, A.B.C., Silva, A.C., & Pimenta, J. (2006). Uso da Escrita em Diferentes disciplinas escolares. Construção ou reprodução do conhecimento? In *Actas do Encontro de Reflexão sobre o ensino da escrita*, Leiria: CIEd, Braga (pp. 21-31). Recuperado em 5 de agosto de 2013, de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/18280/1/Aula%20de%20I%C3%ADgua%20%20Interac%C3%A7%C3%A3o%20e%20reflex%C3%A3o.pdf>

Coelho, C., & Campos, J. (2003). *Como abordar o portefólio na sala de aula*. Porto: Areal Editores.

Cortesão, L. (2002). Formas de ensinar, formas de avaliar, breve análise de práticas correntes de avaliação. In Abrantes, P., & Araújo, F. (Coords.), *Avaliação das aprendizagens, das concepções às práticas*. Lisboa (pp. 35-42). Recuperado em 5 de agosto de 2013, de <http://www.escolavirtual.pt/assets/conteudos/downloads/1c1cr/Cgenerico/avaliacaodasaprendizagens.pdf?width=965&height=600>

Cristovão, V. L. L., & Durão, A. B. A. B. (2003). Debate em sala de aula: práticas de linguagem em um gênero escolar. *Anais do 5º Encontro do Celsul*, Curitiba, Brasil, pp. 1436-1441. Recuperado em 15 de agosto de 2013, de <http://www.celsul.org.br/Encontros/05/pdf/199.pdf>

Coutinho, C. P. C., & Chaves, J. H. (2002). O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal. *Revista Portuguesa de Educação*,

15(1) (pp. 221-243). Recuperado em 12 de novembro de 2013 de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/492/1/ClaraCoutinho.pdf>

Day, C. (2004). *A paixão pelo ensino*. Porto: Porto Editora.

Estrela, M. T. (2010). *Profissão docente. Dimensões afectivas e éticas*. Porto: Areal.

Ferro, A. M. (1993). *Métodos e técnicas pedagógicas, colecção formar pedagogicamente, nº 23*. Lisboa: Artes Gráficas, LDA.

Fonseca, F. I. (org.)(1994). *Pedagogia da Escrita. Perspectivas*. Porto: Porto Editora.

Faria, L. (1999). Contextos Sociais de Desenvolvimento das Atribuições Causais: O Papel do Nível Sócio-económico e da Raça. *Revista Análise Psicológica*, V. 17, nº 2. Recuperado em 8 de agosto de 2013, de <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/aps/v17n2/v17n2a03.pdf>

Felgueiras, M. (1988). O Ensino da História: Que História Ensinar?. *Revista Portuguesa de Educação*, 111-121. Recuperado em 5 de agosto de 2013, de <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/56803/2/74729.pdf>

Fernandes, D. (2008). Para uma teoria da avaliação no domínio das aprendizagens. *Estudos em Avaliação Educacional*, v. 19, nº 41, (pp. 347-372). Recuperado em 12 de agosto de 2013, de <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5526/1/Para%20uma%20teoria%20da%20avaliac%cc%a7a%cc%83o%20no%20domi%cc%81nio%20das%20aprendizagens.pdf>

Ferreira, C. A. L. (1999). Ensino de História e a Incorporação das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação: uma reflexão. *Revista de História Regional*, 4(2), (pp. 139-157). Recuperado em 16 de agosto de 2013, de <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2087/1569>

Ferreira, A. A., Silva, B. D., & Siman, L. M. C. (2009). Web 2.0 e o ensino de História: trabalhando com Wiki. *Anais do VII Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História*, Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. Recuperado em 18 de agosto de 2013, de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10098/3/Web%20.0%20e%20o%20Ensino%20de%20Hist%c3%b3ria%20trabalhando%20com%20WIKI.pdf>

Figueiredo, F. J. C. (2008). Como ajudar os alunos a estudar e a pensar? Auto-regulação da Aprendizagem. *Revista do ISPV*, nº 34 (pp. 233 - 258). Recuperado em 7 de agosto de 2013, de <http://www.ipv.pt/millenum/millenum34/18.pdf>



Recuperado em 20 de agosto de 2013, de [http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/10560/1/Inov TIC sala aula.pdf](http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/10560/1/Inov_TIC_sala_aula.pdf)

Meirinhos, M., & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *EDUSER: Revista de Educação, Vol 2(2)*. (pp. 49-65). Recuperado em 14 de novembro de 2013 de <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3961/1/O%20estudo%20de%20caso%20como%20estrat%c3%a9gia%20de%20investiga%c3%a7%c3%a3o%20em%20educa%c3%a7%c3%a3o.pdf>

Mimesse, E. (2008). As avaliações aplicadas pelos professores na disciplina História nas décadas de 1970 e 1980. *Revista HISTEDBR On-line, n.30*, (pp.119-132). Recuperado em 17 de outubro de 2013 de [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/30/art08\\_30.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/30/art08_30.pdf)

Moreira, J. M. (2001). Ensinar História, Hoje. *Revista da Faculdade de Letras do Porto, História, III série, vol. 2* (pp. 033-039). Recuperado em 17 de agosto de 2013, de <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2307.pdf>

Pacheco, J. A. (1995). A avaliação dos alunos: algumas reflexões com os professores. In *Actas do Seminário Avaliação dos alunos dos ensinos básico e secundário*. Guimarães: Centro de Formação de Professores Francisco de Holanda (p. 7-14). Recuperado em 4 de agosto de 2013, de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8969/1/Avalia%C3%A7%C3%A3o%20dos%20alunos%20%20algumas%20reflex%C3%B5es%20com%20os%20professores.pdf>

Peixoto, A. M. D., & Cruz, E. (2011). O desafio do trabalho com gráficos no processo ensino-aprendizagem de Geografia, *VÉRTICES, Campos dos Goytacazes/RJ, v. 13, n. 3, p. 127-168*. Recuperado em 19 de agosto de 2013, de <http://www.essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/viewFile/1225/647>

Pissarra, J. (1996). *Geração de ideias por computador: diadas interactivas versus diadas nominais*. Dissertação de Mestrado, ISPA, Lisboa, Portugal. Recuperado em 20 de agosto de 2013, de <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/961/1/DM%20PISS1.pdf>

Pombo, O., Levy, T., & Guimarães, H. (1993). A interdisciplinaridade. Conceito, problemas e perspectivas. Lisboa: ed. Texto.

Ponte, J. P. (1993). Os professores e as Novas Tecnologias: Desafios profissionais e experiências de formação. *Informática & Educação 4*, ano 1 (pp. 56-61).

Prats, J. (2006). Ensinar História no contexto das Ciências Sociais: princípios básicos. *Educar. n. esp.* (pp.191-218). Recuperado em 18 de setembro de

2013

de

[http://www.ub.edu/histodidactica/images/documentos/pdf/ensinar\\_historia\\_ciencias\\_sociais\\_principios\\_basicos.pdf](http://www.ub.edu/histodidactica/images/documentos/pdf/ensinar_historia_ciencias_sociais_principios_basicos.pdf)

Prats, J. (2012). Educação Histórica, in *Avaliação XII Congresso Internacional Jornadas de Educação Histórica. Consciência Histórica e as novas tecnologias da informação e da comunicação*. Curitiba: Univeristat de Barcelona (pp. 1-38). Recuperado em 18 de setembro de <http://www.ub.edu/histodidactica/images/documentos/pdf/PPT%20Curitiba%20julio2012.pdf>

Rato, A. F. (2009). *Marcelino Mesquita (1856-1919): aspectos da sua vida e memória pública*. Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta, Portugal. Recuperado em 20 de agosto de 2013, de <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1363/1/Marcelino%20Mesquita%20%201856%20%201919%20%20Aspectos%20da%20sua%20vida%20e%20mem%c3%b3ria%20p%c3%bablica.pdf>

Rabelo, K. S. P. (2010). A avaliação da aprendizagem no processo de ensino em Geografia. *Revista Ateliê Geográfico*, v. 4, n. 4 (pp. 22- 249). Recuperado em 17 de setembro de 2013, de <http://www.revistas.ufg.br/index.php/ateliê/article/view/16673>

Rabelo, K. S.P., & Cavalcanti, L. S. (2009). A Avaliação da aprendizagem em Geografia com base na perspectiva socioconstrutivista de ensino. In 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Portalegre. (pp. 1 -10). Recuperado em 16 de setembro de 2013 de [http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4%20\(3\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4%20(3).pdf)

Rebelo, A. S. J. (2009). Efeitos da retenção escolar, segundo os estudos científicos, e orientações para uma intervenção eficaz: Uma revisão. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, ano 43-1 (pp. 27-52). Recuperado em 14 de agosto de 2013, de <https://digitalis-dsp.sib.uc.pt/bitstream/10316.2/4758/1/5%20%20Efeitos%20da%20retencao%20escolar,%20segundo%20os%20estudos%20cientificos,%20e%20orientacoes%20para%20uma%20intervencao%20eficaz-%20Uma%20revisao.pdf>

Reis, P. (2006). Ciência e educação: Que relação?. *Interacções*, 3 (pp. 160-187). Recuperado em 18 de agosto de 2013, de <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4723/1/Ciencia-e-educacao.pdf>

Ribeiro, C. M. C. (2006). Aprendizagem Cooperativa na Sala de Aula: Uma estratégia para aquisição de algumas competências cognitivas e atitudinais definidas pelo Ministério da Educação - Um estudo com alunos do 9º ano de escolaridade, *Dissertação de Mestrado em Biologia e Geologia para o Ensino*,

UTAD, Vila Real, Portugal. Recuperado em 5 de agosto de 2013, de [http://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/35/1/msc\\_cmcribeiro.pdf](http://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/35/1/msc_cmcribeiro.pdf)

Ribeiro, O. (2012). *O ensino da Geografia*. Porto: Porto Editora, p.15.

Rigonato, V. D. (2007). O Ensino de Geografia nas séries iniciais: uma proposta e os seus desafios, *Anais VI Encontro Nacional de Ensino de Geografia: fala professor*, Niterói, Brasil, pp. 1-9. Recuperado em 21 de agosto de 2013, de [http://observatoriogeogoiias.iesa.ufg.br/uploads/215/original\\_Valney\\_D.\\_Rigonato\\_ensino\\_de\\_geografia.pdf](http://observatoriogeogoiias.iesa.ufg.br/uploads/215/original_Valney_D._Rigonato_ensino_de_geografia.pdf)

Rodrigues, M. F. C. C. C. (2009). *Portfolio: Estratégia Formativa e de Reflexão a Formação Inicial em Educação de Infância*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Lisboa, Lisboa, Portugal. Recuperado em 18 de agosto de 2013, de [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2113/1/22158\\_ulfp034796\\_tm.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2113/1/22158_ulfp034796_tm.pdf)

Roldão, M. C. (2000). *Currículo e gestão das aprendizagens: As palavras e as práticas*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Silva, B., & Caldas, J. (2002). Interação, Mediação, Identidade. In Pacheco, J., A. P. et. al. (orgs.). In *Actas V Colóquio sobre Questões Curriculares (I Colóquio Luso-basileiro)*. Braga: Universidade do Minho (pp. 918-930). Recuperado em 14 de agosto de 2013, de [http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/14660/1/Interac%20c3%a7%20c3%a3o%20Media%20c3%a7%20c3%a3o%20Identidade.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/14660/1/Interac%c3%a7%20c3%a3o%20Media%c3%a7%20c3%a3o%20Identidade.pdf)

Silva, M. S. D., & Silva, E. G. (2010). *Laboratório de Ensino em Geografia*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD. Recuperado em 19 de agosto de 2013, de [http://www.geoplan.net.br/material\\_didatico/Laborat%C3%B3rio%20de%20Ensino%20em%20Geografia.pdf](http://www.geoplan.net.br/material_didatico/Laborat%C3%B3rio%20de%20Ensino%20em%20Geografia.pdf)

Timoteo, J. V. (2013). O estágio e a análise das metodologias utilizadas nas aulas de Geografia – ensino fundamental. In *Encuentro de Geógrafos de América Latina*. Perú. Recuperado em 18 de agosto de 2013, de [http://www.egal2013.pe/wp-content/uploads/2013/07/Tra\\_Jaqueline-Vaz-Timoteo.pdf](http://www.egal2013.pe/wp-content/uploads/2013/07/Tra_Jaqueline-Vaz-Timoteo.pdf)

Tralha, A. R. L. (2012). *Relatório de Estágio Profissional de Mestrado em Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico*. Relatório de Estágio Profissional, Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, Portugal. Recuperado em 16 de agosto de 2013, de <http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/2507/1/AnaTralha.pdf>

UNESCO. (2008). Educação Inclusiva: o Caminho do Futuro. *Conclusões e Recomendações da 48ª Sessão da Conferência Internacional de Educação*

da UNESCO. Genebra: UNESCO. Recuperado em 3 de agosto de 2013, de [http://proinclusao.com.sapo.pt/UNESCO\\_Geneve08.pdf](http://proinclusao.com.sapo.pt/UNESCO_Geneve08.pdf)

Valadares, J. (2001). Estratégias construtivista e investigativas no ensino das ciências, In *VII Encontro o Ensino das Ciências no âmbito dos Novos Programas*. Porto. Recuperado em 22 de agosto de 2013, de [http://eec.dgidc.min-edu.pt/documentos/publicacoes\\_estrat\\_const.pdf](http://eec.dgidc.min-edu.pt/documentos/publicacoes_estrat_const.pdf)

Valadares, J., & Graça, M. (1998). *Avaliando para melhorar a aprendizagem*, Lisboa: Plátano Edições.

### **Documentos Legais**

Despacho Normativo nº 96-89, de 21 de Outubro de 1989 (1989), Recuperado em 16 de agosto de 2013, de <http://dre.pt/pdf1sdip/1989/10/24300/46494651.pdf>

### **Documentos de Autonomia da Escola**

Agrupamento de Escolas do Viso (2008). *Projeto Educativo TEIP*.

Agrupamento de Escolas do Viso (2010). *Regulamento Interno*.

## **ANEXOS**

## Anexo 1 – Autorização da Escola



Ana Loureiro <amsn176@gmail.com>

---

### Autorização de divulgação do nome do agrupamento no relatório final de estágio

---

Lígia Eiras <ligiaeiras@gmail.com> 7 de Agosto de 2013 às 12:18  
Para Patrícia Martins <patriciafg\_martins@hotmail.com>, Ana Loureiro  
<ananevesloureiro@gmail.com>, marciaalvescarvalho  
<marciaalvescarvalho@hotmail.com>, Ana Loureiro <amsn176@gmail.com>

----- Mensagem reencaminhada -----

De: "direccao.viso.porto" <direccao.viso.porto@gmail.com>

Data: 7 de Ago de 2013 12:54

Assunto: Re: Autorização de divulgação do nome do agrupamento no relatório final de estágio

Para: "Lígia Eiras" <ligiaeiras@gmail.com>

Cc:

Boa Tarde

Em resposta ao seu email, venho informar que não há inconveniente no uso do nome do agrupamento no relatório final de Prática Pedagógica.

Atenciosamente

Paulo Oliveira

No dia 28 de Julho de 2013 às 16:28, Lígia Eiras <ligiaeiras@gmail.com> escreveu:  
Exmo. Sr. Diretor

Vimos por este meio, solicitar autorização, para proceder à divulgação, do nome do vosso agrupamento de escolas, no nosso relatório final de Prática Pedagógica.

Gratas pela atenção

—

---

Agrupamento de Escolas do Viso - Porto  
Rua de S. Brás, s/n  
4250-528 PORTO

228302897 / 8

## Anexo 2- Planificação das aulas de Geografia lecionadas em 10 de abril de 2013

### PLANO DE AULA

Disciplina: Geografia

Tema 2 – Meio Natural

Subtema 1 – Clima e formações vegetais

N.º de blocos (45') previstos: 2

LIÇÕES N.º 65, 66 Ano: 7º

Turma:

DATAS: 10 de abril de 2013

Professor observado: Ana Margarida Silva Neves Loureiro

Professor Cooperante:

#### **Conceito-chave e situação-problema / desafio**

**Situação problema** – Caracterizar a distribuição da temperatura no Mundo e em Portugal.

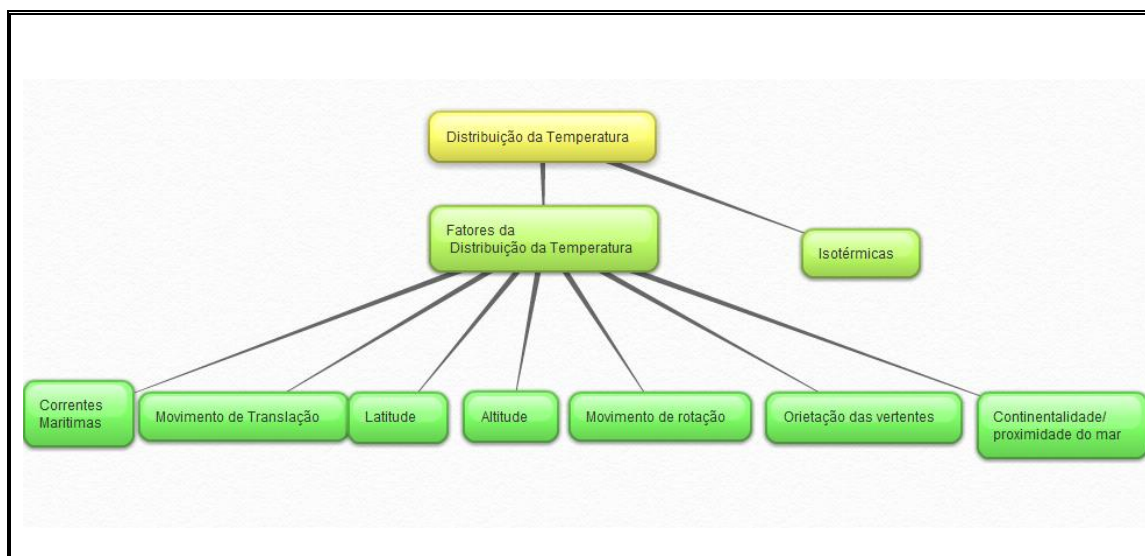
**Questão Estruturante** – Como varia a Temperatura no Mundo e em Portugal?

**Conceitos-Chave:** Temperatura, isotérmicas, radiação solar, correntes marítimas, latitude, continentalidade

#### **Metas de aprendizagem a desenvolver nas aulas**

- Distinguir estado de tempo de clima.
- Definir: temperatura média mensal e anual, e amplitude térmica mensal e anual.
- Descrever a variação anual da temperatura
- Explicar os principais fatores que influenciam a variação espacial da temperatura
- Saber definir gradiente térmico vertical.
- Distinguir vertentes umbrias/sombrias de soalheiras.
- Explicar a influência da exposição geográfica das vertentes na variação da temperatura.

### Esquema conceptual para a aula



### Informação nova / conteúdos

<b>Ideias prévias dos alunos</b> (avaliação diagnóstica)	<p>Exercício diagnóstico de preenchimento de espaços, com o objetivo de aferir os conhecimentos adquiridos nas aulas anteriores sobre a matéria relacionada com as temperaturas, nomeadamente com os fatores que influenciam a temperatura.</p> <p>Aferir as representações sociais que os alunos têm sobre as diferentes temperaturas em Portugal e no Mundo, através de questões orientadoras colocadas, de forma verbal (motivação inicial).</p>
<b>Conceitos novos</b>	<p>Variação de temperatura</p> <p>Isotérmicas</p> <p>Correntes marítimas</p> <p>Continentalidade</p>

### Objetivos de aprendizagem

<ul style="list-style-type: none"><li>- Descrever os fatores que influenciam a temperatura (particularmente a orientação das vertentes, correntes marítimas, continentalidade)</li><li>- Indicar de que forma está distribuída a temperatura em Portugal e no Mundo</li></ul>
---

- Conhecer os fatores que condicionam a distribuição da temperatura;
- Estimular a reflexão e a capacidade de interpretação de mapas e imagens relacionados com a distribuição da temperatura em Portugal e no Mundo.

***Sequenciação a dar às aulas: Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos / estratégias***

Método Interrogativo, Método Expositivo, Método Ativo

1º momento – transcrição de sumário

2º momento- Visualização de PowerPoint síntese relativo à matéria dada sobre os fatores que influenciam a temperatura.

3º momento - Elaboração de ficha para preenchimento de espaços sobre a matéria dada nas aulas anteriores (avaliação diagnóstica) relativa aos fatores que influenciam a temperatura.

4º momento – Aferição, através de perguntas verbais, das ideias prévias dos alunos sobre a matéria a lecionar, nomeadamente:

Quais as regiões em Portugal e no Mundo com temperaturas mais elevadas?

Quais as regiões em Portugal e no Mundo com temperaturas menos elevadas?

5º momento - Apresentação e análise de mapas, imagens e legendagem (PowerPoint), documentários, sobre as diferentes temperaturas em Portugal e no Mundo, tendo em vista procurar relações entre a informação nova e a informação já existente.

6º momento - Elaboração de ficha de trabalho sobre as diferentes temperaturas em Portugal e no Mundo e sobre a importância dos mapas isotérmicos.

***Recursos / Fontes***

- Caderno diário/ Manual
- Quadro
- Caneta
- Computador/ Videoprojector
- Documentários
- Ficha diagnóstico
- Ficha de trabalho

***Avaliação intercalar***

Questões verbais colocadas aos alunos sobre os conteúdos lecionados

### ***Diferenciação pedagógica***

Questões verbais diretas colocadas aos alunos que revelam mais dificuldades, questões verbais que implicam relacionar conteúdos colocadas aos restantes alunos

### ***Avaliação final***

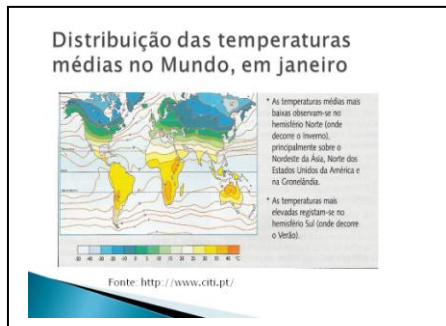
Ficha de trabalho

### ***Sumários***

Síntese da matéria dada nas aulas anteriores. Continuação do estudo dos fatores que influenciam a temperatura. Distribuição da temperatura em Portugal e no Mundo. Fatores relacionados com a variação da mesma.

# Anexo 3 – Recursos utilizados nas aulas de Geografia lecionadas em 10 de abril de 2013

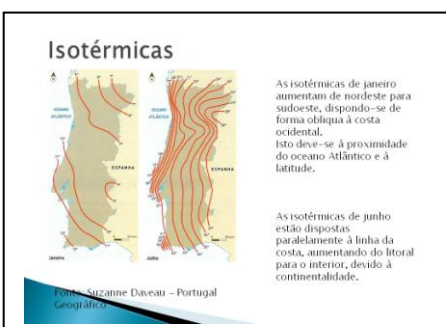
## PowerPoint utilizado nas aulas lecionadas em 10 de abril de 2013



- ▶ Em janeiro a radiação incide mais sobre o hemisfério sul – logo registam-se temperaturas mais elevadas
- ▶ Em julho as radiações incidem mais sobre o hemisfério norte – as temperaturas são mais elevadas

- ▶ A região intertropical é a que regista temperaturas mais altas – concentração de radiação solar ao longo de todo o ano
- 

- ▶ As regiões polares são as que registam as temperaturas mais baixas.
- 
- Pólo Norte





Ficha de trabalho das aulas lecionadas em 10 de abril de 2013

7º ano Disciplina: Geografia

Data: 10 de abril de 2013

Nome do(a) aluno(a): \_\_\_\_\_

FICHA DE TRABALHO

Grupo I

Assinala com um X a opção correta

1- Na zona litoral de Portugal as temperaturas são mais amenas devido à:

- a) latitude
- b) altitude
- c) proximidade do mar

2- No Mundo a região que regista temperaturas mais elevadas é:

- a) Região polar
- b) Região intertropical
- c) Região temperada

3- A continentalidade, no verão, provoca:

- a) Aumento da temperatura
- b) Diminuição da temperatura
- c) Temperatura constante ao longo do ano

4- Em Portugal, no verão, as temperaturas aumentam:

- a) Do interior para o litoral
- b) Do litoral para o interior

Grupo II

Pinta no mapa a zona onde se regista a temperatura mais baixa e as zona onde se regista a temperatura mais alta no Verão e no Inverno.

Utiliza a cor vermelha para as temperaturas mais altas e a cor azul para as temperaturas mais baixas.

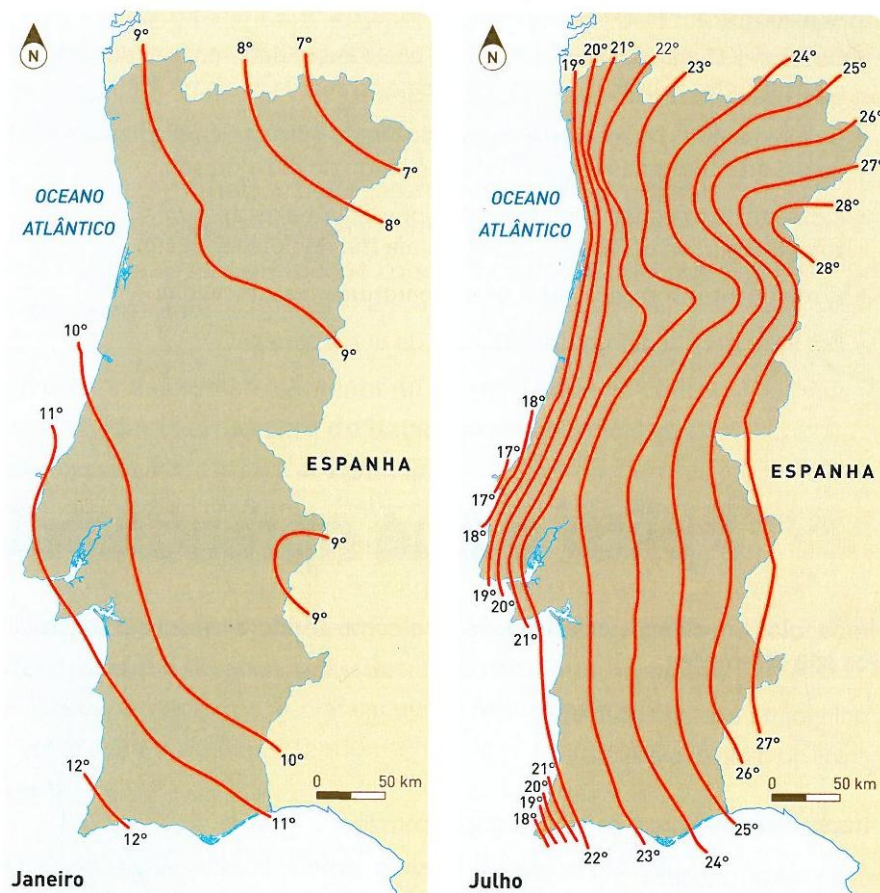


Figura 1- Isotérmicas de janeiro e julho, em Portugal continental (valores reduzidos ao nível médio das águas do mar).

Fonte: Suzanne Daveau – Portugal Geográfico

### Grupo III

- 1- Observa o mapa e indica quais as temperaturas mínimas e máximas previstas para as seguintes cidades:

Cidade	Temperatura máxima	Temperatura Mínima
Porto		
Lisboa		
Bragança		
Faro		



Figura 2 – Mapa do estado do tempo observado em Portugal no dia 13 de dezembro de 2010

Fonte: IM- <http://www.meteo.pt/pt>

2-Com base no mapa da figura 2, calcula as amplitudes térmicas diárias das cidades indicadas na tabela

Cidade	Amplitude Térmica (TM-tm)
Porto	
Lisboa	
Bragança	
Faro	

3- Indica qual o nome que se dá à variação entre a temperatura máxima e mínima.

---

---

4- Imagina que nas férias de Natal queres ir para um local que tenha neve. Que lugar de Portugal escolherias?

---

---

## Anexo 4 – Questões relativas à matéria lecionada por mim em 10 de abril incluídas no teste sumativo de Geografia e grelha de correção das mesmas

As questões tiveram a seguinte numeração:

5-Assinala com um X a resposta correta

5.1A temperatura é um:

- a) Elemento do clima
- b) Fator climático

5.2Os principais fatores que influenciam a temperatura, em geral, são:

- a) Latitude, altitude, correntes marítimas e vento
- b) Latitude, altitude, continentalidade/proximidade do mar, orientação das vertentes e correntes marítimas.

5.3. A altitude é um fator que influencia a variação da temperatura. À medida que se sobe uma montanha:

- a) a temperatura desce de forma gradual.
- b) a temperatura sobe de forma gradual.
- c) a temperatura mantém-se constante

5.4 As correntes marítimas

- a) Influenciam a temperatura
- b) Não influenciam a temperatura

6 - Classifica como verdadeiro (v) ou falso (F) as seguintes afirmações e corrige a(s) falsa(s):

6.1A orientação das vertentes não tem influência na distribuição da temperatura.

6.2Os locais perto do mar registam menores amplitudes térmicas anuais.

6.3 As regiões do litoral afetadas pelas correntes marítimas quentes apresentam temperaturas ligeiramente mais elevadas

6.4 As regiões polares são as que registam temperaturas mais elevadas.

6.5 A região intertropical é a que regista temperaturas mais elevadas.

## 7.2 - Observa os mapas

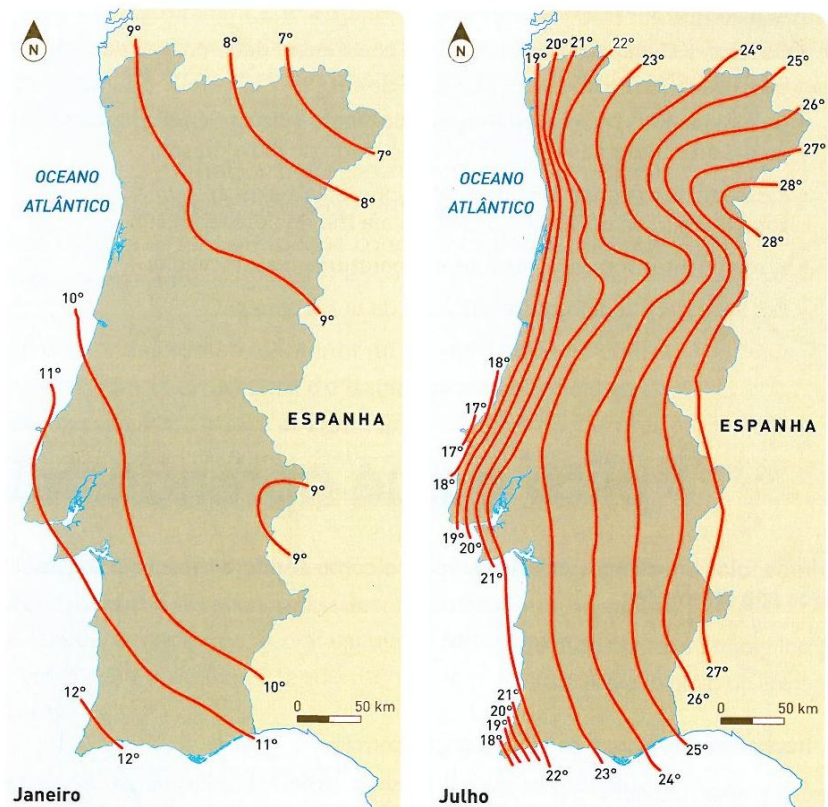


Figura 1- Isotérmicas de janeiro e julho, em Portugal continental (valores reduzidos ao nível médio das águas do mar).

Fonte: Suzanne Daveau – Portugal Geográfico

Completa, com as palavras indicadas no quadro, as ideias expressas nas seguintes frases, de acordo com a observação atenta do mapa das isotérmicas de Janeiro e de julho em Portugal.

- A) As isotérmicas de janeiro aumentam de nordeste para sudoeste, dispendo-se de forma oblíqua à costa ocidental. Isto deve-se à proximidade do \_\_\_\_\_ e à \_\_\_\_\_.
- B) As isotérmicas de junho estão dispostas paralelamente à linha da costa, aumentando do litoral para o interior, devido à \_\_\_\_\_.

Conteúdos a avaliar: fatores que influenciam a temperatura; distribuição da temperatura em Portugal e no Mundo

Objetivos das questões: descrever os fatores que influenciam a temperatura; indicar de que forma está distribuída a temperatura em Portugal e no Mundo; conhecer e relacionar os fatores relacionados com o aumento ou diminuição da temperatura; estimular a reflexão e a capacidade de interpretação de mapas relacionados com as diferenças de temperatura em Portugal e no Mundo

### Grelha de correção das questões

Questão	5.1	5.2	5.3	5.4	6	7.2
Cotação	5	5	5	5	10	6
Aluno 1	5	5	5	5	5,6	2
Aluno 2	5	5	5	5	6	2
Aluno 3	5	5	5	5	10	4
Aluno 4	5	5	5	5	6,8	2
Aluno 5	5	5	5	5	10	6
Aluno 6	5	5	5	5	10	6
Aluno 7	0	0	5	5	5,6	0
Aluno 8	5	5	5	5	3,6	3
Aluno 9	5	5	5	5	9,5	2
Aluno 10	5	5	5	5	10	2
Aluno 11	0	5	5	5	10	2
Aluno 12	0	5	5	5	8,8	5
Aluno 13	5	0	5	5	10	6
Aluno 14	5	5	5	5	7,4	2
Aluno 15	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Aluno 16	0	5	5	5	10	0
Aluno 17	5	0	5	5	2	2
Aluno 18	5	5	5	5	8,8	4
Aluno 19	5	5	5	5	8,8	6
Aluno 20	5	5	5	5	8,8	2
Aluno 21	5	5	5	5	10	2
Aluno 22	5	5	5	0	6,8	2
Aluno 23	5	5	5	5	10	5

## Anexo 5 - Planificação das aulas de Geografia lecionadas em 8 de maio de 2013

### PLANO DE AULA

Disciplina: Geografia

Tema 2 – Meio Natural

Subtema 1 – Clima e formações vegetais

N.º de blocos (45') previstos: 2

LIÇÕES N.º 75, 76 Ano: 7º

Turma:

DATAS: 8 de maio de 2013

Professor observado: Ana Margarida Silva Neves Loureiro

Professor Cooperante:

#### **Conceito-chave e situação-problema / desafio**

**Situação problema** – Determinar os fatores que condicionam a distribuição da precipitação no Mundo e em Portugal

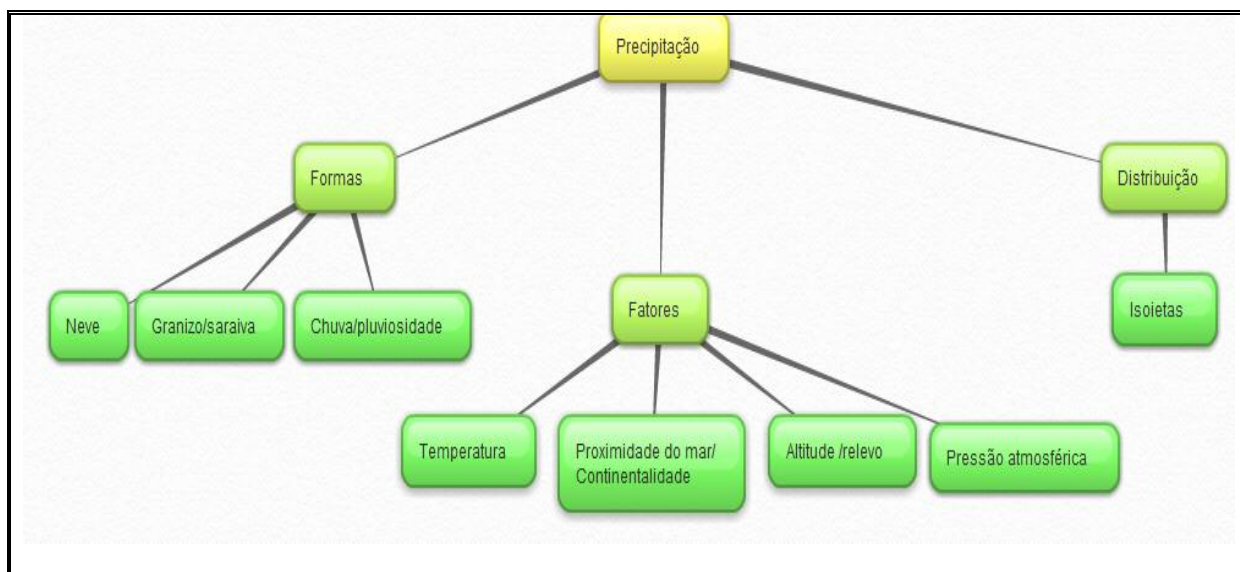
**Questão Estruturante** – Quais os fatores que influenciam a distribuição da precipitação? Como varia a precipitação no Mundo e em Portugal?

**Conceitos-Chave** distribuição da precipitação em Portugal e no Mundo

#### **Metas de aprendizagem a desenvolver nas aulas**

- Referir fatores que influenciam a variação da precipitação à escala planetária
- Conhecer e compreender a distribuição da precipitação à superfície da terra
- Identificar diferentes formas de precipitação: chuva, neve, granizo e saraiva.
- Definir isoietas.
- Descrever a distribuição mundial da precipitação à superfície terrestre a partir da leitura de mapas.

### Esquema conceptual para a aula



### Informação nova / conteúdos

<b>Ideias prévias dos alunos</b> (avaliação diagnóstica)	Aferir as representações sociais que os alunos têm sobre os diferentes valores de precipitação em Portugal e no Mundo e sobre os fatores que a influenciam, através de questões orientadoras colocadas, de forma verbal (motivação inicial).
<b>Conceitos novos</b>	Precipitação Neve Granizo Saraiva Chuva/pluviosidade Isoietas

### Objetivos de aprendizagem

- Descrever os fatores que influenciam a precipitação, nomeadamente temperatura, altitude, proximidade do mar/continentalidade, distribuição dos centros de pressão atmosférica
- Indicar de que forma está distribuída a precipitação em Portugal e no Mundo
- Estimular a reflexão e a capacidade de interpretação de mapas e imagens relacionados com a distribuição da precipitação em Portugal e no Mundo – mapas de isoietas

**Sequenciação a dar às aulas: Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos / estratégias**

Método Interrogativo, Método Expositivo, Método Ativo

1º momento – transcrição de sumário

2º momento - Visualização de PowerPoint síntese relativo à matéria dada sobre os fatores que influenciam a precipitação.

3º momento - Analisar PowerPoint com o ciclo da água

4º momento – Analisar esquema em PowerPoint com as formas de precipitação

5º momento – Analisar esquema em PowerPoint com os tipos de chuvas

6º momento – aferir os conhecimentos a nível das representações sociais sobre a distribuição da precipitação no Mundo, colocando questões verbais, nomeadamente: “Em que locais do mundo acham que há mais precipitação?”

7º momento – explicar e definir isoietas (com registo da definição no caderno), através de projecção em PowerPoint e análise do mapa do globo de isoietas.

8º momento – Explicar as causas da distribuição da precipitação no mundo através de mapa e de imagens de locais

9º momento – registo no caderno de ideias a reter sobre a distribuição da precipitação no mundo

10º Momento- aferir os conhecimentos a nível das representações sociais sobre a distribuição da precipitação em Portugal, colocando questões verbais, nomeadamente: “Em que locais de Portugal acham que há mais precipitação?”; “Acham que a precipitação é maior no norte ou no sul de Portugal?”

11º - Análise de PowerPoint com mapa de isoietas de Portugal, interpretando e indicando os fatores que condicionam a distribuição da precipitação em Portugal

12º -Elaboração de ficha de trabalho.

**Recursos / Fontes**

- Caderno diário
- Manual
- Quadro
- Caneta
- Computador/ Videoprojector;
- Ficha de trabalho

### ***Avaliação intercalar***

Questões verbais colocadas aos alunos sobre os conteúdos lecionados

### ***Diferenciação pedagógica***

Questões diretas colocadas aos alunos que revelam mais dificuldades, questões que implicam relacionar conteúdos colocadas aos restantes alunos

### ***Avaliação final***

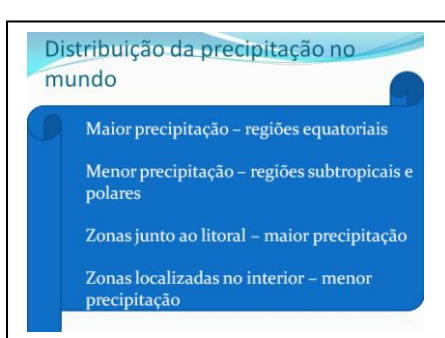
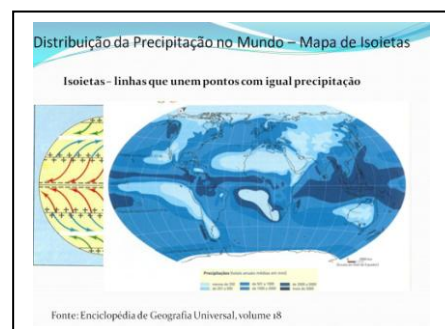
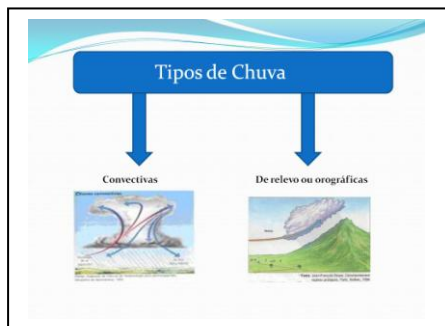
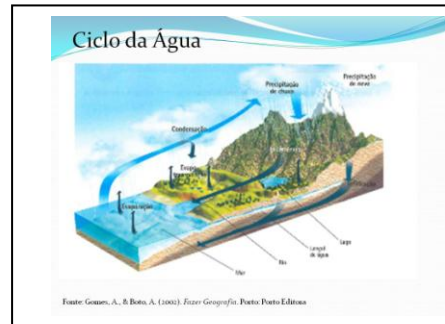
Ficha de trabalho

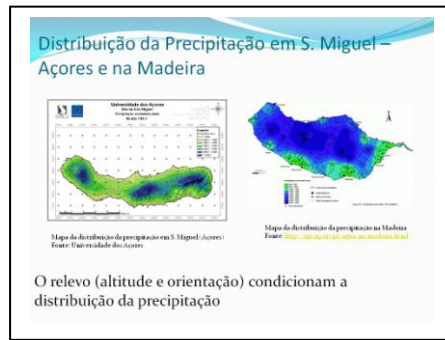
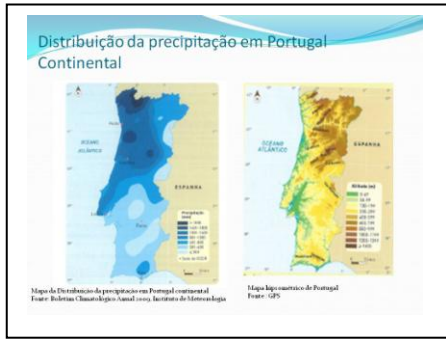
### ***Sumário***

Fatores que influenciam a precipitação. Distribuição da precipitação em Portugal e no Mundo.

# Anexo 6 – Recursos utilizados nas aulas de Geografia lecionadas em 8 de maio de 2013

PowerPoint das aulas lecionadas em 8 de maio de 2013





O relevo (altitude e orientação) condicionam a distribuição da precipitação

Ficha de trabalho utilizada nas aulas lecionadas em 8 de maio de 2013

7º ano      Disciplina: Geografia      Data: 8 de maio de 2013

Nome do(a) aluno(a): \_\_\_\_\_

Ficha de trabalho

1- Completa o esquema com a(s) palavra(s) certa(s):



Figura 1 – fatores que influenciam a precipitação

2- Observa atentamente a figura

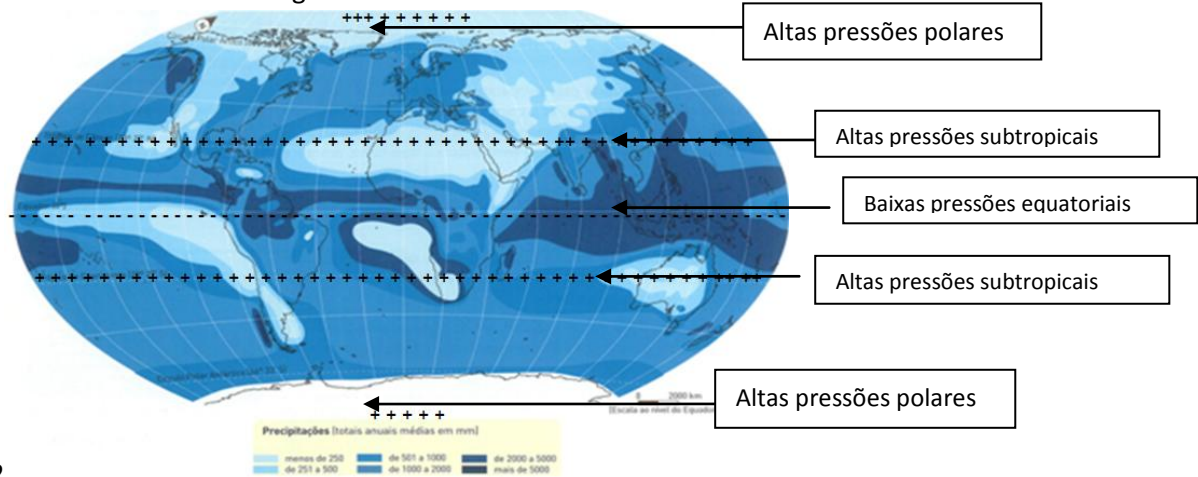


Figura 2: Mapa da distribuição da precipitação mundial , com legendagem de pressões atmosféricas

Fonte: Enciclopédia da Geografia Universal, volume 18

2.1 – Indica as regiões do globo onde ocorre maior precipitação.

---



---



---

2.2- Menciona as regiões onde ocorre menor precipitação.

---



---

2.3 – Explica a elevada precipitação que ocorre na região equatorial.

---



---

3-Responde com verdadeiro (V) ou falso (F) às seguintes afirmações e corrige as afirmações falsas.

3.1 – As regiões equatoriais têm menor precipitação devido às baixas pressões.

3.2 – As zonas junto ao litoral têm maior precipitação.

3.3 – Nas zonas influenciadas por centros de baixas pressões chove mais.



4. Observa atentamente a figura 3



Figura 3- Mapa da distribuição da precipitação em Portugal continental

Fonte: *Boletim Climatológico Anual 2009*, Instituto de Meteorologia, IP

4.1 Indica as cidades com maior precipitação e as cidades onde ocorre menor precipitação.

---

---

4.2 Completa os espaços com a palavra certa:

A distribuição da temperatura em Portugal não é uniforme. Há uma diminuição da precipitação de \_\_\_\_\_ para \_\_\_\_\_ e do \_\_\_\_\_ para o \_\_\_\_\_.

## Anexo 7 – Questões relativas à matéria lecionada por mim em 8 de maio incluídas no teste sumativo de Geografia e grelha de correção das mesmas

As questões tiveram a seguinte numeração:

2. De acordo com o mecanismo que provoca a subida do ar e o seu conseqüente arrefecimento, podem distinguir-se **diferentes tipos de chuva**.

Observa a imagem.



Figura 1

Lê o texto.

Notava-se o ar cada vez mais quente e espesso. Pegajoso, adería à pele como uma película incómoda, e trazia da floresta o silêncio que antecede a tempestade. De um momento para o outro iriam abrir-se as comportas do céu.

LUÍS SEPÚLVEDA, *O Velho Que Lia Romances de Amor*  
(adaptado)

Figura 2

- 2.1. Indica o tipo de chuva representada nas figuras 1 e 2.
- 2.2. Explica como se forma a chuva representada na figura 1. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 2.3. Refere em que regiões é mais comum este tipo de chuva. \_\_\_\_\_

3. Observa o mapa da precipitação no Mundo.

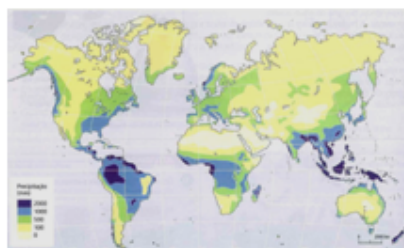


Figura 3

- 3.1. Analisa o mapa da figura 3 e **completa** as frases seguintes.
- a) Nas regiões \_\_\_\_\_ verifica-se maior precipitação devido às baixas pressões.
- b) Nas regiões subtropicais e \_\_\_\_\_ verifica-se menor precipitação.
- c) Nas zonas do \_\_\_\_\_ verifica-se maior precipitação do que nas zonas do interior.
4. **Classifica** com verdadeiro (V) ou falso (F) as seguintes afirmações.
- A temperatura condiciona a precipitação.
  - A altitude não é um fator que condiciona a precipitação.
  - A chuva é a única forma de precipitação.
  - Quanto maior é a proximidade do mar menor é a probabilidade de precipitação.
  - Os centros de pressão atmosférica condicionam a precipitação.

Conteúdos das questões: Fatores que influenciam a precipitação; Tipos de chuvas; Distribuição da precipitação em Portugal e no Mundo

Objetivos das questões: descrever os fatores que influenciam a precipitação, nomeadamente temperatura, atitude, proximidade do mar/continentalidade, distribuição dos centros de pressão atmosférica; conhecer os tipos de chuvas e as suas causas; indicar de que forma está distribuída a precipitação em Portugal e no Mundo; estimular a reflexão e a capacidade de interpretação de mapas relacionados com a distribuição da precipitação em Portugal e no Mundo – mapas de isoietas

Grelha de correção das questões relativas à matéria lecionada em 8 de maio de 2013

Questão	2.1	2.2	2.3	3	4.1
Cotação	5	7,5	4	6	5
Aluno 1	0	0	0	0	3
Aluno 2	5	0	0	2	5
Aluno 3	5	0	4	4	3
Aluno 4	2,5	0	4	0	5
Aluno 5	5	5	4	5	4
Aluno 6	5	6,5	4	6	5
Aluno 7	5	0	0	0	5
Aluno 8	0	0	4	0	3
Aluno 9	5	7,5	4	2	5
Aluno 10	5	0	4	2	5
Aluno 11	2,5	0	0	0	5
Aluno 12	5	0	4	2	5
Aluno 13	5	3	0	4	5
Aluno 14	5	0	0	2	5
Aluno 15	-----	-----	-----	-----	-----
Aluno 16	5	0	4	2	4
Aluno 17	5	0	0	0	4
Aluno 18	2,5	0	4	2	3
Aluno 19	5	0	4	6	5
Aluno 20	5	0	3	2	2
Aluno 21	5	3.5	4	6	1
Aluno 22	0	0	0	0	5
Aluno 23	0	6.5	4	6	5

## Anexo 8 – Planificação das aulas de História lecionadas em 17 de abril de 2013

### PLANO DE AULA

Disciplina: História

Unidade: G- O Arranque da Revolução Industrial e o Triunfo das Revoluções Liberais

Subunidade: As revoluções Liberais

N.º de blocos (45') previstos: 2                      LIÇÕES N.º 70, 71      Ano:8º

Turma:                      DATAS: 17 de abril de 2013

Professor observado: Ana Margarida Silva Neves Loureiro

Professor Cooperante:

#### ***Conceito-chave e situação-problema / desafio***

**Situação problema** – Caracterizar a Revolução Liberal Americana e descrever os antecedentes da Revolução Francesa.

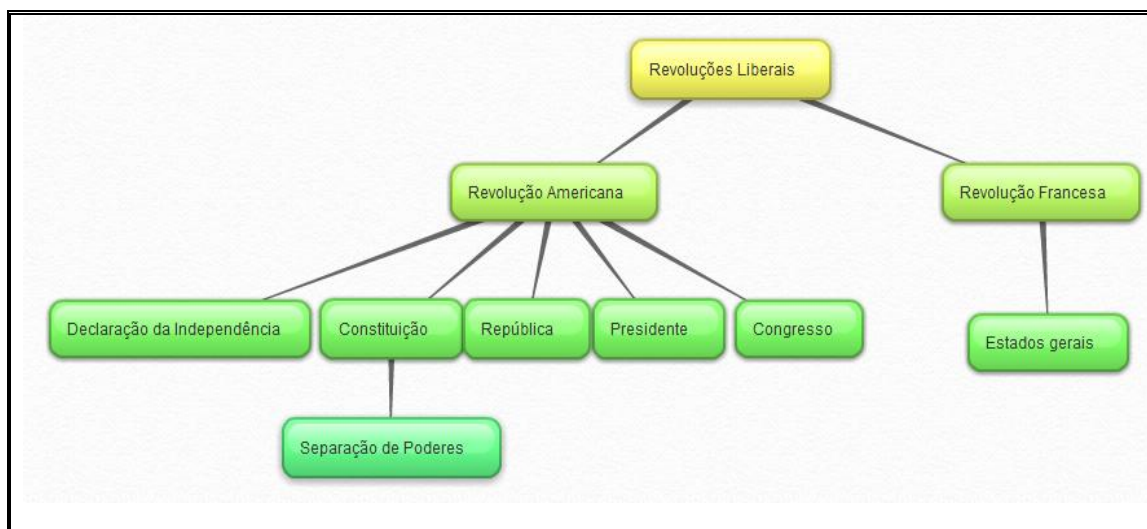
**Questão Estruturante** – Quais as características da Revolução Liberal Americana? Quais os antecedentes da Revolução Francesa?

**Conceitos-Chave:** Revolução Americana, antecedentes da Revolução Francesa

#### ***Metas de aprendizagem a desenvolver na aula***

- Descrever o processo (guerra de independência/revolução liberal) que levou à criação dos EUA tendo em conta a relação de proximidade/conflicto com a Inglaterra e o apoio por parte da França
- Analisar os antecedentes da Revolução Francesa de 1789.
- Apresentar as características fundamentais de um Estado Liberal

### Esquema conceptual para a aula



### Informação nova / conteúdos

<b>Ideias prévias dos alunos</b> (avaliação diagnóstica)	Aferir as representações sociais que os alunos têm da Revolução Americana, recolhidas através das questões orientadoras colocadas, de forma verbal, no início da aula (motivação inicial)
<b>Conceitos novos</b>	Constituição Separação de poderes República Congresso Presidente Estados Gerais

### Objetivos de aprendizagem

- Descrever de que forma se processou a Revolução Liberal Americana
- Indicar as mudanças políticas, institucionais e sociais que se processaram ao longo da Revolução americana
- Identificar os valores que emergiram das revolução liberal americana
- Conhecer os antecedentes da Revolução Francesa

**Sequenciação a dar às aulas: Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos / estratégias**

Método Interrogativo, Método Expositivo, Método Ativo

1.º momento - Transcrição do sumário da aula

2.º momento – Questões orientadoras para aferir as representações sociais dos alunos sobre as revoluções liberais/ revolução liberal americana: “O que entendem por revolução?”; “Já estudaram alguma revolução liberal?”; “O que sabem sobre a revolução americana?”; “Qual o país colonizador da América?”

3.º momento - Apresentação de PowerPoint-síntese e de documentário sobre a revolução liberal americana.

4.º momento - Transcrição para o caderno diário de resumo/síntese relativo à revolução liberal americana.

5.º momento - Ficha de trabalho de trabalho com o objetivo de aferir os conhecimentos adquiridos sobre a revolução liberal americana

6.º momento - Correção da ficha de trabalho sobre a revolução liberal americana

7.º momento - Apresentação de PowerPoint-síntese sobre os Antecedentes da Revolução francesa

8.º momento- Ficha de trabalho sobre os antecedentes da revolução francesa

9.º momento - Correção da ficha de trabalho sobre os antecedentes da revolução francesa

**Recursos / Fontes**

- Caderno diário
- Manual
- Quadro
- Caneta
- Computador/ Videoprojector
- Documentários
- Ficha de trabalho

**Avaliação intercalar**

Questões verbais colocadas aos alunos sobre os conteúdos lecionados

### ***Diferenciação pedagógica***

Questões diretas colocadas aos alunos que revelam mais dificuldades, questões que implicam relacionar conteúdos colocadas aos restantes alunos

### ***Avaliação final***

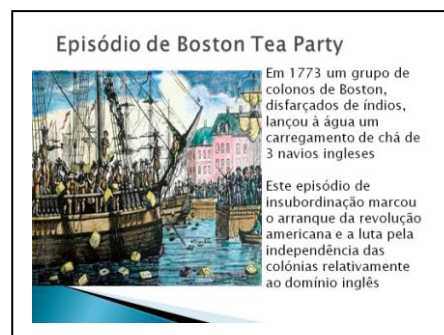
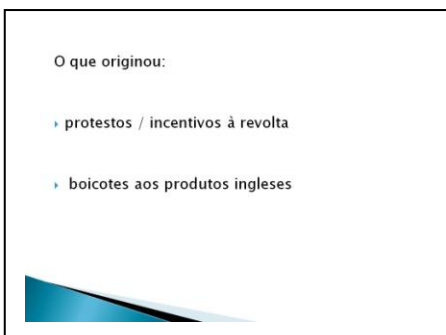
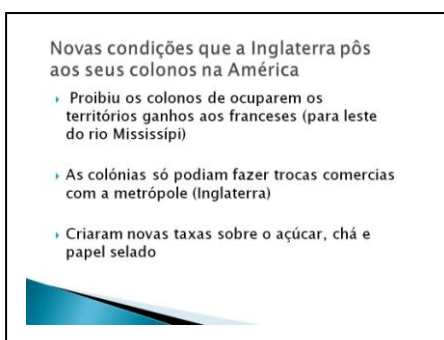
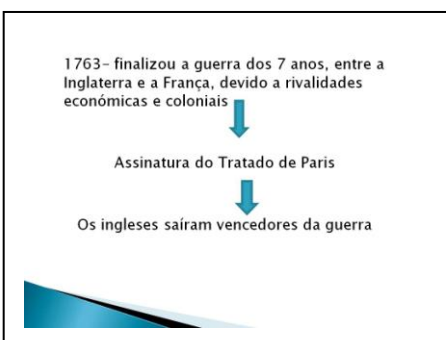
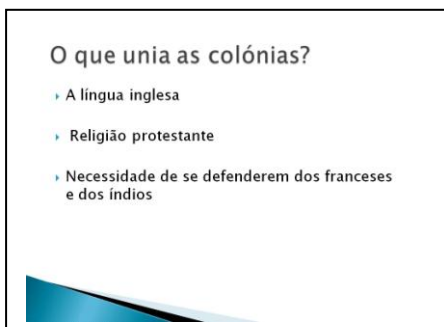
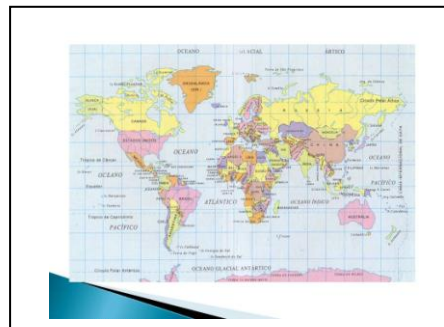
Fichas de trabalho

### ***Sumário***

A Revolução Liberal Americana: mudanças políticas, institucionais e sociais que se processaram ao longo da Revolução Americana e valores emergentes da mesma.  
Os antecedentes da revolução francesa: ambiente revolucionário.  
Elaboração de ficha de trabalho.

# Anexo 9 - Recursos utilizados nas aulas de História lecionadas em 17 de abril de 2013

PowerPoint das aulas lecionadas em 17 de abril de 2013



Mais tarde, representantes das 13 colônias reuniram-se em Filadélfia e criaram um exército liderado por George Washington (que depois se tornou o 1º Presidente dos EUA), para fazer frente à Inglaterra



- ▶ Em 1776, em Filadélfia, foi aprovada em congresso a Declaração da Independência, sob orientação de Thomas Jefferson, iniciando um conflito militar com a Inglaterra.



- ▶ A França apoiou os colonos o que lhes facilitou a vitória.
- ▶ 8 anos de batalha – em 1787 – assinatura do Tratado de Paz em Versalhes – a Inglaterra reconhece a independência aos EUA.

1787 – Aprovada a Constituição Americana que prevê:

1- A separação de poderes:

- ▶ Poder legislativo
- ▶ Poder executivo
- ▶ Poder judicial

2- Institui a República como forma de governo

3- Determina a eleição do Presidente e do Congresso

- ▶ A Constituição é a aplicação prática das ideias iluministas que determinam a liberdade e soberania do povo, que é expressa através do voto

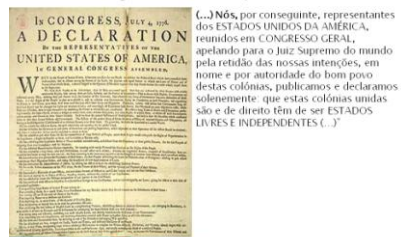
- ▶ Esta revolução terá repercussões a nível mundial

### A Influência da Revolução na Bandeira dos EUA



As listas representam as 13 colônias dos EUA e as 50 estrelas os Estados que atualmente compõem o país.

### Declaração da Independência



### Cronologia

- ▶ 1763- finalizou a guerra dos 7 anos, entre a Inglaterra e a França
- ▶ 1773 - Boston Tea Party
- ▶ 1776 - Aprovação da Declaração da Independência
- ▶ 1787 - A Inglaterra reconhece a independência aos EUA
- ▶ 1787 - Aprovada a Constituição Americana

Ficha de trabalho das aulas de História lecionadas em 17 de abril

8º ano

Disciplina: História

Data: 17 de abril de 2013

Nome do(a) aluno(a): \_\_\_\_\_

FICHA DE TRABALHO

1- Observa o mapa



a) Indica o número de colónias inglesas na América

_____
_____
_____
_____

b) Refere o nome de quatro dessas colónias.

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

2- Refere os elementos que uniu as colónias americanas.

---

---

3- Completa os espaços com a(s) palavra(s) certa(s):

3.1 - As colónias do centro e norte dedicavam-se aos setores \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_, por isso não recorriam muito à mão de obra escrava.

3.2 – As Colónias do sul dedicavam-se mais à atividade \_\_\_\_\_, plantações de tabaco e algodão. A mão de obra era principalmente composta por escravos com origem africana.

4- Quais os motivos de descontentamento dos colonos? (Assinala como um X a(s) alínea(s) correta(s):

- a) A Inglaterra proibiu os colonos de ocuparem os territórios ganhos aos franceses
- b) As colónias não podiam fazer trocas comerciais com a metrópole
- c) As colónias só podiam fazer trocas comerciais com a metrópole (Inglaterra)
- d) A Inglaterra exigia que os colonos deixassem de ter escravo
- e) Criaram novas taxas sobre o açúcar, chá e papel selado

5- Observa a imagem e lê o texto



Em 1773 um grupo de colonos de Boston, disfarçados de índios, lançou à água um carregamento de chá de 3 navios ingleses. Este episódio de insubordinação marcou o arranque da revolução americana e a luta pela independência das colónias relativamente ao domínio inglês.

Qual o nome deste episódio?

---

6- Completa os espaços:

Em Filadélfia, foi aprovada em congresso a Declaração da \_\_\_\_\_, sob orientação de Thomas Jefferson, iniciando um conflito militar com a Inglaterra. A França apoiou os colonos o que lhes facilitou a vitória. Após oito anos de batalha – em 1787 – foi assinado o Tratado de Paz, em Versalhes. A Inglaterra reconhece a independência aos EUA.

A forma de Governo instituída foi a \_\_\_\_\_. A Constituição Americana prevê a \_\_\_\_\_ de poderes.

7- Comenta a frase:

A Constituição é a aplicação prática das ideias iluministas.

---

---

## Anexo 10 – Questões relativas à matéria lecionada por mim em 17 de abril incluídas no teste sumativo de História e grelha de correção das mesmas

### Questões do teste sobre a Revolução Americana

1. Lê o documento e observa a imagem:



O nascimento de um novo mundo está ao alcance das nossas mãos [...]. A distância com que o Criador separou a Inglaterra da América é uma prova natural de que a autoridade de uma sobre a outra nunca esteve nos desígnios da Providência [...]. Há algo de absurdo em supor

que um continente possa ser perpetuamente governado por uma ilha.

Thomas Paine, *O Senso Comum*

1.1. Indica os motivos que levaram os colonos ingleses da América do Norte a proclamar a Declaração da Independência, em 1776.

---

---

---

1.2. Explica o significado do acontecimento representado na imagem.

---

---

---

2. Lê o documento:

Nós, o povo dos Estados Unidos [...], ordenamos e estabelecemos a seguinte Constituição:

Artigo 1º: Todos os poderes legislativos [...] serão confiados a um Congresso [...].

Artigo 2º: O poder executivo será confiado a um Presidente [...].

Artigo 3º: O poder judicial dos EUA será confiado a um Supremo Tribunal.

Extraído da Constituição dos EUA (1787)



2.1. Descreve os princípios políticos presentes na Constituição de 1787.

---

---

---

2.2. Avalia a importância da independência dos Estados Unidos da América.

---

---

---

Conteúdos das questões: as colónias inglesas: revolta e independência; causas da revolução americana; a importância do episódio “Boston Tea Party; a importância da Constituição americana e os princípios que nela estão consagrados; o regime político adotado pelos EUA após a independência; a importância e significado da Revolução Americana

Objetivos das questões: Localizar no tempo e no espaço a Revolução Americana; Identificar as causas da Revolução Americana; Realçar a importância do episódio conhecido por “Boston Tea Party”; Definir Constituição; Identificar o regime político adotado pelos E.U.A. após a independência; Referir os princípios definidos na Constituição; Avaliar o significado da Revolução Americana.

Grelha de correção das questões relativas à matéria lecionada em 17 de abril

de 2013

Questão	1.1	1.2	2.1	2.2
Cotação	12	8	8	10
<u>Aluno A</u>	4	6	3	0
<u>Aluno B</u>	0	7	4	0
<u>Aluno C</u>	0	4	4	0
<u>Aluno D</u>	0	6	0	5
<u>Aluno E</u>	0	3	0	0
<u>Aluno F</u>	1	3	4	0
<u>Aluno G</u>	0	4	1	0
<u>Aluno H</u>	4	4	4	8
<u>Aluno I</u>	0	0	0	0
<u>Aluno J</u>	12	8	6	1
<u>Aluno L</u>	0	1	4	0
<u>Aluno M</u>	—	—	—	—
<u>Aluno N</u>	8	6	8	10
<u>Aluno O</u>	3	6	0	1
<u>Aluno P</u>	3	7	4	0
<u>Aluno Q</u>	0	4	4	0
<u>Aluno R</u>	—	—	—	—
<u>Aluno S</u>	0	4	4	0
<u>Aluno T</u>	0	2	0	0
<u>Aluno U</u>	12	8	3	0
<u>Aluno V</u>	0	6	4	0
<u>Aluno X</u>	0	1	0	0
<u>Aluno Z</u>	0	0	0	0
<u>Aluno K</u>	0	0	4	0
<u>Aluno Y</u>	0	8	1	9

## Anexo 11 – Planificação das aulas lecionadas em 29 de maio de 2013

### PLANO DE AULA

Disciplina: História  
Unidade: G- O Arranque da Revolução Industrial e o Triunfo das Revoluções Liberais  
Subunidade: As revoluções Liberais  
N.º de blocos (45') previstos: 2                      LIÇÕES N.º 87,88      Ano:8º  
Turma:                                      DATAS: 29 de maio de 2013  
Professor observado: Ana Margarida Silva Neves Loureiro  
Professor Cooperante:

#### ***Conceito-chave e situação-problema / desafio***

**Situação problema** – Caracterizar a reação absolutista e a Guerra Civil em Portugal. Perceber o triunfo do liberalismo.

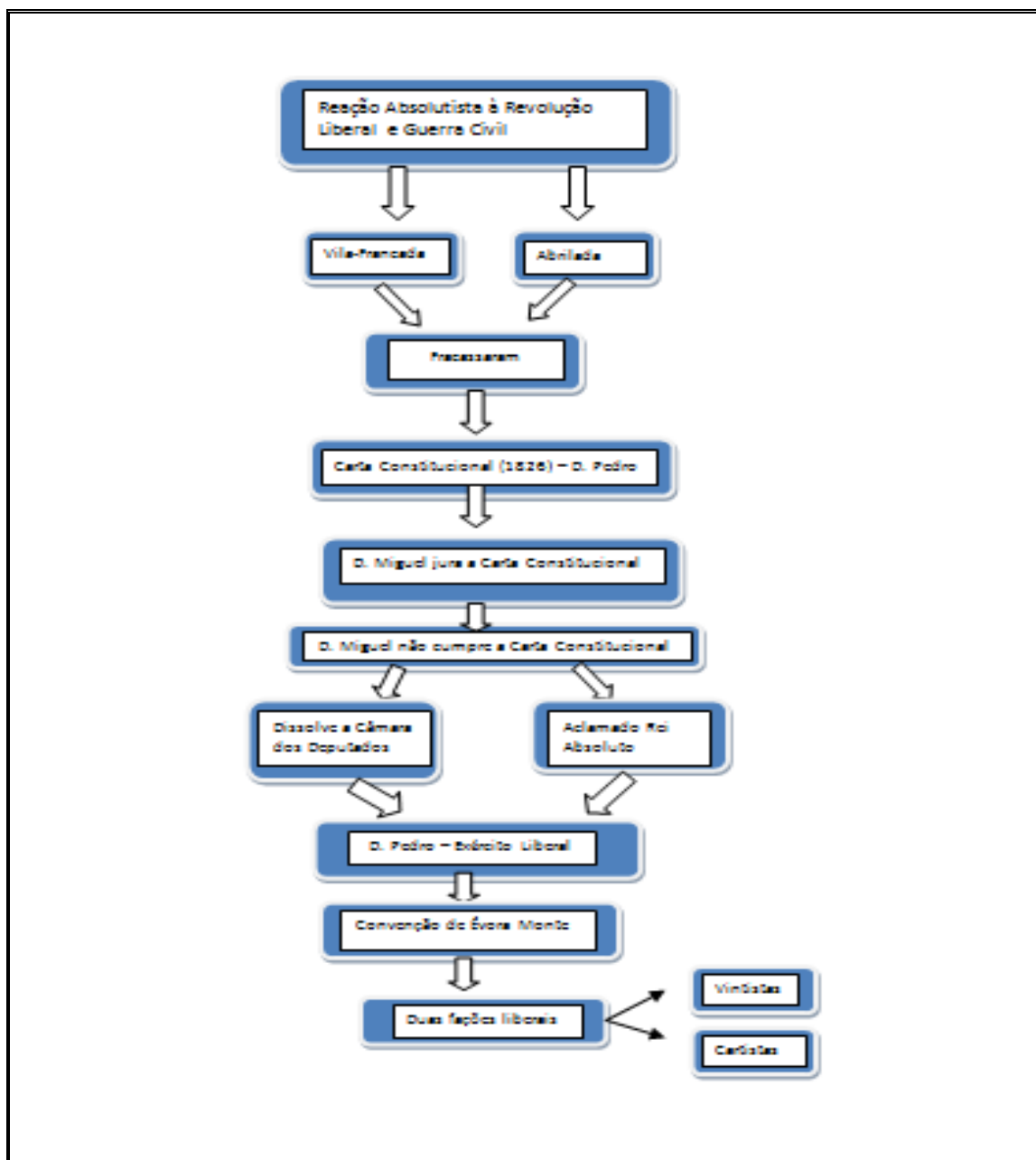
**Questão Estruturante** – Como se processou a reação absolutista e a guerra civil? De que forma triunfou o liberalismo?

**Conceitos-Chave:** reação absolutista, guerra civil, monarquia constitucional, legislação liberal

#### ***Metas de aprendizagem a desenvolver na aula***

- Descrever as principais alterações políticas ocorridas em Portugal entre a Revolução de 1820 e o fim da Guerra Civil em 1834.
- Explicar a conflitualidade político-militar, no seio do liberalismo português

### Esquema conceptual para a aula



### Informação nova / conteúdos

<b>Ideias prévias dos alunos</b> (avaliação diagnóstica)	Aferir os conhecimentos que os alunos têm sobre Revolução Liberal Portuguesa, recolhidas através das questões orientadoras colocadas, de forma verbal, no início da aula (motivação inicial)
--	--

<b>Conceitos novos</b>	Vila-Francada Abrilada Carta constitucional Cartistas Vintistas Poder moderador
------------------------	--

### ***Objetivos de aprendizagem***

- Indicar a reação absolutista ao movimento liberal em Portugal
- Conhecer como se processou a Guerra Civil
- Reconhecer a importância da Carta Constitucional de 1826
- Indicar qual a legislação liberal

### ***Sequenciação a dar às aulas: Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos / estratégias***

Método Interrogativo, Método Expositivo Dedutivo, Método Ativo

1.º momento - Transcrição do sumário da aula

2.º momento – Questões orientadoras para aferir os conhecimentos prévios dos alunos sobre a revolução liberal portuguesa, relacionando com os locais visitados, na visita na visita de estudo realizada em 22 de maio de 2013, nomeadamente:

“O que sobre a revolução liberal portuguesa?”; “Que cidade teve uma importância fundamental para o triunfo do liberalismo?”; “Quais os locais que visitaram relacionados com o liberalismo?”

3.º momento- Apresentação do PowerPoint-síntese e de documentário sobre as causas da reação absolutista e a Guerra Civil portuguesa

4.º momento - Análise de PowerPoint sobre a origem da Carta Constitucional de 1826

5.º momento - Análise de artigos da Carta Constitucional, com o objetivo de retirar as ideias fundamentais e indicar as diferenças relativamente à Constituição de 1822, nomeadamente a importância do poder moderador.

6.º momento - Visualização de PowerPoint e de documentário sobre o desembarque de D. Pedro em Portugal e sobre a guerra civil, relacionando com os locais visitados que representam a importância da cidade do Porto nesta época.

7.º momento - Esquema síntese em PowerPoint sobre as instituições liberais e sobre a legislação liberal mais significativa

8º - Transcrição do resumo/síntese sobre a matéria dada

9º momento - Elaboração de ficha de trabalho sobre a matéria dada

10º momento - Correção da ficha de trabalho sobre a matéria dada

### ***Recursos / Fontes***

- Caderno diário
- Manual
- Quadro
- Caneta
- Computador/ Videoprojector
- Documentário
- Ficha de trabalho

### ***Avaliação intercalar***

Questões verbais colocadas aos alunos sobre os conteúdos lecionados

### ***Diferenciação pedagógica***

Questões diretas colocadas aos alunos que revelam mais dificuldades, questões que implicam relacionar conteúdos colocadas aos restantes alunos

### ***Avaliação final***

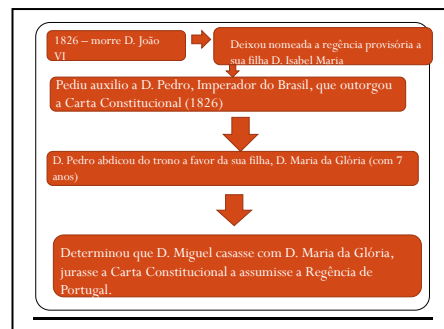
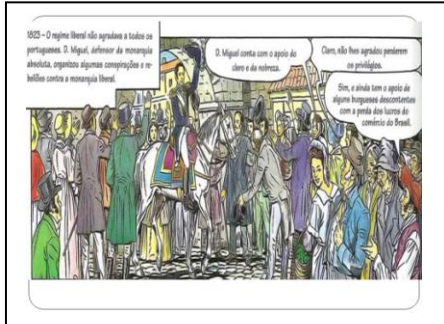
Ficha de trabalho

### ***Sumário***

Reação absolutista à Revolução Liberal de 1820 e Guerra Civil. A Carta Constitucional de 1826. O triunfo da Monarquia Constitucional. Visualização de PowerPoint e de documentários. Ficha de trabalho.

# Anexo 12 - Recursos utilizados nas aulas de História lecionadas em 29 de maio de 2013

## PowerPoint das aulas lecionadas em 29 de maio



**Carta Constitucional**

Art. 11º - Os Poderes Políticos reconhecidos pela Constituição do Reino de Portugal são quatro: o Poder Legislativo, o Poder Moderador, o Poder Executivo e o Poder Judicial.

Art. 12º - Os Representantes da Nação Portuguesa são o Rei e as Cortes Gerais.

Artigo 13º - O poder legislativo compete as Cortes com sanção do Rei

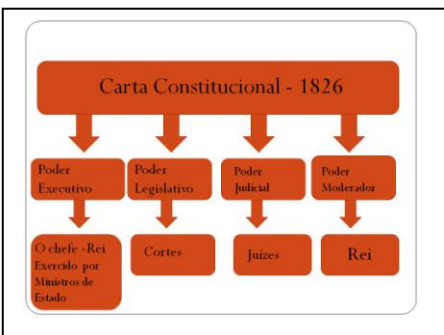
Art. 14º - as cortes compõe-se de duas câmaras: a câmara dos pares e a câmara dos deputados

Art. 34º - A Câmara dos Deputados é eletiva e temporária

Art. 39º - A Câmara dos Pares é composta por membros vitalícios e hereditários, nomeados pelo rei (...)

Art. 74º - O rei exerce o poder moderador:

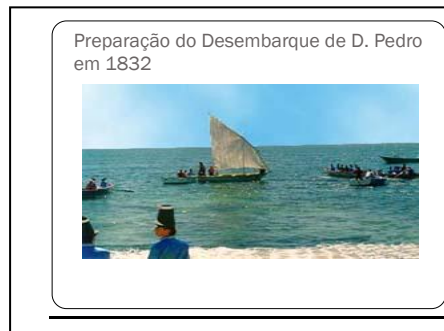
- 1º nomeando os pares sem número fixo
- 2º sancionando os decretos e resoluções das cortes gerais para que tenham força de lei
- 3º Prorrogação ou adiando as Cortes Gerais e dissolvendo a câmara dos deputados



**D. Miguel**

- ➔ Dissolveu a Câmara dos Deputados
- ➔ Convocou cortes que o aclamam rei absoluto.
- ➔ Perseguiu os liberais muitos exiliaram-se e criaram núcleos de resistência liberal.

O Campo dos Mártires da Pátria, antigo Largo do Clival, no Porto, mudou de nome em homenagem aos doze "Mártires da Liberdade" que foram enforcados por ordem dos tribunais absolutistas em 1829



- ### Aprovação de Leis Liberais
- Abolição dos morgadios, da dizima e direitos senhoriais
  - Proteção do comércio e da indústria, através da extinção de monopólios
  - Reforma da administração pública dividindo o país em províncias, comarcas e concelhos.

Ficha de trabalho utilizada nas aulas lecionadas em 29 de maio de 2013

Disciplina: História

8º ano

Data: 29 de maio de 2013

**FICHA DE TRABALHO**

1- Assinala com um X a(s) resposta(s) certa(s):

**1.1 A reação absolutista deveu-se a:**

- a) descontentamento da nobreza e clero
- b) apoio de D. Pedro
- c) divisão interna dos liberais
- d) Falta e apoio da nobreza e clero
- e) falta de recursos que vinham do Brasil, devido à independência

2- Completa os espaços:

A rainha Carlota Joaquina, ao contrário do seu marido, não jurou a Constituição e, tal como o seu filho, D. \_\_\_\_\_ era absolutista . Este dirigiu 2 levantamentos militares para repor o absolutismo: a \_\_\_\_\_(1823) e a \_\_\_\_\_(1824). Ambos fracassaram e D. Miguel mandado para o exílio.

3- Quando D. João VI morre, deixou a regência à sua filha Maria Isabel. Esta pede auxílio a D. Pedro IV. Que documento outorgou D. Pedro IV?

---

---

---

4- Lê atentamente os artigos da Constituição e da Carta Constitucional de 1826

<b>Constituição de 1822</b>	<b>Carta Constitucional de 1826</b>
Art. 29º - O Governo da Nação Portuguesa é a Monarquia constitucional hereditária, com leis fundamentais, que regulem o exercício dos três poderes políticos.	Art. 11º - Os Poderes Políticos reconhecidos pela Constituição do Reino de Portugal são quatro: o Poder Legislativo, o Poder Moderador, o Poder Executivo e o Poder Judicial.
Art. 30º - Estes poderes são legislativo, executivo, e judicial. O primeiro reside nas Cortes com dependência da sanção do Rei. O segundo está no Rei e nos Secretários de Estado, que o exercitam debaixo da autoridade do mesmo Rei. O terceiro está nos Juizes.	Art. 12º - Os Representantes da Nação Portuguesa são o Rei e as Cortes Gerais.
Art 31º - Cada um destes poderes é de tal	Artigo 13º - O poder legislativo compete às Cortes com sanção do Rei
	Art. 14º - as cortes compõe-se de duas

<p>maneira independente, que um não poderá arrogar a si as atribuições do outro.</p> <p>Art. 32º - A nação Portuguesa é representada em Cortes, isto é, no ajuntamento dos Deputados, que a mesma Nação para esse fim elege com respeito à povoação de todo o território Português.</p>	<p>câmaras: a câmara dos pares e a câmara dos deputados</p> <p>Art. 74º - O rei exerce o poder moderador:</p> <p>1º nomeando os pares sem número fixo</p> <p>2º sancionando os decretos e resoluções das cortes gerais para que tenham força de lei</p> <p>3º Prorrogando ou adiando as Cortes Gerais e dissolvendo a câmara dos deputados</p>
---	--

4.1 Compara a forma como os poderes estavam distribuídos em cada um destes documentos constitucionais.

---



---



---



---



---

5- D. Pedro IV ordena que D. Miguel case com sua filha, D. Maria da Glória, e que jurasse a Carta Constitucional. Como procedeu D. Miguel?

---



---



---

6- Observa o mapa e indica qual o trajeto que D. Pedro fez para libertar Portugal do absolutismo.




---



---



---



---



---



---



---



---

7- Identifica o Tratado de Paz que marcou o triunfo dos libe

---

8- Quem eram os cartistas? E os vintistas?

---

---

---

9 Indica algumas das reformas legislativas que concretizaram o liberalismo definitivamente no nosso país.

---

---

---

Bom Trabalho,

**A professora, Ana Loureiro**

## Anexo 13 – Questões relativas à matéria lecionada por mim em 29 de maio de 2013 incluídas no teste sumativo e grelha de correção das mesmas

### Questões incluídas no teste

5. Observa as imagens – *D. Pedro IV e D. Miguel*



5.1. Descreve os acontecimentos que se seguiram à morte do rei D. João VI.

---

---

---

5.2. Refere as alterações introduzidas pela Carta Constitucional de 1826.

---

---

5.3. Enumera as 2 facções presentes na guerra civil de 1832–1834, bem como, os líderes de cada facção.

---

---

6. Identifica a cidade cercada pelas forças absolutistas durante a guerra civil 1832-1834.

---

---

7. Refere o desfecho dessa guerra e a facção vencedora.

---

---

8. Apresenta as principais reformas de Mouzinho da Silveira.

---

---

Conteúdos das questões: a Reação absolutista e a Guerra Civil de 1832-34; o triunfo da monarquia constitucional e das instituições liberais

Objetivos das questões: descrever os acontecimentos que se seguiram à morte de D. João IV; referir as alterações introduzidas pela carta Constitucional de 1826; enumerar as duas facções presentes na Guerra Civil; identificar a cidade cercada pelas forças absolutistas na Guerra Civil de 1832-34; descrever a Guerra Civil e o seu desfecho; apresentar as principais reformas de Mouzinho da Silveira

Grelha de correção das questões referentes à matéria lecionada em 29 de

maio

Questão	5.1	5.2	5.1	6	7	8
Cotação	8	6	6	3	4	6
<u>Aluno A</u>	7	4	4	3	2	2
<u>Aluno B</u>	6	4	6	3	2	0
<u>Aluno C</u>	0	0	0	3	0	0
<u>Aluno D</u>	7	4	6	3	4	0
<u>Aluno E</u>	0	0	0	0	0	0
<u>Aluno F</u>	0	4	6	0	0	0
<u>Aluno G</u>	0	0	0	0	0	0
<u>Aluno H</u>	_____	_____	_____	_____	_____	_____
<u>Aluno I</u>	2	5	6	3	2	0
<u>Aluno J</u>	6	1	6	3	0	0
<u>Aluno L</u>	0	0	0	0	0	0
<u>Aluno M</u>	0	6	6	3	2	0
<u>Aluno N</u>	7	6	0	3	2	0
<u>Aluno O</u>	0	0	0	3	0	0
<u>Aluno P</u>	0	4	0	3	0	0
<u>Aluno Q</u>	0	0	0	0	0	0
<u>Aluno R</u>	_____	_____	_____	_____	_____	_____
<u>Aluno S</u>	6	4	3	3	0	3
<u>Aluno T</u>	5	3	0	0	2	0
<u>Aluno U</u>	1	4	6	0	2	0
<u>Aluno X</u>	2	4	6	3	2	0
<u>Aluno Z</u>	1	4	0	3	0	0
<u>Aluno Y</u>	1	0	0	0	0	0
<u>Aluno K</u>	0	0	0	0	0	0
<u>Aluno W</u>	1	1	6	3	2	2

Nota: o aluno R não comparecer e o aluno H não efetuou o teste porque este no espaço de inclusão

**Anexo 14 – Guião da visita de estudo “Os Caminhos do Liberalismo” realizada em 22 de maio de 2013**



Escola EB 2/3 do Viso

Disciplinas de Geografia e História

Guião do aluno

Nome: \_\_\_\_\_

N.º \_\_\_\_\_

Turma: \_\_\_\_\_

*Visita de Estudo*  
*Centro Histórico do Porto*  
*“Os caminhos do Liberalismo”*



*8º Ano*

*22 de Maio de 2013*

## ***Introdução***

A visita de Estudo ao Centro Histórico do Porto implica uma interdisciplinaridade entre as disciplinas de História e Geografia, e incide sobre o subtema de Geografia – Áreas de Fixação Humana – cidade e do tema de História o Liberalismo. Tem como finalidade verificar os fenómenos espaciais que se desenvolveram e desenvolvem na cidade do Porto e a singularidade da sua paisagem, através da observação e contacto diretos com a realidade da cidade, ao mesmo tempo que consolida conteúdos históricos que caracterizam essa mesma cidade.

### ***Objetivos:***

- Observar, descrever e interpretar o meio urbano da cidade do Porto, no espaço, tempo, concretamente;
- Ler e interpretar mapa e fotografias das zonas da cidade a visitar;
- Identificar fases do Liberalismo;
- Observar, in loco, os locais relacionados com o liberalismo;
- Identificar património histórico e cultural local;
- Desenvolver competências de socialização fora do espaço escola e sala de aula, com os professores e com os colegas.

### ***Material necessário:***

- Caneta ou lápis e borracha.
- Bloco de notas ou caderno.
- Guião e mapas.
- Máquina fotográfica.

## ***Itinerário***

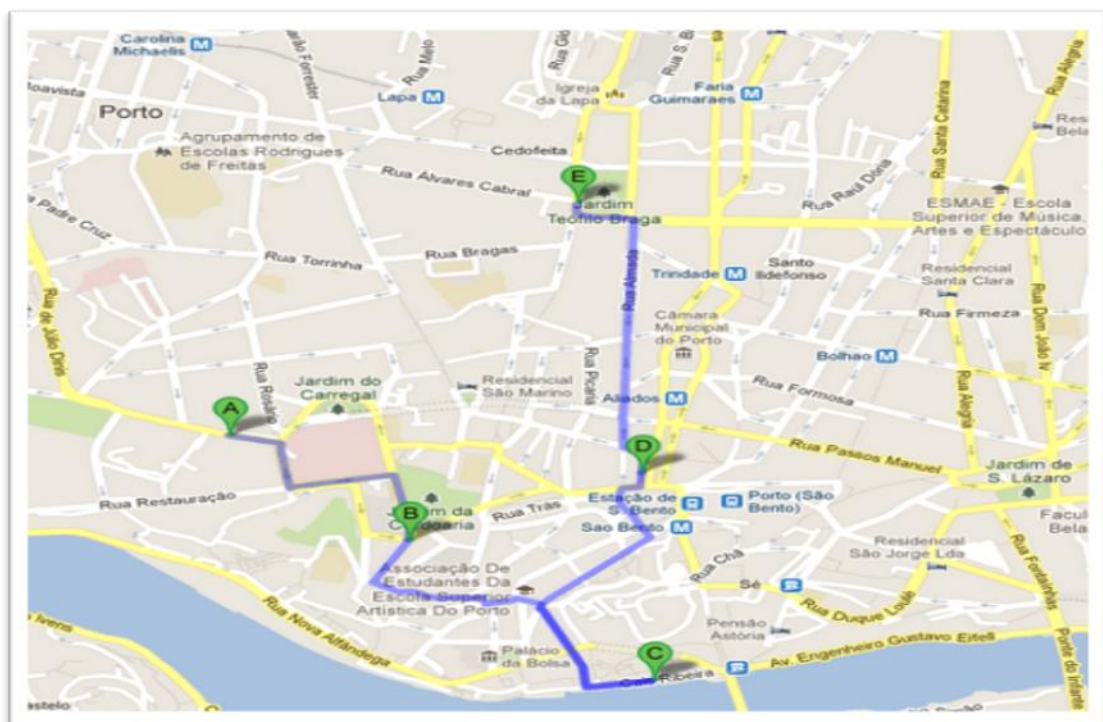
Partida: 14:15h- Escola EB 2/3 do Viso

Meio de Transporte: metro/ autocarro

### ***Percurso a pé:***

- **R. D. Manuel II:** observação do atual Museu Soares dos Reis, que durante a guerra civil liberal foi a residência e quartel de D. Pedro IV, sendo conhecido então como Palácio das Carrancas.
- **Campo dos Mártires da Pátria:** referência aos liberais enforcados aquando do terror miguelista, os *mártires da Pátria*.
- **R. Barbosa de Castro – Passeio das Virtudes:** observação da casa onde nasceu Almeida Garrett, poeta romântico portuense e soldado das tropas liberais.
- **Ribeira:** o acontecimento da Ponte das Barcas e *alminhas* que perpetuam a memória do desastre ocorrido durante a 2ª invasão francesa.
- **Praça da Liberdade:** explicação que esta praça foi o antigo Campo das Hortas, depois Praça Nova e ainda Praça de D. Pedro IV. Observação da Estátua de D. Pedro IV.
- **Praça da Republica:** Na Praça da República tiveram lugar diversos acontecimentos político-militares, especialmente em 1820, onde decorreu a concentração das tropas liberais.

***Chegada:*** 18:20H Escola EB 2/3 do Viso



## ***Regras:***

- Respeitar os colegas e professores;
- Comportar-se ordeiramente e com civismo;
- Permanecer sempre junto dos colegas de turma e professores;
- Seguir estritamente as indicações dadas pelo professor;
- Realizar as tarefas propostas no guião da visita de estudo.

Vamos percorrer o Porto do Liberalismo!!



## ***Centro Histórico do Porto***

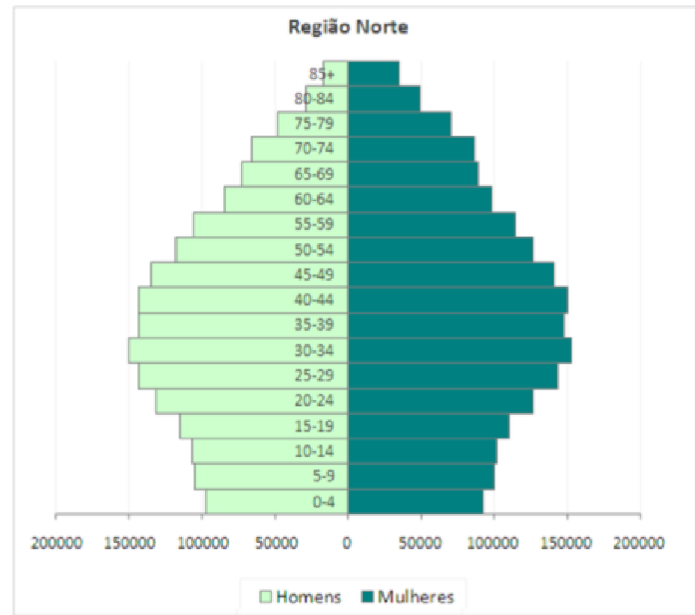
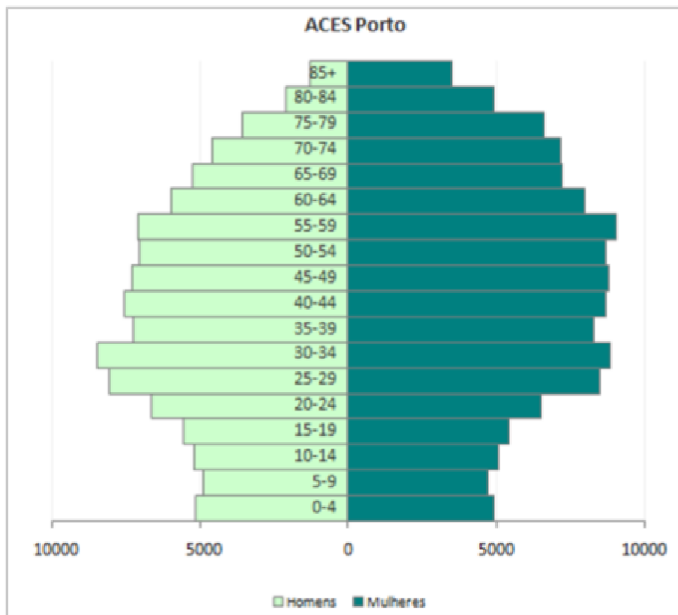
Um pouco de Geografia

O **Porto** é uma cidade portuguesa situada no noroeste da Península Ibérica, sede do município homónimo com 41,66 km<sup>2</sup> de área, tendo uma população de 237.584 habitantes (2011). A cidade é a capital do Distrito de Porto, da Área Metropolitana do Porto e da região estatística do Norte, sub-região do Grande Porto. A cidade metrópole, constituída pelos municípios adjacentes que formam entre si um único aglomerado urbano, conta com cerca de 1.286.276

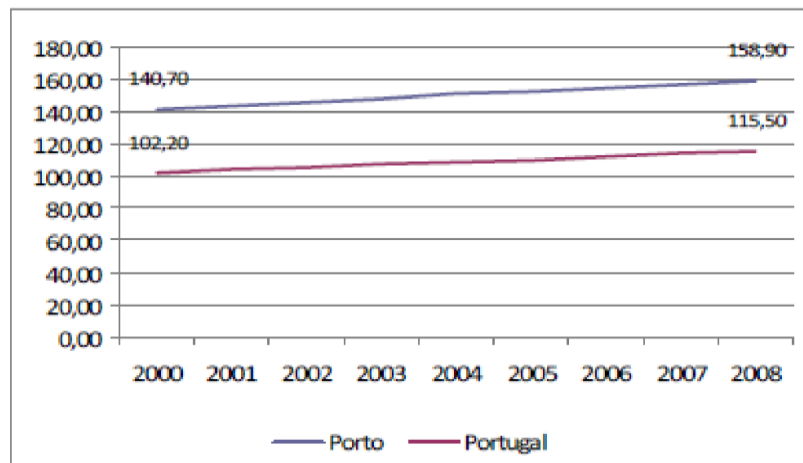
habitantes, o que a torna a maior do noroeste peninsular e a segunda maior de Portugal, após a Grande Lisboa.

## Os principais indicadores demográficos

### Pirâmides etárias do Concelho do Porto e Região Norte 2001



### Evolução do índice de dependência de idosos em Portugal e no concelho do Porto



## ***Centro Histórico do Porto***

Tem origem num povoado pré-romano. Na época romana designava-se Cale ou Portus Cale, sendo a origem do nome de Portugal. No ano de 868, Vímara Peres, fundador da terra portuguesa, teve uma importante contribuição na conquista do território aos Mouros, restaurando assim a cidade de Portucale. Em 1111, D. Teresa, mãe do futuro primeiro rei de Portugal, concedeu ao bispo D. Hugo o couto do Porto. Das armas da cidade faz parte a imagem de Nossa Senhora. Daí o facto de o Porto ser também conhecido por "cidade da Virgem", epítetos a que se devem juntar os de "Antiga, Mui Nobre, Sempre Leal e Invicta", que lhe foram sendo atribuídos ao longo dos séculos e na sequência de feitos valorosos dos seus habitantes, e que foram ratificados por decreto de D. Maria II de Portugal. Foi dentro dos seus muros que se efetuou o casamento do rei D. João I de Portugal com a princesa inglesa D. Filipa de Lencastre. A cidade orgulha-se de ter sido o berço do infante D. Henrique, o navegador. Desempenhou um papel fundamental na defesa dos ideais do liberalismo nas batalhas do século XIX. Aliás, a coragem com que suportou o cerco das tropas miguelistas durante a guerra civil de 1832-34 e os feitos valorosos cometidos pelos seus habitantes -- o famoso Cerco do Porto valeram-lhe mesmo a atribuição, pela rainha D. Maria II, do título -- único entre as demais cidades de Portugal -- de Invicta Cidade do Porto (ainda hoje presente no listel das suas armas), donde o epíteto com que é frequentemente mencionada por antonomásia - a «Invicta»). Alberga numa das suas muitas igrejas - a da Lapa - o coração de D. Pedro IV de Portugal, que o ofereceu à população da cidade em homenagem ao contributo dado pelos seus habitantes à causa liberal. Devido aos sacrifícios que fizeram para apoiar a preparação da armada que partiu, em 1415, para a conquista de Ceuta, tendo a população do Porto oferecido aos expedicionários toda a carne disponível, ficando apenas com as tripas para a alimentação, tendo com elas confeccionado um prato saboroso que hoje é menu obrigatório em qualquer restaurante. Os naturais do Porto ganharam a alcunha de "tripeiros", uma expressão mais carinhosa que pejorativa.

## ***Rua D. Manuel II***

Poucos anos após o levantamento do cerco miguelista, mais precisamente em 1838, a Câmara do Porto, evocando a vitória liberal, determinou que a Rua dos Quartéis, hoje de D. Manuel II, passasse a ostentar a designação de

Rua do Triunfo. O topónimo então despromovido - Rua dos Quartéis - tivera origem num conjunto de edifícios destinados a aquartelamento militar que ali haviam sido erguidos pelos finais do século XVII.

À exceção de um portal de granito - cujo estilo tem fundamentado a presunção de que a obra remonta ao século XVII -, pouco resta destes primitivos quartéis, substituídos pelo atual edifício da Reitoria da Universidade do Porto, onde esteve sediado, desde o início de Oitocentos, o Regimento de Infantaria 6.

Nos anos que antecederam o Cerco do Porto, de 1829 a meados de 1832, o governo miguelista instalou aqui o Regimento de Infantaria 19, depois novamente substituído pelo anterior, que só veio a ceder o edifício, já neste século, ao Batalhão de Metralhadoras 3.



### ***Campo dos Mártires da Pátria***

O Campo dos Mártires da Pátria, antigo Largo do Olival, no Porto, mudou de nome em homenagem aos doze "Mártires da Liberdade" que foram enforcados por ordem dos tribunais miguelistas em 1829, e entre os quais se destaca António Bernardo de Brito e Cunha (1781-1829)



## ***Rua Barbosa de Castro***

Passeio das Virtudes: observação da casa onde nasceu Almeida Garrett, poeta romântico português e soldado das tropas liberais.



## ***Ribeira***

A chamada **Ponte das Barcas** foi uma ponte sobre o Rio Douro que existiu na cidade do Porto no início do século XIX, construída sobre barcaças.

A necessidade de haver uma travessia para a margem Sul do Douro para circulação de pessoas e mercadorias do Porto, constituiu uma preocupação permanente ao longo dos séculos. Ao longo dos tempos houve várias "pontes das barcas" construídas para determinados propósitos, como a rápida deslocação de contingentes militares. No entanto, por regra a travessia do Douro fazia-se com recursos a barcos, jangadas, barcaças ou batelões.

A **Ponte das Barcas**, construída com objetivos mais duradouros, foi projetada por Carlos Amarante e inaugurada a 15 de Agosto de 1806. Era constituída por vinte barcas ligadas por cabos de aço e que podia abrir em duas partes para dar passagem ao tráfego fluvial.

Foi nessa ponte que se deu a tristemente célebre catástrofe da **Ponte das Barcas**, em que milhares de vítimas pereceram quando fugiam, através da ponte, às cargas de baioneta das tropas da segunda invasão francesa, comandada pelo marechal Soult, em 29 de Março de 1809. Mais de quatro mil pessoas morreram.

Reconstruída depois da tragédia, a **Ponte das Barcas** acabaria por ser substituída definitivamente pela Ponte Pênsil em 1843.



## ***Praça da Liberdade***

Anteriormente, a atual Praça da Liberdade designou-se por *Casal* ou *Lugar de Paio de Novais e Sítio* ou *Fonte da Arca* (durante o século XV); *Lugar* ou *Praça da Natividade* (depois de 1682, devido à fonte lá construída nesse ano); *Quinta*, *Campo* ou *Sítio das Hortas* (até 1711); *Praça Nova das Hortas* (depois de 1711); *Praça da Constituição* (1820); *Praça de D. Pedro IV* (1833) e, ainda que por poucos dias, *Praça da República* (13 de outubro de 1910). A designação presente — Praça da Liberdade — foi adotada em 27 de outubro de 1910. O nome é uma alusão ao sistema republicano de governo.



## ***Infantaria 18 – Quartel (Praça de Santo Ovídeo)***

Foi no Porto, que surgiu o Sinédrio (associação secreta de cariz liberal), que prepara a revolução de 24 de agosto de 1820, liderada por Fernandes Tomás. Juntam-se a ele José da Silva Carvalho, José Ferreira Borges e os militares Comandante do Regimento de Infantaria 18, Castro e Sepúlveda, o Brigadeiro António Silveira e o Coronel Cabreira. O Regimento de Infantaria 18 estava situado no Quartel da Praça de Santo Ovídeo (agora denominada Praça da República). E é assim que na manhã do dia 24 de agosto de 1820 aqui, nesta Praça e neste Quartel, toda a guarnição do Porto jura fidelidade ao liberalismo e se forma uma Junta Provisional do Governo Supremo do Reino.

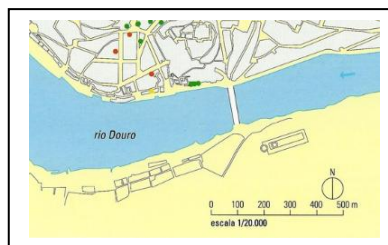


Verifica se sabes ...

Assinala com um X resposta certa

**A planta da Ribeira do Porto é do tipo**

- a) Ortogonal
- b) Irregular
- c) Radioconcêntrica



### **Rua D. Manuel II**

Poucos anos após o levantamento do cerco miguelista, mais precisamente em 1838, a Câmara do Porto, evocando a vitória liberal, determinou que a Rua dos Quartéis, hoje de D. Manuel II, passasse a ostentar a designação de...

- a) Rua do Triunfo
- b) Rua do Absolutismo

### **Campo dos Mártires da Pátria**

O Campo dos Mártires da Pátria, antigo Largo do Olival, no Porto, mudou de nome em homenagem aos doze "Mártires da Liberdade"

- a) Que foram enforcados por ordem dos tribunais liberais
- b) Que foram enforcados por ordem dos tribunais miguelistas

### **Rua Barbosa de Castro**

No Passeio das Virtudes podemos observar a casa

- a) Onde nasceu Eça de Queirós
- b) Onde nasceu Almeida Garrett

### **Ribeira**

A catástrofe da Ponte das Barcas aconteceu quando

- a) As pessoas fugiam dos ataques das tropas francesas
- b) As pessoas fugiam dos ataques das tropas inglesas

### **Praça da Liberdade**

Em 1833 a Praça da Liberdade teve a designação de

- a) Praça de D. Pedro IV
- b) Praça de D. Miguel

## Infantaria 18 – Quartel (Praça de Santo Ovídeo)

Foi no Quartel localizado na Praça de Santo Ovídeo (atual Praça da República) que em 1820...

- a) Os militares juraram fidelidade ao absolutismo
- b) Os militares juraram fidelidade ao liberalismo e formaram uma Junta Provisional do Governo Supremo do Reino

Agora ireis fazer a autoavaliação desta visita de estudo. Assinalai com um X o que for mais correto!



<b>AVALIAÇÃO</b>	 Quase Nunca	 Às vezes	 Sempre
<b>Prestei atenção às informações fornecidas.</b>			
<b>Realizei as atividades propostas.</b>			
<b>Revelei autonomia e responsabilidade nas várias fases do percurso.</b>			
<b>Relacionei-me bem com os colegas.</b>			
<b>Relacionei-me com os professores.</b>			

Apreciação global da visita de estudo:

	Muito	Pouco	Nada
Gostei da Visita de Estudo			

O que mais gostei foi:

---


---

O que menos gostei foi:

---

---

## Anexo 15 – Panfleto de divulgação da Conferência “As Alterações Climáticas no Alasca”



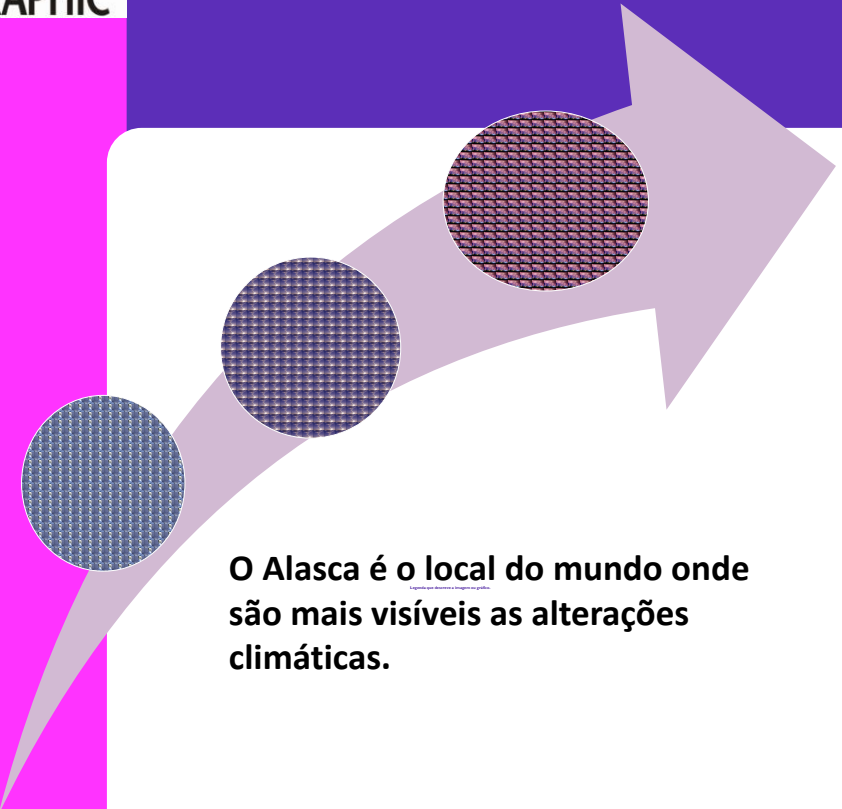
### As Alterações Climáticas no Alasca

Convidado: Professor Doutor João Santos


Local:  
Biblioteca  
Escola do Viso

Data: 24 de  
Maio de 2013  
Hora: 15:00h

Contámos contigo!!



**O Alasca é o local do mundo onde são mais visíveis as alterações climáticas.**



❖ Promotores-Núcleo de Estágio Universidade Portucalense

## Anexo 16 – Questionário de Geografia

### QUESTIONÁRIO

Caro (a) aluno (a),

Somos uma Equipa do Departamento de Ciências da Educação e do Património da Universidade Portucalense e pretendemos obter indicadores sobre metodologias de ensino que os alunos de Geografia (3.º ciclo e secundário) consideram que o professor mais utiliza no contexto das suas aulas. Pedimos a tua colaboração através do preenchimento do questionário que se segue. Não há respostas corretas ou incorretas, todas são válidas, desde que traduzam a tua forma de pensar e de agir. Toda a informação fornecida é estritamente confidencial, não sendo possível fazer a tua identificação individual. Todavia, caso estejas interessado, serás informado sobre os resultados alcançados.

**Desde já agradecemos a tua disponibilidade e colaboração.**

#### PARTE I – CARACTERIZAÇÃO PESSOAL

1 – idade e sexo dos alunos

2 – Sexo:

▪ Feminino

▪ Masculino

3- Frequentas que ano de escolaridade?

7º ano de escolaridade

10º ano de escolaridade

8º ano de escolaridade

11º ano de escolaridade

9º ano de escolaridade

12º ano de escolaridade

4 – Agregado Familiar

Parentesco	Idad	Habilitação	Profissão	Empregado ou Desempregado
Pai				
Mãe				
Outros				

Com quem vives? \_\_\_\_\_

**5 – Percurso Escolar** (Assinala com um **x** e, depois, responde brevemente)

	Sim	Não	
Ficaste retido algum ano?			Qual(is)?
Estudas Geografia todos os dias?			Quanto tempo?
Estudas habitualmente em casa?			Em que local?
Alguém te ajuda a estudar?			Quem?
Tiveste negativas no ano anterior?			Em que disciplina(s)?
Tiveste notas muito boas no ano			Indica quais e que notas tiraste.

**PARTE II – OPÇÕES METODOLÓGICAS NO ENSINO DA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA**

**6. Gostas de Geografia?**

Sim  (responde às questões 6.1 e 6.3) Não  (responde às questões 6.2 e 6.3)

**6.1. Gosto de Geografia porque:** (ordena por ordem de concordância sendo o algarismo **1 o de maior concordância** e o algarismo **4 o de menor concordância**)

- Descubro temas de interesse atual
- Valorizo o que acontece a nível local, regional e no mundo
- Conheço melhor o espaço físico e natural
- Compreendo melhor a relação entre o Homem e o Meio

Outras quais? \_\_\_\_\_

**6.2. Não gosto de Geografia porque:** (ordena por ordem de concordância sendo o algarismo **1 o de maior concordância** e o algarismo **4 o de menor concordância**)

- Os temas abordados não são interessantes
- Os temas são muito abstratos e pouco úteis
- Não gosto de analisar e construir gráficos e mapas
- Tem alguma Matemática

Outras quais? \_\_\_\_\_

**6.3. Que temas de Geografia te despertam mais interesse:** (ordena por ordem de concordância sendo o algarismo **1 o de maior concordância** e o algarismo **8 o de menor concordância**)

- Relevo
- Clima e estado do tempo
- Rios
- Vegetação
- Cidades
- População
- Agricultura e pescas
- Ambiente e Recursos Naturais

Outros, quais? \_\_\_\_\_

7. Com base nas aulas do teu professor de Geografia, preenche a seguinte tabela.

	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes
▪ Já desenhaste e analisaste mapas?				
▪ Já desenhaste e analisaste gráficos?				
▪ Com que frequência vês e comentas filmes/documentários?				
▪ Realizas trabalhos individuais de pesquisa?				
▪ Já trabalhaste em grupo?				
▪ Costumas interpretar mapas, imagens, fotografias, etc.?				
▪ Discutes assuntos nas aulas?				
▪ Realizas debates à volta de uma mesa?				
▪ Já fizeste um trabalho com professores de várias disciplinas?				
▪ Já construístes <i>dossiers</i> temáticos?				
▪ É habitual fazeres resumos?				
▪ Já fizeste visitas de estudo através da internet?				
▪ Já elaboraste trabalhos usando as tecnologias?				
▪ O professor costuma expor a matéria?				
▪ Fazes <i>Portfolio</i> ?				
▪ O teu professor anota as tuas ideias no quadro?				
▪ Fazes trabalhos com um objetivo específico?				
▪ Resolves situações-problema?				
▪ Já saídas de campo?				
▪ Constróis esquemas?				
▪ Recebes convidados nas tuas aulas?				
▪ Participas em conferências sobre temas?				

8. O professor usa tecnologias na sala de aula?

Sim

Não

8.1. Se sim, quais?

PowerPoint

Internet

Quiz

Webquest

Prezi

Outras? Quais? \_\_\_\_\_

Obrigada pela tua colaboração e disponibilidade.

## Anexo 17 – Questionário de História

### QUESTIONÁRIO

Caro (a) aluno (a),

Somos uma Equipa do Departamento de Ciências da Educação e do Património da Universidade Portucalense e pretendemos obter indicadores sobre metodologias de ensino que os alunos de História (3.º ciclo e secundário) consideram que o seu professor mais utiliza nas suas aulas. Pedimos a tua colaboração através do preenchimento do questionário que se segue. Não há respostas corretas ou incorretas, todas são válidas, desde que traduzam a tua forma de pensar e de agir. Toda a informação fornecida é estritamente confidencial, não sendo possível fazer a tua identificação individual. Todavia, caso estejas interessado, serás informado sobre os resultados alcançados.

**Desde já agradecemos a tua disponibilidade e colaboração.**

#### PARTE I – CARACTERIZAÇÃO PESSOAL

1 – Idade..... anos

2 – Sexo:

▪ Feminino

▪ Masculino

3- Frequentas que ano de escolaridade?

7º ano de escolaridade

10º ano de escolaridade

8º ano de escolaridade

11º ano de escolaridade

9º ano de escolaridade

12º ano de escolaridade

4 – Agregado Familiar

Parentesco	Idade	Habilitação académica	Profissão	Empregado ou Desempregado
Pai				
Mãe				
Outros (Quem?)				

Com quem vives? \_\_\_\_\_

**5 – Percurso Escolar** (Assinala com um **x** e, depois, responde brevemente)

	Sim	Não	
Ficaste retido algum ano?			Qual(is)?
Estudas História todos os dias?			Quanto tempo?
Estudas habitualmente em casa?			Em que local?
Alguém te ajuda a estudar?			Quem?
Tiveste negativas no ano anterior?			Em que disciplina(s)?
Tiveste notas muito boas no ano anterior?			Indica quais e que notas tiraste.

**PARTE II – OPÇÕES METODOLÓGICAS NO ENSINO DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA**

**6. Gostas de História?**

Sim  (responde às questões 6.1 e 6.2) Não  (responde às questões 6.3 e 6.4)

**6.1. Gosto de História porque: (seleciona três opções)**

- Descubro temas de interesse atual
  - Valorizo o que aconteceu no passado
  - Compreendo melhor a presença de alguns monumentos na nossa região
  - Conheço homens e mulheres importantes
  - Gosto de conhecer o quotidiano dos Homens da História
  - Consigo encontrar semelhanças com o que se passa no presente
  - Gosto de batalhas e das suas descrições
  - A história faz-me pensar
  - Gosto de ler documentos antigos
- Outras quais? \_\_\_\_\_

**6.2. Que temas de História te despertam mais interesse: (seleciona três opções)**

- Pré-história e arqueologia
  - Sociedades recolectoras
  - Civilização greco-romana
  - Idade Média
  - Renascimento
  - Temas de arte
  - Descobrimientos
  - Liberalismo
  - Revolução Industrial
- Outros, quais? \_\_\_\_\_

6.3. Não gosto de História porque: **(seleciona três opções)**

- Os temas abordados não são interessantes
- Não valorizo o passado
- Não me interessa conhecer o quotidiano dos Homens da História
- Os temas são muito teóricos e pouco úteis
- Não consigo encontrar semelhanças com o que se passa no presente
- Não gosto de batalhas e das suas descrições
- A história obriga a muita memorização
- Não gosto de ler documentos antigos

Outras quais? \_\_\_\_\_

6.4. Que temas de História gostas menos: **(seleciona três opções)**

- Pré-história e arqueologia
- Sociedades recolectoras
- Civilização greco-romana
- Idade Média
- Renascimento
- Temas de arte
- Descobrimientos
- Liberalismo
- Revolução Industrial

Outros, quais? \_\_\_\_\_

7.Com base nas aulas do teu professor de História , preenche a seguinte tabela.

	Nunca	Poucas vezes	Algumas	Muitas vezes
▪ Já desenhaste e analisaste mapas?				
▪ Já tocaste em objetos arqueológicos?				
▪ Com que frequência vês e comentas filmes/documentários?				
▪ Realizas trabalhos individuais de pesquisa?				
▪ Costumas fazer a análise de documentos?				
▪ Elaboras e analisas tabelas cronológicas/ cronologias?				
▪ Já trabalhaste em grupo?				
▪ Costumas interpretar imagens, fotografias, etc.?				
▪ Fazes representações teatrais na sala de aula?				
▪ É habitual veres imagens/ objetos antigos?				
▪ Discutes assuntos nas aulas?				
▪ Realizas debates à volta de uma mesa?				
▪ Já descreveste a vida de personalidades?				
▪ Já fizeste um trabalho com professores de várias disciplinas?				
▪ Já elaboraste e analisaste gráficos?				
▪ Já construístes <i>dossiers</i> temáticos?				
▪ Já construístes um dicionário de conceitos/ glossário?				
▪ É habitual fazeres resumos?				
▪ Já fizeste visitas de estudo através da internet?				
▪ Já elaboraste trabalhos usando as tecnologias?				
▪ O professor costuma expor a matéria?				
▪ Fazes <i>Portfolio</i> ?				
▪ O teu professor anota as tuas ideias no quadro?				
▪ Fazes trabalhos com um objetivo específico?				
▪ Resolves situações-problema?				
▪ Já simulaste situações históricas?				
▪ Constróis esquemas?				
▪ Recebes convidados nas tuas aulas?				
▪ Participas em conferências sobre temas?				

**8. O professor usa tecnologias na sala de aula?**

**Sim**

**Não**

**8.1. Se sim, quais?**

**PowerPoint**

**Internet**

**Quiz**

**Webquest**

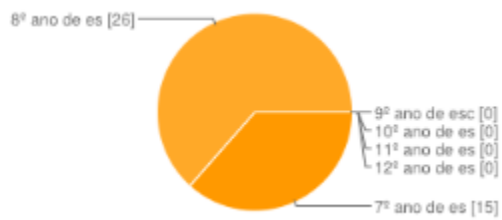
**Prezi**

**Outras? Quais?**

**Obrigada pela tua colaboração e disponibilidade.**

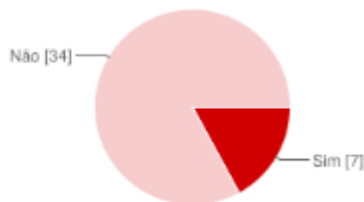
## Anexo 18 – Gráficos

a) Gráfico 7 – Ano de escolaridade



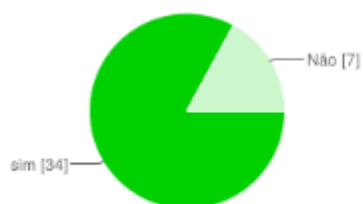
7º ano de escolaridade	15	37%
8º ano de escolaridade	26	63%
9º ano de escolaridade	0	0%
10º ano de escolaridade	0	0%
11º ano de escolaridade	0	0%
12º ano de escolaridade	0	0%

b) Gráfico 8 - Ficaste retido algum ano?



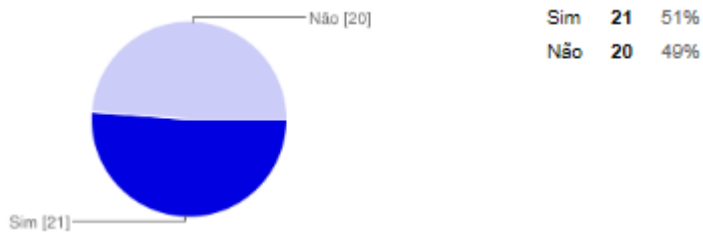
Sim	7	17%
Não	34	83%

c) Gráfico 10- Estudas habitualmente em casa?

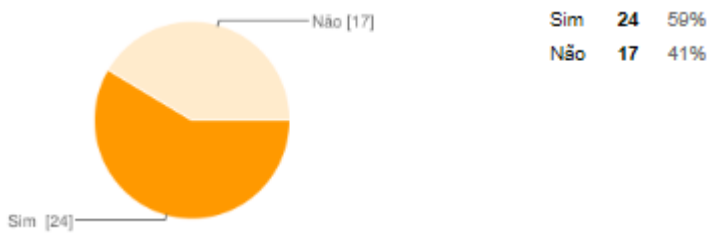


sim	34	83%
Não	7	17%

d) Gráfico 12 - Tiveste negativas no ano anterior?



e) Gráfico 13 - Tiveste boas notas no ano anterior?



f) Gostas de Geografia porque...

Legenda dos gráficos 15 a 18: 1- Maior concordância com a afirmação; 4 - Menor concordância com a informação

Gráfico 15 - Descubro temas de interesse atual

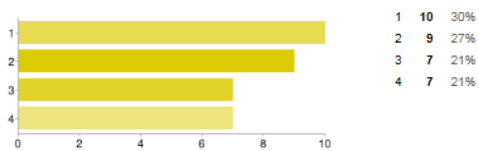


Gráfico 16 - Valorizo o que acontece a nível local

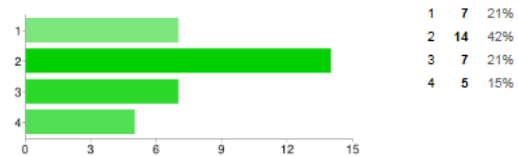


Gráfico 17 - Conheço melhor o espaço físico e natural

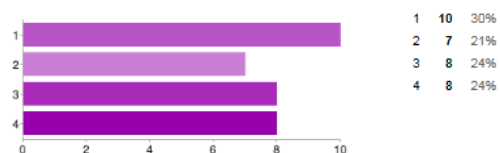
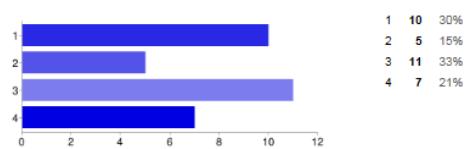


Gráfico 18 - Compreendo melhor a relação entre o Homem e o meio



g) Não gostas de Geografia porque ...

Legenda dos gráficos 19 a 22:

- 1- Maior concordância com a afirmação;
- 4 - Menor concordância com a informação

Gráfico 19- Os temas abordados não são interessantes

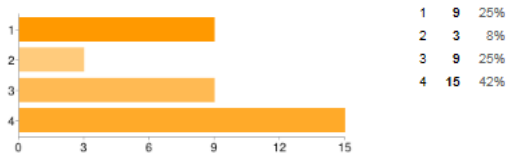


Gráfico 20- Os temas são muito abstratos e pouco úteis

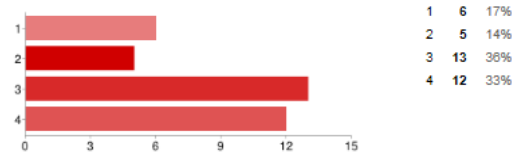


Gráfico 21- Não gosto de analisar e construir gráficos e mapas

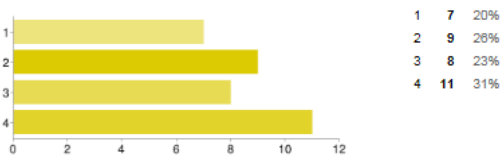
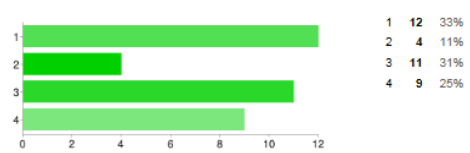


Gráfico 22 - Tem alguma Matemática



h) Que temas de Geografia te despertam mais interesse?

Legenda dos gráficos 23 a 30:

- 1 – Maior concordância com a afirmação;
- 8 - Menor concordância com a afirmação

Gráfico 23- Relevo

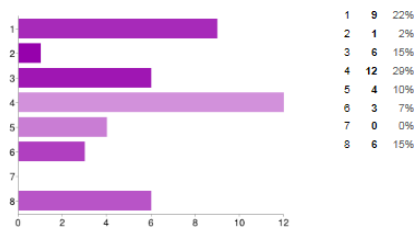


Gráfico 24- Clima e Estado do Tempo

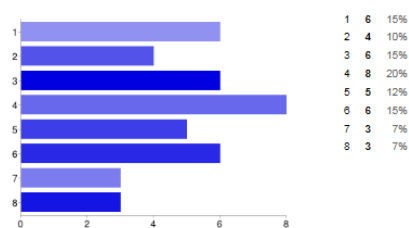


Gráfico 25- Rios

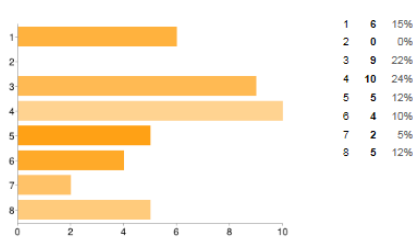


Gráfico 26- Vegetação

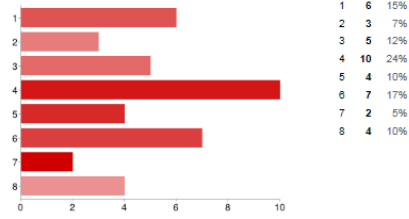


Gráfico 27 - Cidades

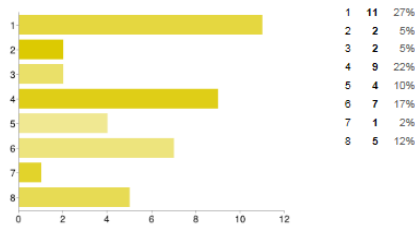


Gráfico 28 - População

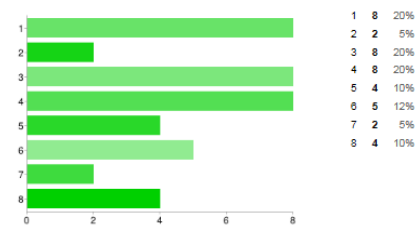


Gráfico 29 - Agricultura e Pescas

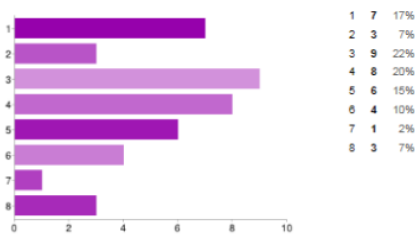
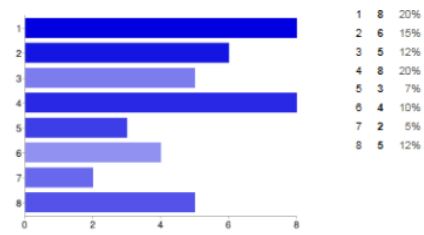
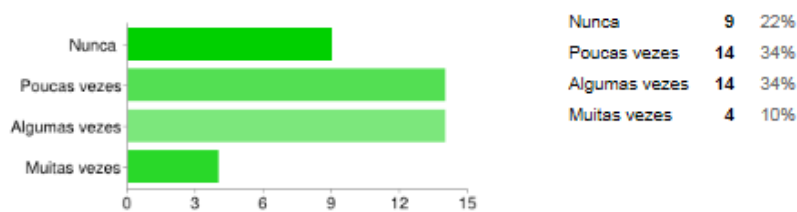


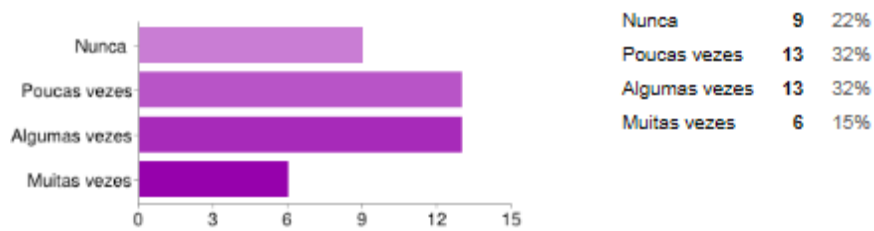
Gráfico 30- Ambiente e Recursos Naturais



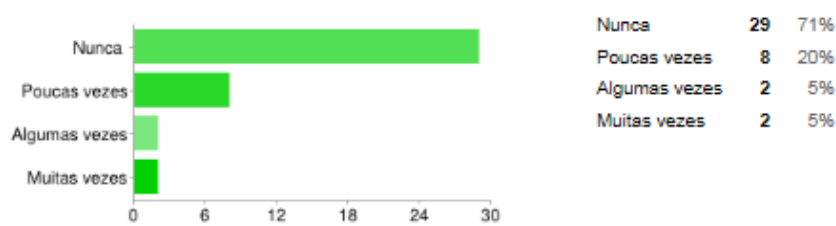
i) Gráfico 34 - Realizas trabalhos individuais de pesquisa?



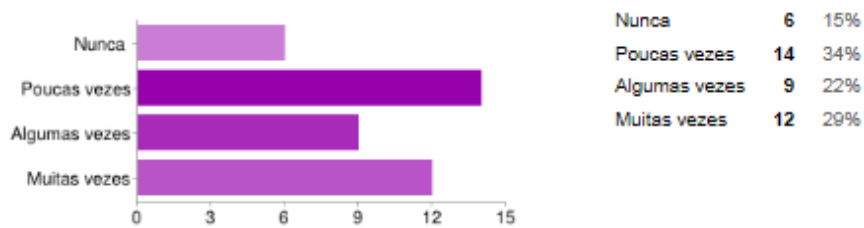
j) Gráfico 35 - Já trabalhaste em grupo?



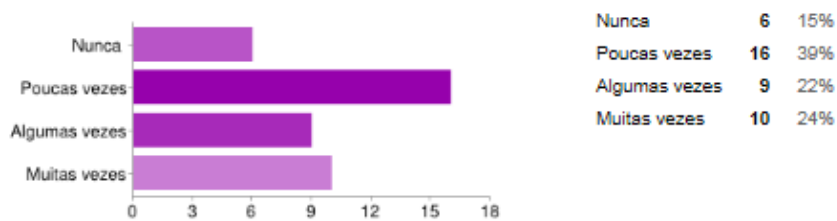
k) Gráfico 40 - Já construístes *dossiers* temáticos?



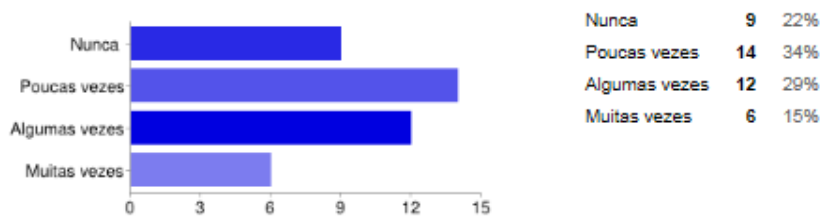
l) Gráfico 41 - É habitual fazeres resumos?



m) Gráfico 47 - Fazes trabalhos com um objetivo específico?



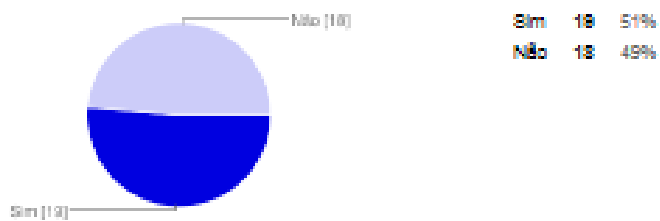
n) Gráfico 48 - Resolves situações-problema?



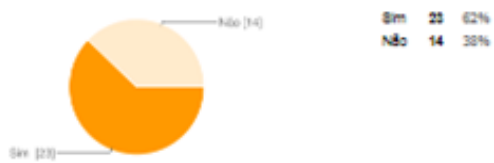
o) Gráfico 56 - Frequentaste que ano de escolaridade?



p) Gráfico 61 – Tiveste negativas do ano anterior?



q) Gráfico 62 – Tiveste muito boas notas no ano anterior?



r) Gráfico 78 - Discutes assuntos nas aulas?

